

***UMA ESTRELA  
UM CAMINHO  
UM PEREGRINO***  
*outros escritos sobre  
o Caminho de Santiago*



***Carlos  
Rodrigues  
Brandão***

*A medida que viaja, o viajante de desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteira e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte no é nunca o mesmo que regressa.*

**Octávio Ianni**  
***Enigmas da modernidade-mundo***<sup>1</sup>

*Já é tempo de dizer nossas poucas palavras  
Porque nossa alma abre velas amanhã*

**Georgos Seféris**  
***Um velho á beira do rio***

*Ele estava só. Estava abandonado, feliz,  
perto do coração selvagem da vida.*

**James Joyce**

---

<sup>1</sup> Publicado pela Editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, em 2000.

## ***ROTEIRO***

***A estrela***

***O caminho***

***Introito***

***Deus***

***Caminho***

***Santiago***

***Peregrinos***

***Peregrino***

***Apóstolo***

***Setas***

***Profecia***

***Mortos***

***Rosalia***

***O peregrino***

***Diário de Peregrino***

***Escritos de um outro viajar***

***A História de Xoana e Júlio***

***A Carta de Tiago***



## *A estrela*

### *Pequenina estrela ali, entre as outras*

Ah! Não seria por mim que nesta noite enfim clareada e quase sem as nuvens do Norte do Mundo, terá vindo brilhar nos céus uma pequenina estrela, quando por um momento deixei o abrigo que me acolheu entre dois trechos do Caminho de Santiago e saí sozinho para a vida e a noite. Dentro do abrigo os outros peregrinos dormem, tomam mais *unha copa de viño*<sup>2</sup> e conversam, quando entre as suas línguas eles se entendem.

Deixei-os e deixei o calor bom o albergue para vir estar por um instante não com as pessoas, mas como as estrelas. E entre as tantas que nesta noite de quase não-nuvens brilham ao longo da Via Láctea - também chamada de Caminho de Santiago – eu me lembrei de esquecer as outras e fixar o meu olhar em uma única.

Minha estrela não era maior e nem mais brilhante do que as outras. E se a escolhi foi apenas porque por um instante passageiro me pareceu que a estrela e eu, um peregrino de repente de parte a parte que nos olhávamos. E em pensamento nós nos falávamos. E nos dissemos o que existe para além das palavras. Habitamos ali, no meio da noite e em um lugar pequenino da Galícia, a aventura do silêncio. E ela era, imagino, tão peregrina quanto eu. E senti que o que de longe a minha estrela entre tantas me dizia no seu luzir, eram apenas palavras de silêncio. E com o meu silêncio a ela eu respondia. Pois há palavras que de tão sonoras e sentidas se calam. E apenas nós as escutamos como algo que antes de passar pelos ouvidos e chegar à mente, passa primeiro pelo coração. Passa, e nele permanece.

Assim também eu pensei que seria, enquanto entre ela e eu houvesse um tão misterioso diálogo. Misterioso, mas em nada um milagre desses que de tão extraordinário logo se descobre que não existe.

---

<sup>2</sup> Palavras e expressões galegas aparecerão em *itálico*. Não vejo necessidade de as traduzir. Em outros momentos, assim como palavras e frases em Espanhol poderão aparecer entre aspas.

E ali ficamos eu não sei durante quanto tempo, pois naquele momento o que menos me interessava era o passar dos segundos. Teria sido um breve minuto? Ou seria o lento caminhar de minutos que se alternam sem pressa e viram horas no meio da noite? E depois, já no calor do abrigo eu pensava: Se é verdade que mesmo daquilo que somos e que habita dentro de nós, nós não sabemos mais do que uma pequenina parcela – um ínfimo fragmento de nós-mesmos mergulhado em tudo o mais que somos, e para o que não temos nem a consciência, nem a clarividência e nem a memória - o que é que acontece em nós com “tudo o mais”? O que é, do que é feito, como existe em nós e entre-nós a imensidão da noite escura de nós mesmos? Quem somos nós quando somos o segredo que é nosso e não sabemos qual é?

Pois agora eu sei que mesmo quando alguém se põe “a caminho” em busca de alguma parcela a mais de “mim-mesmo”, o que se desvela é somente uma pequenina fração-de-mim, antes em silêncio e agora sonora.

E assim também com a estrela que vivi nesta noite e que talvez amanhã eu nem saiba reconhecer entre as tantas do céu. Tudo o que entrevi foi seu pequeno brilho no tecido escuro da noite galega, entre o luzir de outras infinitas iguais estrelas. Iguais, ou em nada iguais à minha pequenina estrela desta noite.

Por um instante pareceu comungarmos o sermos a surpreendente, a inesperada, a maravilhosa e, no entanto, a tão singela experiência de uma interação amorosa que no meio da noite nos fez sermos a substância imaterial de uma mesma realidade. E nos entendemos sem palavras porque eu existo naquela estrela da noite, tanto quanto ela existe em mim.

E foi nesta noite que eu compreendi dentro de mim o que havia lido, ouvido e dialogado tantas e tantas vezes. Se nós nos abirmos a sermos-para-além-de-nós, descobriremos que entre o que há e eu existe muito mais um momento do todo de tudo o que há, do que apenas a presença de um eu solitário em busca de um qualquer outro através de quem eu me descubra.

Uma vez alguém me confiou esta descoberta: sem servos o centro do que existe, mas sendo a consciência que sabe algo de tudo o que há - e que sabe-que sabe, e se sabe sentindo e se sente sabendo - nós somos em alguma dimensão a maneira pela qual as estrelas se pensam como estrelas. E haverá outras, muitas?

E certa outra vez eu li em um poeta que se sabemos em nossa medida ver e compreender a Via Láctea, é porque de algum modo já a temos dentro de nós.

E aqui em mim, e não apenas lá no espaço infinito está a minha pequenina estrela vivida entre um par de momentos da noite na Galícia sob a Via Láctea. O “Caminho de Santiago”, que percorre nos céus a imagem do caminho que trilhamos aqui na Terra. E está aqui em mim, no claro e sonoro luzir de seu silêncio de estrela “lá e aqui”.

Um silêncio em que não falando nada, calada, tão distante e tão próxima, ela me disse tudo.



## *O caminho*

### *Um caminho entre tantos*

Quando você chega vindo de algum lugar da Galícia ou de fora à portaria do monastério de *Sobrado dos Monxes*, é provável que o monge porteiro faça a a você uma pergunta costumeira. Dita em Espanhol ela seria assim: “em que plan vienes?” A tradução literal não soa bem em Português: “em que plano você vem?” Por isso seria melhor traduzi-la por uma destas fórmulas: “O que o trás aqui?”; “qual o seu propósito aqui?”; ou, de forma mais coloquial: “qual é a sua, asmigo?”.

Algumas pessoas, mesmo de fala castelhana, não compreendem a pergunta e eu vi quando estive lá mais de um par de olhos arregalados diante do porteiro. Então o monge desdobra as alternativas escondidas no mistério da pergunta. Você pode chegar “lá” como: um turista, um peregrino ou um hóspede.

Ao turista não cabe mais do que uma manhã, uma tarde ou, no limite, um dia quase inteiro, sobretudo se for um domingo. Um domingo de quem chega tendo vindo para participar – como turista, como fiel devoto ou como a difícil mescla entre um e outro – da solene missa beneditina.

Ao peregrino cabe um lugar para repousar por uma noite em um dormitório coletivo. E que ele parta rumo a Santiago – que já não está longe – na manhã seguinte.

Ao hóspede cabe um quarto exclusivo. Simples e despojado, mas com o conforto de quem busca mais a paz do que o luxo. E ele poderá comer das refeições dos monges em um “comedor” separado, e poderá também compartilhar com eles os vários ofícios canônicos da tradição milenar beneditina, ao longo do dia e da noite.

Cheguei à Abadia de Sobrado do Monxes uma vez como hóspede. Poderia haver chegado antes como peregrino, se não houvesse escolhido me abrigar por uma noite na Abadia de Samos. E lembro que cheguei à Galícia e a Santiago de Compostela várias vezes, vindo de diferentes lugares. Desde 1990, quando estive lá pela primeira vez, até agora, quando escrevo isto já nos “Anos 2000”, eu vivi

na Galícia e morei em Santiago de Compostela e em algumas aldeias de sua vizinhança.

Percorri inúmeros de seus caminhos e não apenas o *Camiño de Santiago*. Convivi com os seus cenários durante cada uma das quatro estações do ano. Molhei o corpo sob as suas muitas chuvas inúmeras vezes, e o sequei com os ventos galegos vindos do mar, e também debaixo de seu ralo sol.

Conheci os seus céus com nuvens, ou límpidos em uma rara clara noite de verão. Aprendi algo de sua história e convivi com a leitura de seus poetas de ontem e de agora. Partilhei a minha vida entre incontáveis e inesquecíveis ocasiões com a *xente galega*. E eles foram sempre foi os melhores instante e os mais inesquecíveis encontro com a vida galega. Bem mais do que as doces e verdes paisagens entre *mares, rias* e *montes* (a palavra galega para bosque), melhor do que sua excelente comida, do que os seus vinhos, e mesmo melhor do que o seu *Camiño* são as *xentes galegas* que tantas vezes os peregrino encontram sem conhecer.

Cheguei aos meus dezoito meses de viver *a e na* Galícia com bastante mais “planes” do que se pode chegar ao grande portal da Abadia de Sobrado do Monxes. Morei em Santiago em duas ocasiões. Vivi lá por quase um ano em 1992, o solene, festejado e contraditado ano “*de los 500 anos de la Conquista de América*”. Vinha para estudar e fazer pesquisas de campo, como dizemos entre antropólogos.

Voltei à Galícia em 1996, agora por conta de uma bolsa de estudos do Governo Espanhol. Antes e depois retornei várias vezes, ora como participante de encontros ou congressos, ora para rever caminhos e cidades, aldeias e amigos. A maior parte dos meses galegos em 1992 e em 1996 foi dedicada a viver a Galícia através de um envolvimento de presença e de intensidade possível.

Em 1992 tomei uma semana inteira “livre de pesquisas e estudos” e a dediquei a “fazer o Caminho de Santiago”. Não dispunha de tempo e, talvez mesmo, de pernas para fazê-lo mais longo, vindo pelo menos de Roncesvales a Santiago, em um mês de caminhada, como é o costume. Saí sozinho de Ponferrada no exato dia de outubro em que os católicos festejam São Francisco

de Assis. Um dia simbólico para mim, pois antes de vir viver meses na Galícia, havia vivido um par deles na Úmbria, em Assis.

Todo o meu Caminho de Santiago foram sete dias entre sol, sombra e chuva. Semanas depois, com cinco amigos de Santa Maria de Ons, onde eu estava realizando a pesquisa de campo, completei o meu *Camiño*, viajando durante três dias desde a pequena igreja de pedras dedicada a Santa Eugénia até às pedras do Cabo Fisterra.

Quase todos os escritos de “estrangeiros”, sejam eles peregrinos de Santiago ou não, costumam ser memórias de viagem. Viagens por entre a geografia de uma região do mundo, ou viagens pelos mundos interiores de quem caminha. Assim, entre os mais místicos, os mais biógrafos e os mais geográficos, quase todos os escritos – publicados um dia, ou nunca - são anotações de passagem onde muitas vezes sobra emoção deslumbrada e falta familiaridade atenta.

Até onde li alguns, vejo que há relatos demais sobre “O Caminho”, e há relatos de menos a respeito da intimidade com a terra, com a gente e com a vida que se vive e partilha ao longo do Caminho de Santiago. Muitos peregrinos sequer sabem que na semana de 25 de julho de cada ano a cidade de Santiago de Compostela comemora com dias e dias de celebrações religiosas, folclóricas e profanas, a *Semana do Apostol*.

Em meus livros anteriores de uma “Sequência Galega”, eu narro e descrevo o que vi e vivi entre aldeias de camponeses e outros moradores, em terras da Amahia, não muito longe de Santiago. E em dois deles procuro criar uma antropológica sobre alguns momentos de fé, festa e celebrações a santos padroeiros da Galícia, A começar pelo próprio apóstolo Santiago.

Neste livro, *Uma Estrela, um Caminho, um Peregrino*, narro o que vivi e descrevo o que vi acontecer. E agora não apenas sobre uma paisagem natural e humana que ao longo dos anos tornou-se familiar para mim. Observo o que vi e vivi durante o trajeto percorrido, entre os passos do Caminho e os momentos de acolhimento e repouso nos abrigos ao longo dele. As passagens de meu diário transcritas para este livro estão antecedidas pela data da narrativa e, quase sempre, o lugar onde escrevi. No próprio ano de 1992, em 1996, em anos

sequentes voltei ao meu “Diário do Caminho”. E então, em tempos diferentes, mas que a memória e o sentimento aproximavam, voltei ao que escrevi em 1992 e coloquei por escrito outras memórias ou imaginários que me vinham entre os mais diversos momentos.

Que ninguém espere encontrar neste livro páginas de uma rara mística. Viajei encontrando ora o silêncio de meus passos, ora o rosto de outras pessoas. Vi e ouvi pássaros, e sigo sendo um fascinado por eles. Se anjos existem, eles são pássaros. Mas entre seres que voam, devo confessar que não vi anjos e nem extraterrestres. Santiago Apóstolo não me apareceu nos céus montado em seu cavalo branco. E, menos ainda, não encontrei magos em curvas de estradas ou em misteriosas cavernas, e nada de misteriosamente estranho ocorreu ao meu redor.

Mas devo falar uma vez mais aqui sobre as estrelas. Pois em algumas noites sem nuvens do Caminho algumas estrelas do céu de outubro brilhavam em suas exatas posições. E mesmo nas noites já em geral nubladas do outono, vê-las de vez em quando em sua iluminada maravilha era todo o milagre que eu esperava. Como acredito em extraterrestres, mas não creio que eles tenham em algum tempo vindo aqui, ou estejam nos dias de agora visitando o nosso Planeta – nossa pequenina Nave-Casa errante pelo Cosmos - nada vi que os aldeões ao longo do Caminho não vissem também.

Não experimentei transes de qualquer natureza, e nem recebi mensagens sobre meu destino ou o da humanidade. Em vários momentos comento o que vivi enquanto caminhava só, o que nem sempre acontecia. E se verá que o mistério da solidão e da busca do Outro permeia boa parte do que escrevo aqui.

Nada de incrível ou mágico aconteceu comigo antes ou depois do trajeto. A menos que viver a verdadeira magia do *Camino* seja estar acordado cedo para viver no começo da manhã um novo “nascer do dia”. A não que místico seja o sentir sede e na curva de uma trilha encontrar uma fonte de água gelada. E tomá-la no vaso das palmas das mãos, aí sim, como quem com a água que bebe comunga a vida.

A este respeito gosto de lembrar uma passagem que em algum lugar li nos escritos do Mahatma Gandhi. Quando um dia perguntaram a este homem cheio

do temor e do amor de Deus, sobre as suas vivências com Ele, Gandhi respondeu algo mais ou menos assim. “Deus nunca me apareceu e nem nunca falou comigo. Por isso é que creio nele”.

Enquanto estive vivendo na Galícia por uma segunda vez, escrevi uma série de longos poemas em prosa. Eles foram começados entre Santa Maria de Ons e em Santiago de Compostela. E foram concluídos em Foz, na beira do grande mar-oceano. Alguns poemas foram trazidos de seu livro original para páginas deste livro. Eles são os que mais têm a ver com o Caminho de Santiago,

Em minhas pesquisas nas aldeias galegas convivi dias e noites sem conta com as pessoas “do lugar”. Quase me tornei uma delas. E um dos momentos de mais grata emoção em minha vida foi quando a gente de Ons convidou-me para um jantar de despedida - uma das minhas várias despedidas de lá. Eram várias pessoas reunidas no local onde jantamos. Eram mulheres e homens aldeões; eram rostos conhecidos, e alguns deles já me eram queridos e familiares. Ao final do jantar – já por volta da madrugada, como é costume na Galícia – Luciano trouxe uma peça de porcelana das oficinas de Sargadelos. Ela representava um *labrego* - um velho camponês galego debruçado sobre o cabo de sua enxada. E em nome de toda a *Xente de Ons* ele me deu de presente a estatueta que guardo comigo em minha casa. No pequeno pedestal de mármore escuro escreveram em uma placa de prata: “*A Carlos Rodrigues Brandão – cronista de Ons*”.

Convivi com as pessoas das aldeias por entre as quais alguns peregrinos passam quase sem as ver e sem saber de suas vidas. Vidas rusticamente mais humanas e mágicas do que a de qualquer misterioso mago vestido de longas túnicas brancas. Porque de suas mãos todos os anos saem os frutos da terra e da vida. São elas e eles, mulheres e homens da terra, que dos seus campos de lavouras nos vem passa, os semeadores do oitavo dia.

Em todas as vezes em que “lá” vivi e pela Galícia viajei, procurei obedecer a três preceitos do “estar , ver e conviver”. Preceitos que há tempos ousou partilhar com os meus amigos viajantes, peregrinos ou não. Vivências que ousam tornar-se conselhos entre errantes-viajantes, e que desejam ser o oposto das receitas dadas aos turistas apressados, mesmos aos que com “um outro espírito” chegam de longe para “fazer o Caminho de Santiago”. Alguns livros escritos e

com figuras entre o pitoresco e o mistificador ajudam a semear sobre Caminho uma pobre imagem e mistificadora dele.

A não ser por razões muito próprias e pessoais, procuro nunca viajar em busca do “pitoresco”. Nunca caminho à procura do exótico. Ele ofende quem “lá está” e empobrece o que podendo haver sido um encontro, torna-se uma pobre, vaga e esquecível surpresa, mesmo que se volte de “lá” com centenas de fotos a cores. Acredito que ao longo de qualquer caminho “quem está lá” e por um instante ou longo tempo cruza comigo, vale pela densidade humana do que é em si-mesmo como um Outro diante de mim. Vale pelo que simplesmente é, em seu modo de ser e de viver.

Qualquer pessoa pelo nosso caminho deve ser “vívida” pela verdade do que possui de diferente diante de mim. Não desejo vê-la através da máscara que penduram no rosto de sua alma. Uma pequena farsa destinada a fazê-la parecer, a quem viaja desejoso de “curiosidades”, um alguém com quem se cruza de passagem como um quase objeto entre outros “da paisagem”.

Ou um alguém que merece a minha atenção quando me parece apenas visualmente atraente e fotografável. Algumas dessas imagens empobrecidas da pessoa de um alguém pessoal ou plural é quase tudo o que os guias turísticos anunciam que “vale a pena ver”. No entanto, o falsamente “incrível” ou o apenas pitoresco são as inocentes mentiras inventadas para atrair o olhar de quem não aprendeu a ver e a contemplar a maravilha da vida em um voo de pássaro, ou o segredo de Deus estampado no rosto de qualquer pessoa com que eu me encontro ao longo do “meu caminho”. Caminho que, a seu modo, é também o de quem passa por mim com as mãos manchadas de terra.

De uma flor a uma criança, de uma montanha a uma antiga casa de pedras, a uma *castiñeira* do outono, a uma pequena *corredoria* por onde eu passo, lento ou apressado, procuro encontrar as pessoas, as cenas, os seres e as coisas das vidas e dos mundos “dos outros”, tal como elas e eles são. Tal como existem, vividas e pensadas por eles e para eles. Tal como se abrem ao meu olhar atento e acolhedor, quando sou capaz de me aproximar de quem encontro pelo *Camiño*, como um alguém que, como eu, “faz o seu caminho”... mesmo que nunca tenha ido a Santiago. Aí está beleza. Aí vive a “magia do Caminho”.

Tanto quanto seja possível, busco abandonar o que é meu e veio comigo, e procuro imergir no “mundo do outro”. Nada daquele exagero, também irreal, de procurar “ser como ele” e tentar imitá-lo, da roupa à maneira de falar e de viver. Ao contrário. Luto por ser intensa e verdadeiramente eu-mesmo, para poder então abri-me e me colocar diante de um outro tal como ele é, sem precisar de fingir-se um “outro” para parecer mais atraente a mim. A você.

Nem sempre é fácil serenamente “estar ali” e viver o Caminho de Santiago entre a busca interior dos “meus caminhos”, o coração aberto e o olhar atento ao que encontro de e nos outros ao longo do Caminho. Muitas vezes caminhei sozinho e desejando uma prolongada solidão atenta e meditante. Mas quando um Outro alguém se aproximava, eu buscava o sair-de-mim para acolher sem sustos e sem falsas emoções a sua inesperada presença.

Existe um Deus? Deve existir, e ele deve ser também a presença de um qualquer outro Ser Humano diante de nós.

Trouxe comigo das várias viagens à Galícia, a memória quase idílica de um pequeno “País” imensamente rico de paisagens de maravilha. Mas nada se compara à paisagem humana que habita as *Xentes de Galiza*. E, assim, a melhor memória que guardo de tantos dias “lá” são os rostos de homens e de mulheres, de *nenos a vellos*, e de *mozos e rapazas* com quem vivi a ventura de compartilhar os mais felizes e inapagáveis momentos do meu “estar na Galícia”. O que vivi entre a *xente de lá* está mais presente nos livros anteriores a este.

Em territórios cenários e lugares distantes dos meus e, mais ainda, entre algumas paisagens rodeadas da aura do maravilhoso ou mesmo do sagrado, busquei entrever e viver tudo o que pude... em “estado de graça”. E procurei viver isso de uma maneira ao mesmo tempo tão espiritual e tão natural quanto possível. Procurei caminhar com um desejo de viver um Caminho místico, ao mesmo tempo em que evitei torna-lo mítico e, pior ainda, mistificador.

Se existe alguma etérea energia cósmica em cada *tramo* do Caminho de Santiago, é porque ela existe e está presente em toda a parte do Planeta. As mesmas estrelas que brilham sobre o *Camiño* brilham sobre aldeias galegas desconhecidas e distantes dele. Lembro que não esperei em momento algum cruzar com magos, ou com pessoa que se dizem “iluminadas”. Se a mulher aldeã

que me oferece um momento de pouso e um copo de água não é um ser iluminado, ninguém pelo Caminho e fora dele será. Quando na Galícia ou longe dela alguém me era apresentado ou se apresentava a mim como um “iluminado”, um “mago”, ou um qualquer “ser superior”, eu aprendi a não acreditar nele. Magos, sábios, iluminados e santos não precisam anunciar quem eles são. Vale o mesmo para fadas, elfos e duendes. Mago é quem estende a mão e ensina o caminho a quem se perdeu. Fada talvez seja a mulher que acabou de varrer o chão da igreja de pedras onde eu entrei depois. Santo é o homem quase invisível a quem passa depressa, e que há quarenta anos lavra a terra por onde caminhei. E colhe batatas e milho, e comparte com os amigos no fim de um dia de trabalho a alegria de uma mesa ao redor de memórias e de vinho tinto.

Internalizei o quanto pude o bem, a beleza e a verdade interiores em meu coração. E, com toda a simplicidade que busquei caminhar a meu lado, não me deixei levar por algo situado além do que eu podia sentir, pensar, viver e compartilhar a cada passo, em cada lugar.

E um tanto do que vi e vivi enquanto caminhava e entre os momentos de repouso do caminhar e “fazer o Caminho” é o que se poderá ler desta página em diante. Pequenas imagens aparecem ao final de algumas páginas ou no começo de outras. São cenas da Galícia por onde passa o tramo final do Caminho de Santiago. Não valem tanto como imagens fiéis do “Caminho de Santiago”. Valem como signos, como metáforas, como pequenos símbolos. São com as setas amarelas, que ao longo do Caminho estão pintadas em um muro, em uma árvore. E elas fazem a alegria do peregrino, quando ele pensa que está perdido, e então encontra uma delas. E acha o seu caminho... e segue adiante.

Sigamos em frente. Um Caminho nos espera.



## **O Caminho<sup>3</sup>**

*Quase não há mais quem se dedique a escrever ou a ler longos poemas em prosa. Pois destas linhas em diante o que há para ler são demorados poemas em prosa.*

*A história deles é para mim quase uma lenda pessoal. Nenhum deles foi escrito ao longo do Caminho de Santiago. Sequer nos dias seguintes, quando ainda vivi meses na Galícia.*

*Foram escritos anos depois. E comecei a escrevê-los sem antes haver traçado plano algum. Sem ao mesmo saber ao certo o que estava começando a escrever. Como acontece algumas vezes com quem escreve, não os pensei, não os planejei. Eles me vieram.*

*Eu havia voltado à Galícia em 1996 e tratava de iniciar a escrita dos livros mais antropológicos de minha “Sequência Galega”. Era então o começo de um inverno que acabou se revelando extremamente frio. Uma amiga da Universidade de Santiago deu-me as chaves de uma casa que tem na cidade litorânea de Foz. Um gesto mais da generosa maneira com que as pessoas de Galícia me tratavam.*

*Eu queria uns dias de uma solidão maior justo nos dias do final do ano. E fui para Foz e lá fiquei durante os últimos dias de 1996 e os quatro primeiros de 1997. Fazia um frio descomunal e as praias de Foz estavam desertas até de gaivotas. Não esquecerei mais a noite da “passagem do ano”.*

*Recolhi durante a tarde algumas flores que inexplicavelmente estavam ainda vivas em algumas trilhas entre a cidade de Foz e a Praia de Laas.*

*À noite, absolutamente sozinho, vesti algumas peças de roupa de cor branca, velho costume brasileiro para a “virada do ano”. Agarrei na mão o meu pequenino ramallete e fui caminhando até a beira da praia da cidade. Havia na noite uma tempestade boreal que no dia seguinte bloquearia com a neve as passagens de montanha, e retardaria o meu retorno a Santiago de Compostela.*

*Não havia ninguém na quase meia-noite do dia 31 de dezembro. E o vento era tão forte que, vindo do mar, quase me impedia de caminhar. Ao chegar à beira da praia murmurei algumas palavras a Iemanjá e atirei o meu ramallete sobre as águas. Uma oferenda costumeira no Brasil, que até mesmo as pessoas distantes das religiões de tradição africana gostam de observar.*

*Joguei o meu ramallete. A força do vento contrário era tal que ao invés de minhas flores caírem nas água do mar, elas deram no ar a volta, e tocadas pelo vento passaram por cima de minha cabeça e caíram sobre a areia atrás de mim. Eu recolhi o meu ramallete e de*

---

<sup>3</sup> Poemas trazidos da primeira parte do livro *O Caminho da Estrela*. Ao final da série quatro deles estão escritos em Galego. Forma trazido da versão editada na Galícia com o nome: *A Senda da Estrela*.

*novo tentei o mesmo gesto de pequena devoção. De novo o vento devolveu minhas flores.*

*Fosse eu um devoto do Candomblé e simplesmente acharia com pesar que Iemanjá recusava-se a receber a humilde oferta de um brasileiro em terras de Galícia. Preferi creditar o meu fracasso ritual aos ventos vindos dos polos. Assim, depusitei delicadamente o meu ramalhete nas primeiras águas do mar. E murmurei algumas palavras de gratidão e esperança a ela, ao vento e aos deuses. E me fui de volta à casa. Já era então o “Ano Novo”*

*Então aconteceu. O que havia se esboçado nos dias anteriores tomou ali em Foz uma dimensão abençoada nos dias seguintes.*

*Eu havia começado do nada a escrever meus longos poemas galegos, alguns sobre aldeias da Galícia, outros ao redor do Caminho de Santiago. E de então em diante eles me vieram de chofre. De um vez Vieram como uma tempestade de palavras. Quase prontas elas e as frases que compunham me pareciam serem escritas por minhas mãos antes mesmo que eu as pensasse. Elas se escreviam através de mim antes de eu saber o que escrevia.*

*De forma diferente de como acontece com a escrita das ciências, a da poesia costuma ser assim. Ela não é pensada para ser escrita. Ela se escreve antes do pensamento. E apenas depois de escrita uma linha, uma quadra, um poema, você para, lê e descobre o que escreveu.*

*Assim foi. E com uma pequena máquina de escrever comprada em Santiago eu em poucos dias escrevi quase todos os poemas que vieram a compor o livro **O Caminho da Estrela**. Em edição galega: **A Senda da Estrela**.*

*Transcrevo entre as páginas seguintes os poemas que me vieram quando recordava o Caminho de Santiago, ou quando pensava algo a respeito dele, de seus seres fundadores e, mais do que tudo, dos que por uma vida ou por alguns dias foram peregrinos como eu.*



## ***Intróito***

***Ouve, escuta.*** No entanto é preciso escrever. Gravar na pedra, inscrever no barro, entalhar em madeiras, na pele do tempo, na alma das gentes. Desenhar na tela como os do Oriente. Dizer por escrito, para que fique. Escrever letras, palavras, frases que vivam algo mais do que nós no papel. Assim, para que um dia muito além alguém venha e leia. E, lendo, saiba. E sabendo, lembre. É preciso grafar, libertar as palavras de seu voo e trazê-las de volta ao ninho. É preciso escrever, porque de repente as coisas do mundo fluem e passam mais depressa do que as pessoas. Elas viajam sem volta de um lugar ao outro. Aparecem e somem sem deixar um rastro. Surgem e por um tempo permanecem. Mas depressa abrem asas e na distância elas se apagam. E as aos poucos, mas sem caminho de volta, almas de quem elas eram vão ficando esquecidas de existir.

## *Deus*

*Ele nos veio.* Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: *virei*. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma. E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos dissermos a palavra *não*, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um *sim*, ele plantará em nós uma pequenina semente. Somente então estas antigas palavras: *pelos seus frutos os conhecerei*, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta. Como aquela Figueira dissermos *sim* e ninguém de nós pronunciou palavra alguma.

Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu. Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: *vem*. Houve apenas um estremeamento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: *será preciso criar palavras novas*. Assim sendo, antes que aconteça o que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.

*Simone Weil a la espera de dios 84<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Esses nomes de pessoas e livros evocam alguém cuja lembrança ou leitura inspiraram um momento do que escrevi.

## *Caminho*

*Houve* um tempo quando este Caminho da Estrela passava perto daqui e ia até ao lugar a que os antigos chamavam *Fisterra*. Ali era o fim-do-mundo e, depois dele, o grande mar-oceano sem fim existia até águas de um lugar qualquer. Foi antes. Eram tempos em que os homens mediam o vagar dos anos com o passar das estrelas e, as mulheres, com areias. Era quando se podia crer em Deus e imaginar um Céu acima daqui muitos degraus de escadas infindas. Pois as terras por onde passavam gados de cor havana e também os homens tinham uma vida quase igual e conviviam com os bichos, a plantas e as pessoas por entre outros verdes de outros tempos. Ao longo do caminho por onde a manhã acendia o desejo de partir e a noite, o de chegar, o anunciado Reino de Deus era suave e existia em nossas almas de camponeses rudes e entre essas planuras e montes de cavalos selvagens. A palavra *peregrino* não existia ainda, e os anjos sem medo roubavam maçãs nos pomares dos homens. Isso foi muito antes da era em que, longe daqui, alguns homens e mulheres ardiam em fogueiras por causa de três palavras, e os magos lavavam do rosto pinturas de cor ocre e escondiam das filhas os segredos da vida. Foi quando a cada lugar demarcado ao longo do Caminho da Estrela correspondia o exato brilho de uma única luz do Céu a uma precisa hora da noite entre Março e Maio. Alguns velhos costumavam então acreditar que se entre os Pirineus e o Cebreiro alguém na noite estivesse ali, no lugar exato sob o brilho a prumo de uma estrela, teria a vida eterna aqui mesmo nesta terra, entre essas pedras. Alguns foram e não voltaram nunca. Eram aquelas as eras, e de muito longe chegavam levas de pessoas e aos seres da terra e do oceano alguns pastores ergueram altares de uma pedra escura que se procurardes bem, podereis encontrar ainda em ruínas. Então, depois foi quando surgiram outras palavras e, juram os de antes, algumas outras estrelas de um misterioso rumo. Para algumas delas até hoje faltam nomes.

O Caminho da Estrela passava por vilas e terminava além do *Fisterra*. E além do mar não se sabia até onde ou quando, porque dizem que quem até lá foi, não voltou nunca mais. Depois vieram de mais longe outros homens, magos de outras terras, vestidos de negro, com bastões e cruces. Em uma língua estranha aos nossos de então eles disseram que o Caminho da Estrela deveria, de então em diante deveria findar longe do mar, em um bosque. Em um lugar entre espinhos, onde escondida os escombros de um templo haveria um lugar onde uma noite a cada sete anos brilha uma misteriosa luz nem da lua e nem de estrelas. Ali estaria sepultado o corpo de um homem vindo de uma outra terra e por um outro mar. Ali seria. Nisso desejarem crer alguns dos nossos avós antes do falar galego. E assim foram. Saíram daqui e viajaram para Leste e foram contar aos que vinham sobre aquelas novas. Desde então e depois das palavras em galego, também os nossos pais e nós queremos crer, peregrinos de estrelas a caminho do corpo de um homem de outras paragens enterrado perto daqui. E assim pensamos que haverá de ser por muitos séculos. Até quando alguém venha de mais longe e, em outra língua, conte aos que estejam aqui quando os netos de nossos netos tiverem partido, uma outra história. Foi sempre assim, cremos, mas agora queremos crer em nossa lenda.

## *Santiago*

*Quando* ele me chamou atendi. Larguei o que tinha e fui. Alguns deixaram barcas e redes. Eu, a minha própria memória de antes. E mais depressa do que Pedro, que foi ainda guardar as redes e despedir a família, fui. Quando ele me disse: *vem comigo*, primeiro cerrei os olhos. Se os abrisse e não visse o rosto daquele homem teria sido um sonho, uma imagem de tardes de grande sede, e eu estaria livre. Fechei os dois olhos e deixei de ver por um momento a sua túnica meio gasta, meio suja como os panos de quem caminha sem termo e o tempo dos cuidados que as mulheres e as águas dão às roupagens dos homens. Deixei de ver os peixes na areia e a areia da beira do lago. E mais os montes ao longe e então não sei o que vi detrás das pálpebras. Quando abri os olhos ele estava lá, e repetiu: *vem*. Fui. Foi apenas isto e caminhamos juntos por estradas que nem ele e nem eu conhecíamos. E comemos do mesmo pão, dos mesmos peixes. Durante meses caminhei com ele e ouvia, entre os outros, as suas estranhas palavras. Ele contava estórias para revelar segredos. Gostava de suas lendas ora inocentes, ora terríveis, entre ovelhas, sementes e luzes de candeeiros debaixo da cama. Em algumas aldeias nos davam uma comida melhor do que um pão sem sal. E nos davam vinho. Ele tomava e nos deixava beber. Uma ou outra vez ficava mais alegre e esquecia mensagens e nos falava de quando era menino em Nazaré. Lembrava do amor como uma estranha palavra e dizia profecias sobre um reino aos pobres. Nunca o vi, esse reino prometido. Existe? Quando ele morreu pensei voltar à casa. Mas então eu era outro e não sabia mais a que voltar. A quem. E não sei porque, acabei seguindo os outros e aprendi com eles a falar em seu nome em duas ou três outras línguas. Queria contar as suas estórias, mas trocava as ovelhas pelas cabras e nunca sabia como terminar. Quando perguntavam por alguma razão de tudo aquilo eu sorria, e ríamos juntos. Aqueles a quem eu deveria comover riam comigo e riam de mim.

Gaguejava as palavras e não sabia ao certo o que dizer. Mas dizia. Disse e acabei querendo crer no que os que me ouviam acreditavam antes de mim. Viajei entre aldeias. Em troca de uns punhados de pão e um trago de vinho repetia de novo as mesmas estórias, a cada dia um pouco melhor. Pensei ser apenas um desses pequenos poetas errantes de outros povos, e por isso penso haver aumentado as parábolas dele e criado outros personagens e entremeios de dramas. Foi quando um dia, perto de quando tudo aconteceu, que vieram sobre nós umas folhas de fogo. Continuei a falar, com menos dúvidas. Pregava aos brados, com os braços erguidos e, com menos improvisos, procurei ser fiel. A que? A quem? Nesses ofícios de semeador do oitavo dia havia entre os nossos outros melhores do que eu. Dois jovens me seguiram. Soube por ouvir dizer que Pedro e os outros chamavam o que pregávamos de: o Caminho. Comecei a chamar assim também. Depois, os que cruzaram com Pedro e alguns outros vieram me contar os prodígios que eles faziam. Tal como Ele, curavam doentes e davam a vista aos cegos. Não quis crer, pois nunca fiz por minha conta e em nome dele prodígio algum. Lembrava as estórias que ouvi e guardei e contava aos outros: *saiu um semeador a semear*. Os adultos, quase todos, abanavam a cabeça. Mas as crianças pediam: *conta outra!* Quando disseram que iriam me matar, respondi apenas: *um dia viria, que seja hoje. Em algum lugar longe, em outros tempos, outros homens caminharão noites e dias em busca de meus sinais. Estarei morto, mas haverá enfim um caminho.*

## *Peregrinos*

*E depois* vieram esses: esses reis coroados, mas a pé. Vinham vestidos de escuro e bastões e uma concha de Vieira nas costas. E o traje marrom, como em monges. E vieram essas mulheres, princesas e aias. Mulheres de sede e mulheres de pés descalços. Algumas eram virgens como o primeiro dia de um mês, e de outras se soube que tinham raros nomes, a nós tão difíceis e pronunciados com veneração em seus reinos ao Norte. Pois vieram elas e a pequena corte dos seus seguidores. As mais fortes caminhavam longos trechos de trilhas nos montes no sol de Julho. Liam quando paravam sob a sombra de alguma Castanheira algum livro de capas claras e as mais velhas sussurravam às servas: *algum dia... então*. Outras, frágeis, vinham pelo caminho em cavalos mansos ou mesmo entre os lençóis brancos de alguma liteira. Vinha do Leste e devo dizer que traziam no corpo alguns sinais de penitentes. Vi duas delas, em dois outonos, sentadas como as moças da aldeia sobre uma pedra dura, comendo com as pontas dos dedos a comida amarga dos pobres e sem sal e vinho. Falavam línguas desconhecidas e me ponho a pensar sobre como Deus as entende. Mas foi por isto mesmo que alguns dos nossos imaginaram serem elas santas ou senhoras de estranhos poderes. Pois quem fala o que não se entende somente pode dizer palavras que os anjos ou os demônios ouvem. *Deixaram tanto e vieram*, disse à volta do fogo uma velha um dia. Morreu numa outra tarde com um rosário entre os dedos e murmurando com os tropeços de uma fala moribunda o nome de uma mulher de longas tranças que ao passar lhe atirou uma moeda de bronze onde de um lado havia um lobo e, do outro, um corvo. E vieram também os pobres do milênio e esses eram tantos que para cantá-los precisaríamos de uma outra aritmética.

E esses eram em Setembro como as areias das trilhas, inúmeros, incontáveis. Quanto de pães de trigo escuro e de centeio para lhes matar a fome? Com as roupas em andrajos e os pés feridos, vinham sujos, mas cantavam e alguns murmuravam largas preces aos ventos. Chegados do Caminho e felizes, eles vinham desde Ponte la Reina e até mais longe, a Leste a ao Norte, porque a cada manhã não anteviam promessas de salvação eterna, mas apenas entre a névoa e os montes, as torres da Catedral em Compostela. Depois, sonhavam a sopa quente e o chegar em suas terras e dizer aos outros: *eu também fui!*



## *Setas*

*Durante* os dias de peregrinar, no longo ir dos dias ponta de muitos dedos os dias do Caminho da Estrela, entre alguma cidade de nome estrangeiro e o promontório onde a Terra acaba, são pequeninas, são frágeis e, aqui e ali, quase apagadas, quase escondidas, essas setas de cor amarela: na parede dos muros, na madeira das portas abandonadas, na casca de um tronco liso de árvore de nome ignorado, ao lado do rosto um dia grego de um chafariz de aldeia, no braço amoroso de uma ponte dos romanos, na face repintada de outros sinais, na surpresa de uma placa de estrada, essas pequenas setas amarela. Lá estão elas. E ao peregrino dizem no indicar um único rumo, o caminho por onde ir. É só buscá-las entre outros mínimos sinais, e achá-las. E depois de estar perdido entre trilhas dizer a Deus e aos pés: *é por aqui!* E sempre é. E os que buscam ao final do Caminho um túmulo, um corpo, acaso sabem quem mais sagrado do que eles são essas setas amarelas pintadas em muros e pedras, e que dizem a quem passa: *aqui é o Caminho?*

## ***Mortos***

*Apenas* fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra *aldeia* para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura. Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas cascas.

Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça. Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas corredeiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in Vida Eterna? de Hans Kung, pg. 202*

## *Peregrino*

*O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava à noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como um cúmplice, disfarçado de ausente, encostado num muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como nos evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e à noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar comigo uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava o meu destino sem dizer meu nome e pedia o pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum – e quero que saibam disto – eu trouxe os meus pães na trouxa de peças de roupa pobres. Sim, porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim, ao comer eu media pelo número dos que me restavam os dias de minha jornada. Quando comi o último cheguei aqui neste lugar onde você me vê. Aqui, na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? Ao sol sim, eu suplicava o seu calor, pois era junho. E pedia ao vento que soprava da direção de minha Terra, já que os de minha raça somos um desejo de não ter pressa e nem destino. Preferimos o deserto à Terra Prometida. Existe um Deus? Então ele não mora em parte alguma. Ele há de ser o começo de todos os caminhos e não se encontra onde eles terminam. Catedral alguma o aprisiona, pois o coração do homem é o seu telhado. E foi assim que nesta grande catedral até onde um dos muitos caminhos me trouxe, não acompanhei os outros em pousar as mãos contritas e os lábios na coluna e, depois, no túmulo onde dizem que jaz um homem de outras terras. Não! Com as duas mãos toquei as pedras do lado de fora do templo e murmurei assim: *Deus, se existes, estás aqui.**

Não vi sinais. Se o estranho homem santo a quem se honra aqui foi um peregrino como eu, então somos irmãos e nossas almas saberão se achar. Creio no sentido e no acaso, e isso me basta. Se ele foi mesmo um pregador da memória de um homem-deus, quero a sua carta e não quero a casa. E se ele foi um guerreiro, como contam alguns entre Roncesvales e Villafranca del Bierzo, é mesmo bom que esteja morto. Pois o destino dos que matam é a morte. Andei até aqui. Vejam os outros: alguns voltam, cumpridos os ritos de piedade. Eu voltarei quando esta vela acesa no chão tenha se consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a jornada até um lugar onde diziam os antigos que a Terra inteira se acaba. Talvez ali eu encontre respostas às minhas perguntas. Mas, eu tenho perguntas? Desconfio que somos ao mesmo tempo a lembrança e o esquecimento da fragilidade da Vida. Os cães que nos ladram pelo caminho sabem disto.

## *Profecia*

*Depois* de Compostela alguns prosseguem o Caminho e viajam até onde a terra acaba no mar sem fim. Escuro e tormentoso mar depois de onde diziam os sábios e as gaivotas, nada existe afora as águas e o sal. E assim passaram por essas pedras daqui alguns homens acostumados ao carvalho e ao aroma da canela. Alguns vinham armados de tochas e interrompiam mesmo no inverno o andar para o banho e as preces. O rosto voltado para o Levante, e depois seguiam, porque havia os que caminhavam noite adentro. Mas não chegavam lá antes dos que partiam cedo quando ainda escuro e vestiam túnicas da cor dos olhos de Deus, diziam. E vieram depois foi o tempo de passarem por aqui alguns sábios e músicos de lentos passos e até hoje se fala de dois ou três que caminhavam lendo salmos e astrolábios. Algumas músicas que os mais velhos lembram, fala-se que foram antes cantos desses homens. Eram raros homens de belas palavras e barbas espessas. Alguns já de meu tempo vinham por aí com o ar de desalento de quem sabe que não chegaria a parte alguma. Iam. Outros, raros, os de passos mais lentos, vinham com as esposas. Por causa delas algumas vezes chovia em julho e a alfazema floria em maio. Uma um dia disse assim: *não sei para onde vamos, mas sei para onde eu quero voltar*. E outra disse voltando a nós o rosto quando já iam dobrando a curva depois da ponte na estrada: *são como as folhas os homens; amam o vento. Nós somos seiva; um povo de águas*. Assim foi antes de mim e antes, bem antes de meu pai. E adiante virão outros. E farão o mesmo Caminho. Mas já serão então outros e não lembrarão mais como dizer as sete palavras em segredo, cada uma ao início de uma nova jornada. Trajados de sedas e de botas claras, passarão por aqui sem perguntas. E porque ainda caminha quem já não trás mais perguntas? Depois cessará até mesmo o tempo dessa espécie. Dos seres humanos essas outras tribos de viventes não ouvirão mais a cítara e o suspiro.

O silêncio das palavras se estabelecerá e o rumo que tomavam em busca do fim da Terra estará enfim livre de preces e de poemas. Passarão por aqui os bichos das quatro estações e o sinal de seu tempo será o tardo voo sem pressa de um pássaro que ainda não existe. Passarão entre ida-e-vinda os cavalos livres do cabresto e as bestas dos montes. As que se alimentam de folhas, as que vivem debaixo da terra e as que comem a carne de gazelas. O derradeiro haverá de ser um unicórnio. E até eles deixarão de passar e virá afinal a era sem o tempo das árvores e dos anjos. Eles semearão outra vez o pinheiro e o baobá. A terra abrirá no que foi este Caminho as trilhas de seu corpo e esta trilha entre a montanha e o mar desaparecerá sob uma floresta sem nome algum. Seguirá por aqui o vento, o último peregrino. E ao passar a cada dia dirá para ninguém ouvir: *quem lembra quem passou?*



## *Meiga*

*Ando* às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganos. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim. Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: *vem comigo*. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões. Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado. Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom. Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: *deus passa, é só ouvir!* E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia.

Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tato da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?

*Márcia Nogueira – carta pessoal*

## *Outros*

*Tereis* mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? *Tereis* mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? *Tereis* viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, dizei-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui, estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem?

Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo voo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahia e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

*Angel Crespo – nunca idos*

## *Corredoiira*

*Os netos* dos filhos dos avós que abriram aos quatro ventos nos montes estes fios de caminhos de linho no tear das serras, agora trafegam por eles. Primeiro foram os tempos rigorosos. Era quando as pedras precisavam ser arrancadas da terra com mãos e madeiras duras. Não existiam ainda estes ferros movidos a fogo e nem havia dessas lavras fáceis, avistadas de longe. De vez em quando nas aldeias havia fome e era preciso acender grandes fogos à volta de círculos e conjurar com preces e fumaças de ervas alguns males vindos do Norte. Foram os tempos de uma grande escuridão de uma noite então indomável. E era quando andar por esses ermos exigia uma coragem desconhecida dos cruzados. Os primeiros camponeses de quem herdamos as ferramentas e a cor da pele, atravessavam estas finas teias de trilhas abertas antes do trigo e do incenso. Antes da doma completa do cavalo e do fogo e do domínio sobre os males da fúria dos ventos. Eram tempos em que terão passado por aqui povos de longe, de cujas falas murmuradas com a língua entre os dentes nos ficaram catorze palavras. Deles herdamos este estranho nome: *corredoiira*.

## *Tardes*

*Isso me* alegra mais que tudo: as horas dos voos dos ouros da tarde. Uma fada em Lugo estende a colcha da noite e antes de adormecer diz ás estrelas: *venham cantar as cantigas da noite!* Então é a hora desses jogos sem data entre a luz e a sombra. O restinho do sol dobrando os montes e já o rebanho e o pastor das nuvens guardando no estojo as cores que vão do cinza claro ao escuro, e dele ao azul quase negro do resto que sobra do rosto do fogo. Alguns pássaros dão os últimos sinais do dia: piam ainda, mas agora é um canto que fêmea alguma atende. São pássaros que conhecem que a noite não chega sem essas canções de cucos, de pastores e de marinheiros. Outros buscam nas silvas, nos galhos das árvores dos montes o lugar do sono e do aconchego. Há também os que preferem os campanários e ali dividem com o sono dos sinos, um silêncio que Deus prefere às ladainhas. É o momento, e quando eles calam as corujas sabem que chegou a hora, e a noite é quando nos campos da Galícia já não se desvela mais a diferença entre uma ovelha e o cão pastor. Mas antes de tudo parecer uma só cor todas as outras clareiam a tela do horizonte. Aquarela efêmera e por um instante, próxima do triste. Depois é quando no céu acima as estrelas lavam os cabelos antes de iluminarem o chão de nossas aldeias. E quando não há mais luz alguma, então é quando tudo brilha. Pois houve um tempo em que a noite era um grande fogo aceso.

## ***Rosalia***

***Falo das*** origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar. Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: *aguarda, espera...* E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora. Eu apertava o ubre das vacas e saíam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto.

Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas – cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema. Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui as almas entre os destinos: *há um lugar onde corre um pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero estar.* E ele disse uma palavra: *vai!*

A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos, nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou às sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.



## *Quatro poemas em Galego<sup>5</sup>*

### *Deus*

*El veunos.* Nós, os do noso círculo, estiveramos preparándonos tempo esquecido para aquel momento. Primeiro un dos nosos encontrou os sinais no toro engurrado dun castiñeiro do souto. Parecían formar palabras nalgũa lingua estraña, esquecida. Con todo, un dos nosos traduciu isto: *virei*. Despois, tirando coa man esquerda unha pedrano lago por tras da aldea e lendo a ecuación dos números na ondulación do remuíño, outro da nosa xente estableceu o lugar e a data: a noite de onte, solsticio de inverno. Fomos ata alá procurando precisar o lugar exacto pola variación do rumbo do vento nos nosos corpos. Chegamos ao lugar e era un círculo de sete árbores nun claro do bosque. Do que vivimos entón podemos dicir estas cousas: para alén das medidas humanas, para o tempo e o espazo, Deus chega cando vén. El chéganos por médio de anuncios case incomprensíbeis, como o suave murmurar das follas da faia ao vento de oeste. Nada lles adianta aos homes estableceren datas con meigallos que soamente serven para o anuncio da chegada das chuvias e dos fillos. El nos vén e nos toma. E é todo, e é só. E o que nos toca facer é responder si ou non ao que, entrementres, xa aconteceu. Sen que ninguén de nós dixese nada aos outros arredor do círculo, aprendemos a saber que, se con un mínimo xesto dos sentimentos, dixermos a palabra *non*, Deus, atento, se irá como veu e non nos aplicará castigo ningún. A perda da súa presenza xa é bastante. Se do fondo do corazón dixermos un si, el plantará en nós unha pequeniña semente. Só entón estas antigas palabras: *polos seus froitos os coñeceredes*, serán descifradas. Pois todo o ben é unha planta sementada no ser de alguén e que algún día creceu. E todo o mal é apenas a súa falta. Coma aquela figueira. Dixemos si e ninguén de nós pronunciou palabra. Diante do misterio de nada acontecer alí, nós calamos e,

---

<sup>5</sup> Foram traduzidos por Luciano Pena Andrade, de Ons de Abaixo, Paróquia de Santa Maria de Ons, em Brión. Estão no livro *A Senda da Estrela*, publicado pela Editora Toxosoltos, de Santiago.

se algo dixemos, soamente El oíu. Pois, cando nos pareceu chegado o momento, unimos a prece escrita nos nosos corazóns e o máis vello de nós murmurou sen ninguén escoitar nada esta outra prece: *ven*. Houbo apenas un estremecemento nas follas dos gallos dalgunhas árbores preto do noso círculo. A noitebra chiou e os que ousaran abrir os ollos dixeran que por un momento a noite se tornara soamente un pouco máis iluminada. Como acontece tantas veces en maio, a lúa por un intre saíu de detrás do manto das nubes. E foi un intre. Mais, se escribo isto, é porque desde aquela noite comezamos a crer sen temores que algunha cousa estraña e feliz crece entre e dentro de nós. Non temos aínda palabras para dicir o que sentimos, mais é tan forte que onte un dos nosos dixo: *será preciso crear palabras novas*. Así é que, antes de que aconteza o que acreditamos que virá, algúns dos nosos trocaran arados por bastóns e, sen cintos nin alforxas, resolveran partir sen rumbo ningún para contarlles esas cousas aos outros. Tres de nós ficamos para dicirlles aos nosos as palabras que esperamos que nos veñan en soños. Tamén algúns outros non saben aínda que dicir, mais como así eles calzaran as súas sandalias e, lendo rumbos dos lugares do mundo entre as estrelas, partiran.

*Simone Weil a la espera de Dios 84*

## *Camiño*

*Houbo un* tempo no que este Camiño da Estrela pasaba preto de aquí e ía ata o lugar que os antigos chamaban *Finisterrae*. Alí era o fin-do-mundo e, despois del, era o gran mar-océano sen fin ata as augas dun lugar calquera. Foi antes. Eran tempos nos que os homes medían o vagar dos anos co pasar das estrelas e, as mulleres, con areas. Era cando se podía crer en Deus e imaxinar un ceo enriba nosa: moitos chanzos de escadas infindas. Pois as terras por onde pasaban gados de cor habana e tamén os homes tiñan unha vida case igual cós bichos, e convivían coneles, coas plantas e coas persoas por entre outros verdes doutros tempos. Ao longo do camiño por onde a mañá acendía o desexo de partir e a noiteo de chegar, o anunciado Reino de Deus era suave e existía nas nossas almas de campesiños rudos e nesas chairas e montañas de bestas bravas. A palabra peregrino non existía aínda, e os anxos sen medo roubaban mazás nos pomares dos homes. Iso foi moito antes da era na que, lonxe de aquí, algúns homes e mulleres ardían en fogueiras por causa de três palabras, e os magos lavaban do rostro pinturas de cor ocre e escondían das fillas os segredos da vida. Foi cando a cada lugar demarcado ao longo da Senda da Estrela lle correspondía o exacto brillo dunha única luz doceo a unha precisa hora da noite entre marzo e maio. Algúns vellosdaquela adoitaban crer que, se entre os Perineos e o Cebreiro alguén nanoite estivese alí, no lugar exacto so o brillo dunha estrela, tería a vida eterna aquí mesmo nesta terra, entre esas pedras. Algúns foran e non volveran nunca. Eran aquelas as eras, e de moi lonxe chegaban levas de persoas e aos seres da terra e do océano algúns pastores erguéranlles altares dunha pedra escura que, de procurardes ben, poderedes encontrar aínda en ruínas. Entón, despois foi cando xurdiran outras palabras e, xuran os de antes, algunhas outras estrelas de misterioso rumbo. Para algunhas delas ata hoxe faltan nomes.

A Senda da Estrela pasaba por vilas e terminaba alén de Fisterra. E alén do mar non se sabía ata onde ou cando, porque din que quen alá foi, non volveu nunca máis. Despois viñeran de máis lonxe outros homes, magos doutras terras, vestidos de negro, com bastóns e cruces. Nunha lingua estraña aos nosos de entón dixéranlles que o Camiño da Estrela debería, de entón en adiante, acabar lonxe do mar, nun bosque. Nun lugar entre espiños, onde – escondido no entullo dun templo– habería un lugar onde unha noite cada sete anos brilla unha misteriosa luz nin da lúa nin de estrelas. Alí estaría sepultado o corpo dun home chegado doutra terra e por outro mar. Así sería. Niso desexaran crer algúns dos nosos avós antes de falar galego. E así fora. Saíran de aquí e viaxaran para o leste e foran contar aquelas novas aos que viñan. Desde entón e despois das palabras galegas, tamén os nosos pais e nós queremos crer, peregrinos de estrelas camiño do corpo dun home doutras paraxes enterrado preto de aquí. E así pensamos que haberá de ser por moitos séculos. Ata cando alguén veña de máis lonxe e noutra lingua conte aos que estean aquí, cando os netos dos nosos netos tiveren partido, outra historia. Foi sempre así, cremos, mais agora queremos crer a nosa lenda.



## *Apóstolo*

*Veume nun* soño. Foi alborexar dunha mañá de inverno e, máis que nunca, había moita neve nesa aldea entre montañas. Veu na escuridade, unha visión, un soño, denantes de haber sinal no sol de decembro. Veume como un soño, como non tivera outro. Un soño como escenas. Como nun teatro onde cada actor soubese dicir con claridade as súas palabras. Nel, mesmo as palabras escritas estaban alí, escritas e claras, para que, quen soña, lea. Un soño como unha mensaxe, tan claro, tan perfecto que non había por que non crer nel. Eu son do círculo dos que un día recibiran a presenza de Deus no simple pasar do vento do bosque. Sei que o meu soño non foi unha visión para logo adiviñar o futuro dunha alma ou dunha aldea. Foi unha manda de Deus, dita de noite, Como creo que acontece cos santos, cos profetas. E algúns deles, que eran antes? Eu aquí nestes montes son apenas un pastor de ovellas. Nada. Pro cando acordei do meu soño o día quería clarexar. Saltei da miña cama para o chan da casa onde vivo senlleiro e abrín a porta. E ollei arredor. E funme vestir e calzar, e apañei o caxato e chamei polo can. E deilles aos outros as miñas ovellas e fun lonxe. E agora, como me vedes, abatido e vello, xa sen o can, morto hai tantos anos, viaxo aínda. E de aldea en aldea, dun monte noutro, co meu caxato busco o que buscaba, o que o soño me fixo saír na súa procura. Foi un soño sinxelo, foi así: un home con rostro grave de barbas máis brancas cás miñas e unha roupa de alguén da Biblia, clara, áspera, me colleu pola man. Estabamos dentro da nave da catedral de Santiago, onde fora de neno levado polos pais e volvín mozo e home feito dúas veces como peregrino. A el non lle preguntei nada e el nada me dixo. E en silencio, sen ninguén na igrexa, levoume pola man nave adiante. E entramos xuntos no lugar onde un día, antes de me levar ata alí, meu pai me contou que oíra do seu que outros de outros, a crenza de que alí estaban os restos do corpo de quen en vida fora Iago, apóstolo, irmán de Cristo Xesús. Chegamos e aquel case me era un lugar coñecido. E soltou a miña man e coa súa apuntou o que sería a tumba do santo en nome do que antes dos meus, tantos pés sangraran polos camiños. E díxome: *olla!* E ollei a tumba. E dixo: *abre!* E eu abrín. Tremía. Mais foi un

breve xesto fácil. E el dixo: *olla!* E eu ollei para dentro do túmulo aberto. Estaba baleiro. Noutro intre do meu soño, estabamos lonxe de alí e nun campo sen nome. Onde? Non sei. Non cheguei a sabelo. E por iso estou aquí hoxe. Aquí onde estou agora. E sempre en camiño, pois a todo lugar onde chego, non hai alí. E no soño era un lugar de pedras, algunhas grandes, outras maiores. E aquí e alí, un carballo e o vento. E entre as pedras había unha. Chegamos alá e o home dixo: *olla!* E ollei e vin; había unha pequena cova sobre a pedra e nela vin un pergameo. E el dixo: *toma e le!* Collín a modiño o rolo e vin sen ler, pois o que había estaba noutra lingua, doutros tempos. Alén diso, son home de poucas letras. E o home falou: *isto é o que deixou escrito o home que pensan que xace na catedral onde nunca estivo, nin antes nin despois. Os seus seguidores viñeran de lonxe e trouxeran, non o corpo dun home, si o espírito da súa lembranza.* E dixo aínda: *así comeza o que ti non soubeches ler; “eu Iago, irmán de Xesús e seu seguidor, antes de morrer escribo isto...”* El calou e eu calei sen dicir nada. E comezamos a descender de alí, e no camiño o home que soñei desapareceu do meu soño e eu acordei del. E espertei sabendo que non fora un soño. Aquelo foime de feito revelado. Acordei sabendo que era meu o destino de vagar a vida na procura dun lugar que eu non coñezo e onde existe un pergameo que non saberei descifrar. Deixei as miñas ovellas cos outros e partín. En busca de que? De quen? Onde? E desde entón procurei e busco aínda unha pequena estrada de terra como tantas. E unha pedra como tantas, Encontrei moitas e algunhas eran case iguais ás do meu soño. Mais sobre elas non había nada alén do baleiro de terra e pedra.

Dende entón, cando no meu vagar paso por Compostela, vexo alá, indo e vindo xubilosos os peregrinos do camiño, contemplo a multitude dos homes e mulleres que desfilan contritos diante dunha tumba onde nada hai. E ás veces quero berrarlles: *Non! Non! Aquí non está nin a poeira do que buscades. Non hai un corpo, un morto, un santo. En algures, lonxe desas paraxes, si. Alí ha de estar un pergameo. Palabras vivas, elas si!* Pro eu calo. Non é con berros dun soño como se apagan as crenzas de milenios. Que outros, seguros de para onde van, peregrinen os días dun mes á procura dun corpo que non está alá. Eu peregrino a vida enteira en busca dun lugar que non sei. E agora, vello, camiño aínda, e busco. Mais hai veces que, entre un paso e outro, xa non sei en que crer: se nun soño ou nunha lenda...

## *Peregrino*

*Foi en silencio.* Vino eu só. Mais todos por onde eu pasaba me podían ver, pois repousaba de noite onde me acollían e saía ao camiño antes de alborexar o día. Non andaba ás furtadelas, como o home que por un intre deixa o carreiro, e apaña uns bagos na uveira e ouriña coma un cómplice, disfrazado de ausente, arrimado a un muro. Sei que os bos están xuntos e xuntos camiñan. Tócanse, cando é debido, oran as mesmas palabras e reparten o pan, compañeiros. Frétanse os pés uns aos outros e coma nos evanxeos, cargan entre eles os fardos de todos. Coidan dos febles e pola noite contan casos doutros tempos, como se fosen parábolas. Eu vin vindo soíño, desde Puente la Reina ata Santiago. Quería cargar comigo unha grande ausencia. Na porta dalgunhas casas eu anunciaba o meu destino sen dicir o meu nome e pedía o pouso e nunca o pan. Pois, sen ningún orgullo — quero que saibades isto— trouxen os meus pans no fardel esfarrapado. Si, porque sempre procurei en cada codelo o sabor das mans das vellas da miña aldea. E así, ao comer, eu medía polo número dos que me restaban, os días da miña xornada. Cando comín o último cheguei aquí neste lugar onde ti me ves. Aquí, na porta á esquerda da entrada do portal desta grande igrexa de pedra. Tampouco aos anxos lles pedín cousa ningunha. Se eles non atenden aos poetas, acaso me oirían a min? Ao sol si, eu suplicaba a súa calor, pois era xuño. E pedía ao vento que sopraba na dirección da miña Terra, xa que os da miña raza somos un desexo de non ter présa nin destino. Preferimos o deserto á terra prometida. Existe un Deus? Entón non mora en ningunha parte. E ha ser o comezo de todos os camiños e non se encontra onde eles terminan. Ningunha catedral o aprisiona, pois o corazón do home é o seu tellado. E foi así como nesta gran catedral ata onde un dos moitos camiños me trouxo, non acompañei aos outros en pousar as mans contritas e os labios na columna e, despois, no túmulo onde din que xace un home doutras terras. Non! Coas dúas mans toquei as pedras do lado de fóra do templo e murmurei así: *Deus, se existes, estás aquí.* Non vin sinais. Se o estraño home santo que se honra aquí foi un peregrino coma min, entón somos irmáns e as nosas almas

saberanse achar. Creo no sentido e no acaso, e iso me abonda. Se el foi mesmo un propagador da memoria dun home-deus, quero a súa carta e non quero a casa. E se el foi un guerreiro, como contan algúns entre Roncesvalles e Vilafranca do Bierzo, é mesmo bo que estea morto. Pois o destino dos que matan é a morte. Andei ata aquí. Ollade os outros: algúns volven, cumpridos os ritos de piedade. Eu volverei cando esta vela acesa no chan se teña consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a xornada ata un lugar onde dicían os antigos que a terra enteira se acaba. Talvez alí eu encontre respostas ás miñas preguntas. Mais, terei eu preguntas? Desconfío de que sexamos ao mesmo tempo a lembranza e o esquecemento da fragilidade da vida. Os cans que nos ladran polo camiño saben disto.



## *Diário de Peregrino*

*anotações a mão durante os dias de peregrinar  
pelo Caminho de Santiago  
e em dias seguintes, ainda na Galícia*

*Três personagens me ajudaram a compor essas memórias. Quero dar ciência a elas. Uma: a criança; dois: os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram o desprendimento das coisas da terra. Sempre eles sabiam tudo sobre nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza.*

*Manoel de Barros  
Memórias inventadas – as infâncias de Manoel de Barros  
2008, Editora Planeta, São Paulo, pg. 127*

### **4 outubro 1992** *Saindo de Casa*

Hoje é a manhã do “dia de São Francisco de Assis”. Preciso descobrir se no Brasil o Adriano, de Gentio do Ouro, nos fundos da Bahia, ingressou na Ordem dos Franciscanos.

Havia dentro de casa um ruído vindo lá de fora, como se estivesse chovendo manso na rua. Mas quando abri a janela, não. Havia um céu azul muito claro e a janela aberta para o sol que vinha. Havia dessas nuvens finas, brancas, como um véu de noiva. Sinal de um “tempo de peregrinos”.

Quase no *Cruceiro de San Pedro* um homem vindo de longe me perguntou em *castelán* onde era o caminho da Catedral. Eu disse que era naquela rua mesmo. Que um pouco mais a frente ele já veria as torres. Um sinal feliz indicar a alguém o caminho, antes de tomar o meu.

Os muros quebrados desenham os melhores quadros. Perto de *Belvis* um deles deixa entrever a descida de prados verdes e hortas de *grellos*. Passarei longos dias sem os comer com batatas. Do outro lado ao longe Santiago sobe um morro e faz pelo caminho uma festa de telhados.

Mas tudo por aqui tem vontade de ficar à volta da Catedral. De todas as torres, ao longe eu me recordo de haver visto quatro. Fiz a elas acenos de quem

voltará um dia. Mais à frente acenos a uma moça com mochila e bastão. Vindo em sentido contrário, de onde será que ela vem? Quase na estação dos trens uma outra moça me pergunta onde fica a estação dos ônibus. Digo que pela mesma estrada “todo derecho”. Ela me pergunta quanto tempo. Digo que meia hora... devagar. Ela faz a cara de quem acha muito. Terá andando tão pouco? Ou tanto? *Projeto:* No Caminho de Santiago e aqui no “Campo da Estrela” (como afetuosamente gosto de chamar Santiago de Compostela) irei fotografar e escrever sobre os indícios, sobre os emblemas. Uma concha de Vieira, as flores do outono, uma meia palavra escrita em um muro. A alegria de topar com um ninho de passarinhos. E andar... saber que não é tanto.

*No Caminho.* Parece triste agora deixar a Galícia para ir a qualquer lugar, mesmo vizinho, como Bierzo, em Leon. Galícia já é um pouco a minha casa. Algo que anos antes senti sobre o México, e sobre como recordei e falei de Pátzcuaro durante muitos anos. Esses anos todos. Agora Galícia é mais. Porque em Pátzcuaro há anos eu fui estudar. E agora eu venho aqui... viver, conviver, partilhar. Há uma convivência cúmplice que torna um lugar como aqui não apenas conhecido, mas amorosamente familiar.

Pois saí da Galícia para voltar a ela. Pareço assim ser uma espécie de “andarilho do eterno retorno” Afinal, viajo para de onde eu venho. Vim a León para sair de Ponferrada, passar por Villafranca del Bierzo e chegar ao Cebreiro. E outra vez estar na Galícia, sobre altos montes. E os montes são sempre o lugar de minha alma.

Desejei esta experiência; este cenário. Como se re-entra em um lugar querido? De trem e em uma primeira vez? Vindo de onde? De Vitória? De Santander, De Madrid? De onde? Queria viver esta experiência não vivida antes, nem mesmo em Minas. Entrar em um lugar afetivo-simbólico vindo a pé, chegando pela borda e, se à noite, vendo na variação das estrelas a fronteira do lugar amado.

Amanhã re-entro na Galícia pelas montanhas. Volto pelo Cebreiro e depois desço as terras já cada vez mais conhecidas. Mas, afinal, o que é “um lugar conhecido?”

### ***De Ponferrada a Villafranca del Bierzo***

*No mesmo 4 de outubro*

Poucos sinais do espírito desta cidade, que por onde passei parecia uma periferia sem o centro. Onde estaria ele? Eu quis sair depressa da cidade, pois eram já mais de duas horas da tarde e havia um primeiro longo caminhar.

Um pouco mais órfão do que eu queria estar em minha saída de Peregrino, dei a volta a uma igreja no partir de Ponferrada em busca dos sinais da vida e do Caminho. Não havia nada e nem ninguém. E se houvesse mortos no cemitério

paroquial desta igreja, nesta mansa hora da “siesta” espanhola eles estariam dormindo também.

Saí pela estrada em busca de Villa Franca, vinte quilômetros depois. Vim por uma larga estrada, e somente depois eu soube que havia um caminho de trilhas, bem mais calmo e resguardado. Mas no meu trajeto havia um parreiral sem fim, e não me pareceu pecado algum colher algumas uvas e ir comendo pelo Caminho.

Não foi difícil vencer este primeiro trecho do Caminho, mas os primeiros sinais do corpo demonstram já agora que nem sempre será fácil. Esqueço que sou de origem um caminheiro em espírito e na memória. Mas os vagos sinais do corpo querem me dizer que até mesmo o sonhar com esses caminhos do Caminho haverá de ser uma longa lembrança do passado.

Porque chamei “Zá”, o irmão de Maria Alice, a este caminho entre Ponferrada e Villa Franca? Porque quis murmurar essas confidências simples, de resto, conhecidas demais, dele e de mim?

### ***No refúgio, em Villa Franca del Bierzo***

Dois casais de brasileiros jovens chegam de bicicleta. Limpos demais e coloridos d rostos e roupas para serem peregrinos. Há aqui quatro espanhóis que me dizem estarem vindo, três de Roncesvales e um de Logroño. Lembrei de Miguel Arroyo. Também não encontro neles os sinais do corpo de quem anda a pé a mais de duas semanas. Há alguns dinamarqueses, e uma gente de fala francesa.

Sem nenhum clima de recolhimento espiritual, o Refúgio de Rato (como o homem que nos abriga é conhecido) parece antecipar uma festa. Deixo-me envolver por ela. Bebo o vinho bom e o *orujo* da *Quemada*.

Meio mago falido, meio ator sedutor, Rato transforma-se no grande personagem da casa que nos acolhe. Encena ser primeiro um certo pregador cristão e, depois, um outro alguém, entre mítico e mistificado.

Ele dirigiu e se fez uma *Quemada*. Rato trouxe um tronco de madeira, e sobre o tronco colocou a panela com cerejas, pedaços de limão, grãos de café, tudo boiando em uma forte *caña*. Acendeu o fogo e disse, solene, as palavras do *conjuro*. E dizia, grave e misterioso, enquanto com enfiava no líquido em fogo uma concha e devolvia do alto fogo ao fogo, e a *caña* à grande tigela de louça. E depois nos disse que repete isto há anos. E sempre guarda um pouco da mistura de cada vez. Assim, a “energia” de alguns peregrinos passa para outros. E serão perto de sessenta mil, segundo as suas contas de anos e anos.

E eu sonho com um “clima companheiro” ao meu redor. Uma espécie de ares de sentido partilhado do se “estar a caminho”. Algo que imagino que terá havido por toda parte ao longo do Caminho de Santiago. E algo que me pergunto

se existirá ainda. Penso que sim. Haverá ainda em rodas de pessoas menos festivas e sedentas de novidades exóticas.

Tal como vi e vivi acontecer em outros lugares, neste Caminho cristão e originalmente católico, os seus símbolos de outros tempos aos poucos se perdem – ou se encontram – mesclados entre crenças e rituais dos ainda velhos credos; e também outras crenças e outros rituais dos sistemas de sentido mais jovens. Sempre há os que trilham o Caminho em busca de outros nomes. Ou dos mesmos nomes, mas vividos e sentidos entre outros silêncios e palavras.

Tudo é como se cada qual criasse por sua conta a sua fantasia de espiritualidade, que não sendo mais a dos ancestrais evangelhos, corre o risco de ser de coisa nenhuma. Mas, quem pode julgar o que vai no coração de uma outra pessoa? O que pensa e sente um alguém que fala uma outra língua? Ou que fala a sua, mas com uma outra linguagem? Logo na primeira noite percebo que agora se fala mais em Paulo Coelho do que em Jesus Cristo.

Uma das moças brasileiras tinha um livro de Paulo Coelho, e em um momento vi que ela levantava os braços com um ar de prece mística em silêncio, enquanto após o *conxuro*, Rato fazia-se de mago exorcista junto ao corpo em pé de uma das assustadas peregrinas francesas.

Jovens, a brasileira e seu companheiro eram quase um casal “de capa de revista”. Com que arrulhos e amor e ardores do corpo povoarão os silêncios das noites do Caminho?

### ***Segunda, 5 - de Villafranca del Bierzo a Porto do Cebreiro***

Já então será a Galícia...

Antes de sairmos, uma das peregrinas espanholas diz: “pero mal dia para subir el monte”. Em Vega del Valcarse compro pão e queijo. Será tudo o que desejo comer hoje. Na saída um homem de *zocos e boina* me ensina o caminho, e ele também me avisa em *Castellan* (o tempo galego para Espanhol): “cuando llegue usted al puerto sus orejas le irán cair de frio!”

Herrerias. Começo a subir. Tive que deixar o companheiro de Bilbao caminhar na minha frente. Ele tem quase dois metros de altura, caminha rápido e esta subida ao Cebreiro será por certo bonita o bastante para se trilhar o Caminho bem devagar.

Há quem caminhe com as pernas e os pés. Outros com os olhos e o espírito. Não fora ele, no entanto, e eu não saberia encontrar a trilha entre *castiñeiros e álamos* em que estou agora. Escrevo em uma pausa, com a caderneta sobre os joelhos. O caminho sobe a montanha e um desses ventos tão meus conhecidos marulha as folhas das árvores e faz, de tempos em tempos, o único ruído desejável aqui... além do som do arfar do meu corpo.

Antes de seguir em minha frente o rapaz de Bilbao me fala da espiritualidade do encontro entre as pessoas ao longo do Caminho. E eu

dialogava sobre ela com ele. Mas logo depois eu desejava estar só entre o vento, as árvores e os pássaros, enquanto subia. Benditos os que por algum *tramo do Camiño* caminham conosco. Mas estar só enquanto se anda adiante significa trazer até “aqui” e conversar entre silêncios com as pessoas que estão sempre comigo e comigo viajam, por onde quer que eu ande.

Subo. E me sinto de novo como em alguns lugares de montanhas no Brasil. Pois há trilhas entre os altos do Cebreiro que parecem bastante – quando vistas com os olhos da memória – com as trilhas queridas do Planalto do Itatiaia, entre o Abrigo Macena e as Agulhas Negras e as Prateleiras. A mesma pequena trilha barranqueada de um lado, limpa e lisa do outro, aqui e ali quase despencando sem perigos em direção a algum pasto. Os montes suaves – mais aqui do que lá – e os pastos mais ou menos íngremes, vestidos de capim duro entre flores roxas e amarelas. Algumas lilases e, algumas, azuis.

Árvores. Pequenos bosques de *álamos e cantiñeiros* que aprendi a amar em Santa Maria de Ons e em outras Galícias. Os *álamos* (qual é mesmo o seu nome em galego?) já começando a descer do verde vivo ao amarelo, ao havana, ao marrom. Os *carballos* com as folhas verdes e escuras ainda. E os ouriços de frutos claros das castanhas. E são muitos, como enfeites de Natal antes do tempo.

No alto alguns povoados de montanha – os últimos do Bierzo e de León. Em La Faia uma mulher do lugar me deu – sem que eu pedisse – duas maçãs. Havia no terreiro de sua casa três arados novos de madeira.

### ***Dados do dia 5***

*Villa Franca/Cebreiro/O Poio*

*37 km. Saída: 7.20 – chegada: 19.20 h.*

Caminho agora entre o desejo de estar só e a companhia de peregrinos que se fazem depressa amigos, e que vou encontrando em abrigos ou no Caminho. Há quatro espanhóis de quem me aproximo, e é com eles que andei boa parte do Caminho hoje, desde Villa Franca até os altos do Cebreiro. Caminhei com Carmela, a espanhola, entre os altos do Cebreiro até O Poio. Chegamos no Cebreiro debaixo de muita névoa – *brétema* – um belo nome em galego, e muito frio. E tudo o que havia para ver precisava ser imaginado, pois mesmo o que estava por perto estava coberto pela névoa. E ela era ontem tão densa e tão friamente úmida que à saída do “hostal”, quando abrimos uma porta verde e pesada, a névoa entrava pela casa adentro, visível, quase palpável, mais do que um fantasma.

Carmela e eu nos separamos das outras pessoas. De repente, no meio da névoa e sem quase nada ver adiante, pareceu que havíamos perdido a trilha e estávamos perdidos. Lancei mão de todo o meu treino de caminhante e montanhista para manter a calma. A minha e a dela. A noite caía cedo e nada

víamos a não ser o que estava muito perto. Que anjo invisível nos terá guiado para que de repente, do meio do nada avistássemos algumas luzes e ouvíssemos adiante vozes? Era o nosso albergue. E quando a noite chegou aos altos do Cebreiro já estávamos ao redor de um fogo acolhedor.



### *Sozinho, na Abadia de Samos*

Devo escrever mal agora. É noite absoluta na grande e silenciosa Abadia de Samos, e a luz por perto é muito fraca. Escrevo e caminho aos tateios.

Algumas vezes digo às pessoas amigas, entre sério e brincalhão, que algum dia terei que escrever um longo artigo, ou mesmo um livro, sobre os lugares do mundo onde passei alguma noite.

Entre navios, barcos a vela, trens, carros, ônibus, aviões, cavernas, pastos ao ar livre, barracas de lona, abrigos entre montanhas, casas aos pedaços, altos ou meios de montanhas, beiras de pastos, ruínas de algo, casas de amigos, moradas de desconhecidos, sacristias de igrejas, estações de ônibus ou de trens, uma floresta sob a chuva; uma outra, perdido dentro dela. E mais entre areias de uma praia, hotéis “de três dólares”, hotéis de cinco estrelas, seminários, abadias, conventos, mosteiros, alojamentos de toda a espécie. Enfim, em quase todos os locais onde um ser humano possa passar – em paz, se possível – uma noite. Agora mesmo nesta vinda à Europa quantos foram os esperados e os inesperados lugares da Itália, que em nome de uma rede de Solidariedade ao Oriente Médio e à América Latina percorri com Maria Alice, André e Luciana, de Norte a Sul.

E mesmo aqui na Espanha, a nossa casa num segundo andar de um prédio na Rua do Home Santo, em Santiago de Compostela. E mais a casinha por cima da Escola do Promeiral, que divido com um professor em Santa Maria de Ons.

Mas que “Peregrino de Santiago” em alguma noite de outono terá vivido o mesmo que eu aqui na Abadia de Samos? Nela há um enorme salão-dormitório separado do restante da Abadia e reservado a peregrinos. Estranho que ao lado do lugar onde dormi existe uma pequena e esquecida bomba de gasolina. Pois foi na guarita da bomba de gasolina que um dos *monxes* da Abadia de Samos carimbou

nesta caderneta e em minha “Compostelana” a credencial que atestaria que eu passei por lá.

Não sei quantas pessoas caberiam neste lugar onde estou. Ele é imenso. É algumas vezes maior do que o maior abrigo que vi e verei pelo Caminho. Por toda a parte, enfileirados ordenadamente, centenas de trilhiches (beliches de três camas cada). Quantas serão as camas? Não sei, mas o monge que me trouxe aqui e conversou comigo largo tempo disse que seriam bem mais de cem. Todos eles vazios. Pois ali em Samos naquela descobri que eu era o único peregrino. Nunca o sentimento de estar sozinho em um lugar me foi tão evidente como aqui. Tantas camas... e uma só ocupada! Tantos peregrinos e somente um dormindo nesta imensidão.

Soube depois que a imensa maioria dos que trafegam rumo a Santiago preferem outros caminhos, e não desviam o Caminho, como eu, para conhecerem uma velha abadia beneditina. Mas nem sempre...

Não será fácil recordar três lugares de passar a noite no Caminho de Santiago tão próximos e tão opostos, como os dessas três noites seguidas. O de domingo no “Rato” em Villa Franca del Bierzo. O da segunda dormida, na “Posada del Pelegrino”, no Poio, e agora este misterioso lugar aqui na Abadia de Samos.

Devo começar do final para o princípio. Isto é, da vivência ainda sem memória à memória de vivências recentes. Alguns peregrinos escreveram no *Libro del Peregrino*, antes de mim, aqui nessa mesa de mármore do refúgio de peregrinos em Samos, na Real Abadia ou no Real Monastério de Samos, em San Julián de Samos.

Quase sempre eles vieram em grupos ou estiveram aqui com outros que terão chegado antes ou depois. Dos que vieram em grupos alguns escreveram sobre a coletividade que eram. E alguns deixaram protestos contra os que noite adentro fizeram graves ruídos. Ou sobre quem chegou antes, vindo de bicicleta ou mesmo de carro, e ocupou todos os lugares. Mas nesta inesperada e – imagino – rara noite de casa vazia, penso que os próprios morcegos se espantarão de encontrar apenas um vivente deitado em uma das incontáveis camas.

Como dizer, sem que isto pareça triste ou sentimental demais, que eu estou sozinho, e sozinho me sinto aqui e por dentro de mim mesmo. Estou absolutamente só em um refúgio do Caminho de Santiago. Uma medieval abadia onde me contou o monge que no verão aconteceram pequenas guerras peregrinas por um lugar para dormir a noite.

Venho das preces das *Completas*. Das *Vésperas*, na verdade. Longas, belas orações canônicas ditas e cantadas por oito monges. E ouvidas por três hóspedes e um peregrino. Eles, os “outros”, não deverão imaginar que é sobre “isto” que estou escrevendo agora. Falo sobre eles e falo sobre mim. E falando de pessoas e de coletivos, falo do que vivi em apenas alguns poucos quilômetros deste delírio, ou desta fantasia coletiva que é o Caminho de Santiago.

Sim, um Caminho fruto de sonhos, de visões, de delírios, de fantasias, de narrativas controversas, de imaginários que atravessam povos e eras. E que entre os séculos geraram. Todas e cada narrativa, ora depoimentos como este meu, destinado a ser um dia esquecido, ou lendas, legendas, histórias e estórias que um dia adiante, em um futuro distante, quem sabe lá um outro peregrino brasileiro ouvirá da boca de um último *monxe* de Samos?

Acredito que de agora em diante, depois desta semana de outubro que sequer sei como terminará, estarei para sempre ligado ao Caminho de Santiago. E tudo, ou quase, ficará para sempre em mim, porque eu estou aqui agora. E não ficará para sempre em mim, porque é será mesmo o Caminho de uma jornada especial? Se assim fosse, o que seria de todos os outros caminhos? O que seria dos tantos lugares onde por uma noite ou por várias eu fui acolhido?

Haverá de ficar “isto agora” em algum lugar de mim mesmo tal como a pequena casa de um professor em Masaia, na Nicarágua de após o terremoto e a revolução de 1979? E como uma hospedagem de pobres em León, não aqui na Espanha, mas na mesma Nicarágua? Ali onde uma velha que eu não conhecia me recebeu como um alguém querido que volta de longe. E abriu portas e me acolheu em sua casa. E eu era também ali a única pessoa fora ela. E antes de me levar ao pequenino quarto onde eu dormiria uma noite de calor, ela me trouxe a um pequeno “altar” no fundo do quintal. Ali havia uma vela acesa e o retrato grande e a cores da filha “caída em combate”.

Quem com o corpo e o espírito trilha um caminho não pode esquecer todos os outros. Pois, longe uns dos outros no tempo e entre os espaços, todos os caminhos acabam sendo um só. E todas as viagens são a variação de uma mesma peregrinação.

Pois aqui estou. Rezamos e cantaram as *Vésperas*. Os monges e os hóspedes terão ido ao refeitório para cear. E depois um dos monges me trouxe até esta infinita solidão. Claro, ele sabia, e eu também, que aquele era um curto caminho da separação. Depois que me deixou nesta imensidão solitária ele se foi, e sabemos que não nos veremos mais.

Aprendo que o peregrino é um “outro”. Ele é um errante entre abrigos, entre pousos e moradas. Ele “dá trabalho” a quem o recebe. Mas oferece também sentido a quem o acolhe, pois faz parte da Regra de São Bento que o chegante seja recebido “como se Jesus Cristo fosse”.

E a este próprio Caminho de errâncias ele dá sentido. Pois o que seria da memória do apóstolo que lhe empresta o nome e a honra, não fossem os peregrinos que, crendo nele e em seu deus, ou não, tornam vivo o seu caminho, e mantem acesa a chama de sua lembrança? E tudo pelo simples “vir aqui e por aqui caminhar.” O que seria de toda a imensa e harmoniosa Catedral de Santiago, e mesmo a querida Galícia, cujos outros tantos caminhos são tão sagrados quanto este, não fosse este trajeto único que em tantos se divide? O que seria de sua

diária missa do meio-dia não fosse essa população errante que séculos antes e ainda hoje chega de todos os quadrantes ao Pórtico da Glória?

Estou só. Sou a única pessoa - pelo menos entre os supostos vivos e peregrinos errantes - neste dormitório sem fim da Abadia de Samos. Uma única, uma moça como Carmela, um rapaz vindo não sei de onde, ou um velho como Don Gaiferos, haveriam de mudar tudo nesta noite. Pois a diferença entre estar só e a dois é maior do que entre o estar a dois e habitar uma multidão. Uma só pessoa e não haveria aqui este silêncio que depois de 800 anos essas pedras abrigam. Estou só que dói!

Estive assim sozinho outras vezes. Mas não tanto e nem com tanto peso. Uma vez cheguei sozinho ao Abrigo Macena nos altos do Planalto do Itatiaia. Mas logo depois ali chegou o negro tropeiro de mulas cujo nome espero nunca esquecer: Júlio Julião. E ele me acolheu como quem com um aceno de mão quebra todo o segredo do silêncio, e transforma uma solidão indesejada em um momento de partilha que jamais se esquece. E no dia seguinte caminhei sozinho o dia todo descendo do Planalto até Itatiaia (que até hoje chamo de Campo Belo).

Mas aqui estou só como um abandonado. A convivência com os monges foi breve e quase formal. Fechada a porta fiquei senhor de um silêncio que afinal foi uma desejada paz. Uma solidão que, imagino, a outras pessoas poderia apavorar. Pois que outro cenário seria mais propício ao aparecimento do que não existe? Mas é aquilo que sempre aparece quando se crê.

### ***Dados do Caminho até aqui***

De: O Poio ao Monastério de Samos

Saída: *Martes 6 octubre* 8 hs.

Chegada: 2.40 hs. *Serán* (tarde)

26.646 passos (ganhei um aparelho que conta os passos)

### ***3 primeiras jornadas:***

Domingo 4 - Santiago/Ponferrada – trem

Ponferrada/Villafranca del Bierzo - chegada 20 hs. 23.794 passos.

Luns, 5 – Villafranca/O Poio

37 km. 47.462 passos

Martes, 6 - O Poio/Samos

20 km. 27.646 passos – chegada 20 horas



A imagem pequenina acima é de uma página de meu diário, com o carimbo do Cebreiro. Está escrito ao redor do cálice: *Cabaleiros do Santo Grial – O Cebreiro Lugo*.

***Em Fonteparedes, Santa Maria de Ons – novembro – depois do Caminho***

Se eu reconheço que não tenho mais fé em que um punhado de “ave-marias” recitadas entre os meus passos possam de alguma forma alcançar os ouvidos celestiais de uma mulher que eu cresci acreditando que teria parido sobre palhas um menino destinado a ser um profeta ou um deus; se eu não sou capaz de sequer imaginar que a partir dela algo dito por mim e ressoado por ela poderia chegar aos ouvidos de um ser absoluto, um deus, senhor de todos e de tudo, e por um breve instante preocupado comigo, aqui neste Caminho, então em nome do que eu viajo alguns trechos da jornada desfiando entre os dedos as contas de madeira escura de um pequenino terço? E porque soletro, uma a uma, as orações que de tão repetidas parecem cada uma sempre o eco da primeira? Orações que aprendi a desfiar quando era ainda um menino “em idade de primeira comunhão”, em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Farei isso para apenas marcar com palavras sabidas demais para serem pensadas o ritmo do andar de cada quilômetro? Quantos passos demoram uma “Ave-Maria?” Seria para retornar a um tempo em que este mesmo gesto era então coberto de fé, de esperança, de uma crença senão em um milagre, pelo menos em uma cumplicidade solidária entre santos, deuses e um menino que precisava de tão pouco para ser feliz a cada dia?

Ou seria ainda para me sentir – aqui ao longo deste Caminho – solidário não tanto com outros peregrinos, mas com as pessoas de tão antes, tão distantes de mim agora, e tão presentes aqui, entre meus passos. Pessoas queridas, como meu Pai e sua irmã, Tereza?

E mais os quantos “companheiros de caminhada”, desde a Juventude Universitária Católica até as pequenas comunidades de fé e de ação política de quem nunca me afastei, e com quem corri riscos durante os duros anos da ditadura militar? Ou seria ainda para repetir em cada oração jogada ao ar entre passos, a minha fidelidade aos quantos homens e às mulheres das várias comunidades camponesas com quem “girei” em uma Folia de Santos Reis, ou atravessei uma noite inteira em uma “Dança de São Gonçalo?”.

Talvez por nada disto e por tudo isso ao mesmo tempo.

### *Na Abadia de Samos ainda – sobre O Poio*

Mas no O Poio foi tudo diferente. E se nada escrevi lá, escrevo agora aqui. E me dou conta de que repito de novo o que havia escrito antes. Terá sido a noite de chegada lá tão inesquecível assim? Penso que passei do profano (hostal, albergue, abrigo) para o sagrado (abadia). Mas agora me parece haver passado do humano e pessoal para o impessoal.

Caminhamos juntas/os durante a subida, gente espanhola e eu. Javier (o basco de longas pernas) e Iona seguiram na frente. Ficamos para trás Carmela e eu. E por que será que escrevo o relato da chegada no Poio outra vez?

Foi de repente, quando me dei conta de que a noite iria chegar depressa. Vínhamos dos altos do Cebreiro e fazia um grande frio. E havia muita névoa. Carmela me disse que já havia estado ali antes, e eu tinha lembranças de trilhas e lugares. Eu a seguia; seguia no entanto Carmela, e parecíamos perdidos no meio da tarde-noite enevoadada. E nada indicava que o nosso ponto de chegada estivesse perto.

Mas avistei luzes depois de muito andar meio sem rumo. Pensei que seria o abrigo, e nos sorrimos alegres e aliviados. Mas não era. Sem dizer nada a Carmela acho que comecei a sentir algum medo. O que era feito do “guia excursionista” e do “guia escalador”? Em que lugar de que mundo estávamos? Conversamos entre poucas palavras que seria triste termos de voltar sobre os passos e pedir abrigo no Cebreiro.

E foi de repente, no já quase escuro da noite, quando começamos a subir uma encosta íngreme, e Carmela então lembrou que era assim que se estava bem perto do Poio. E, de fato, com mais alguns passos já bem cansados, chegamos ao *Hostal do Peregrino*.

A casa nos esperava, clara, quente e com uma desnecessária televisão ligada. E me chamaram para chegar perto da mesa. E entre palavras em algumas línguas e ares de uma saciada alegria, tomamos uma sopa quente e alguns tomaram vinho. Eu estava feliz.

Entre alguns conversamos sobre ventos, bois e agricultura. E fomos dormir depois, protegidos da noite fria a 1.330 metros de altura. Pouco para os Alpes. Muito para aqui. Sequei a roupa molhada e busquei um canto para dormir.

### **7 de outubro**

Ontem foi um dia de toda a solidão. Eu imaginava poder ficar na Abadia de Samos. Iria retardar a minha saída para frequentar a sua misteriosa biblioteca; conviver com os monges e participar pelo menos de algumas de suas horas canônicas. Mas, qual! Descubro de novo que o refúgio dentro da Abadia volta-se mais para a estrada e o posto de gasolina, do que para o adro e a igreja. Acolhido o peregrino, ele está aqui ao mesmo tempo dentro e fora. Dentro da Abadia e fora

do tempo e dos espaços conventuais. Acaso não será assim que recebemos também junto a nós as pessoas que chegam?

Quis viver essa solidão. Pois dos três refúgios até aqui eu viajei da festa inesperada à acolhida familiar, e dela à celebração distante e à solidão. E começo cedo a descobrir que no dia a dia da viagem, boa parte da “mística do Caminho” é esta possibilidade de alternâncias entre o estar só e o conviver inesperado com novos e recém-chegados amigos. Companheiros efêmeros que encontramos entre as trilhas e os abrigos.

A casa familiar, meio louca, meio brega, esotérica e quase surrealista de “Rato”. O seu ser ao mesmo tempo um “sempre-peregrino” – ele nos despede gritando: “Ultréia!” e “Sulséia?” – e o homem que se felicita a cada dia por ser dono de uma casa, um abrigo, um refúgio e um quase templo místico, mítico, ou seja lá o que for.

Entre hospedeiro e mago, ele fez de seu abrigo ao mesmo tempo um refúgio abençoado, um ganha-pão e um salão de espetáculos. Conseguirá “Rato” atingir os seus objetivos? Serão os que imagino? Ou serão outros que em minha pressa eu desconheço? Em parte sim, pois como esquecê-lo depois que se está longe? Como esquecer entre tantas aquela casa misteriosa e acolhedora, fácil de chegar e de partir, ao lado de uma igreja românica que “Rato” garante que ao longo dos séculos já foi reformada catorze vezes? Mas como, na contramão, esquecer a mulher anti-atora do Poio. A mulher de noite quase bruxa grosseira de gestos, e que no entanto, sem falas me ofereceu sem cobrar nada, um prato de caldo quente e depois me levou a um silencioso quarto para dormir?



### *Na estrada entre o Poio e Triacastela*

Descer do Poio sozinho entre estradas e trilhas de ovelhas e de peregrinos, e tomar depois a rota pela encosta do monte afora, de tudo o que vivi até agora terá sido a mais bonita aventura. Eis agora o momento em que o peregrino esquece a razão de sua viagem e se sente um andante sem rumo; um poeta de cada instante. Um quase desejanse de sempre estar ali e não chegar a lugar algum. A subida de

Villafranca ao Cebreiro, a arriscada viagem do Cebreiro ao Poio e, depois, a descida do Poio a Triacastela. Três longos momentos que quero não esquecer.

### ***Cenas***

Há não sei onde uma igreja antiga de pedra. Pequeninha e cercada em toda a volta por um cemitério exagerado. Ao lado da porta de entrada da igreja há uma placa com palavras que rendem homenagem a um “cura” que morreu faz tempo, com a minha idade. Terei lido entre nomes o de Rosalía de Castro?

Na saída de Triacastela um *vello* armado de vara e cão conduzia sete ou oito *vacas do país*.

Ao longe, por um momento quando a névoa fugia por um segundo da Galícia era possível ver o alto do Cebreiro e o Poio. De lá eu vim!

### ***Depois do Caminho – em Santa Maria de Ons – novembro***

Não somos a vida que vivemos nela, a Vida. Embora estejamos nela e ela viaje conosco por onde vamos... como agora, aqui. Somos o que imaginamos que seja a vida que vivemos, e quem sonhamos ser nós que a vivemos e que criamos um imaginário para nos pensar e pensar a vida que vivemos.

Cada pessoa em nada é a ciência de si-mesma. E será melhor que assim seja. Somos a lenda ou mesmo o repertório de lendas que criamos para crer em nós. E assim, crendo no que criamos para ser, e não no que somos para criar, convivemos com as narrativas de nós mesmos para pensar uma vida que não é, entretanto, ilusória.

Pois sendo sentida, pensada, imaginada, ela se torna real ao acreditarmos que somos aquilo que imaginamos ser. Assim como a eternidade existe para aquele que fecha os olhos e morre acreditando nela. Pois a fagulha daquele derradeiro instante de vida e de crença no eterno... é eterno.

Sou a memória do que de mim guardo. E o que eu esqueço, terei sido? E quem teria escrito um dia: “sou onde não me penso?”

De tudo o que vivi, tenho vivido e vivo agora, como quando andava ao longo do Caminho, aqui nesta amada Galícia, entre trilhas e estradas medidas a quilômetros, contadas a passos dados, quantas paisagens do tamanho de um quadro na parede, ou cenas tão breves como o voo de um pássaro de um galho a outro. E aqui descubro que o que mais me toca são as pequeninas coisas. Uma borboleta que voa diante de um pôr-do-sol torna um cenário vivo o pôr-do-sol (Lembrar Rubem Alves). O silêncio de uma curva de estrada que sobe um monte. A água cristalina de uma fonte de séculos e milênios, que de graça oferece o seu frescor a quem passa sem perguntar se é um imperador ou um mendigo. A velha árvore que oferece entre os seus galhos os frutos de cada ano, na estação certa, e os derrama pelo chão para que outras pessoas e outros bichos do mato possam vir

comer. A mulher na porta de casa, que ao passar do peregrino não sabe se sorri ou não. Mas afinal sorri e, tímida, acena.

De tudo, o que restará em um diário interior, mais fiel do que esse que escrevia, em um abrigo ou sentado em uma pedra no caminho; de tudo o que vivi em cada fração de cada dia do Caminho? Qual o “caminho” que eu percorri de fato pensando que em sete dias “fazia o Caminho de Santiago?”

É preciso que nada de ilusoriamente “grande” tenha aconteça ali, para que o mistério do imenso enfim se desvele. E se um deus há, ele passa pela Terra em um breve roçar do vento no capim.

Quem espera grandes luzes apenas se ilude. E quando abre os olhos ele já se foi.



### *No caminho entre Sarria e Portomarin*

Os que caminham como eu – e alguns viajando muito mais dias do que eu – sabem que não somos romeiros e não estamos indo para Roma. E nem somos os enfermos que em busca de um milagre viajam a Lourdes ou a Fátima em trens, ônibus ou carros especiais.

Li em jornais de Santiago e ouço falar de algumas pessoas que viajaram por este mesmo Caminho em pagamento de algum sofrido voto a Deus ou a Santiago Apóstolo. Li sobre outras pessoas que desde o imaginado Don Gaiferos até homens e mulheres da vida de todos os dias, “fizeram o Caminho” debaixo de dores e de sofrimento.

Mas quase nunca é sobre isso que se fala pelo Caminho e nos abrigos. Somos uma diversa comunidade de “sãos e salvos”. E caminhamos para atestar a nós e aos outros exatamente isto.

Não saldamos dívidas e não buscamos milagres de cura dos males do corpo. Fora raras pessoas, somos uma gente montada em tênis de marca, ou em botas, e calças jeans. Somos carregadores sadios de mochilas e bastões. E a concha “vieira” que alguns – como eu – colocam na mochila ou pelo corpo como um

símbolo, bem atesta a aventura em que nos metemos sem temores. Nada dos terrores dos antigos peregrinos de lendas e de estórias nos atemoriza.

Vi raros rostos fechados até aqui. Não vi uma lágrima rolar em um rosto, mas colecionei falas jocosas em várias línguas. E também o mais universal dos gestos humanos: o sorriso.

Agora trilho o caminho entre Sárria e Portomarin.

Um dia de novo terei que responder por que os grandes monumentos da Europa me tocam a alma bem menos do que uma *palloza de pedra e pallas* num povoado qualquer de alto de montanha. E eu esqueço de olhar no guia deixado na mochila os monumentos ancestrais de pedra ao longo do Caminho. Mas me espanto de saber que não existem registros das tantas pequenas maravilhas entre uma árvore, uma casa em ruínas, uma capela quase abandonada. Tal como essas pequenas capelas de pedra tosca que encontrei entre o Cebreiro e o Poio. Elas me foram um breve momento de contemplação. Eu, que não fecho os olhos-zen para buscar dentro de meus escuros recantos o lugar onde o eu suceda ao ego, e onde o vazio suplante o eu. Profano ou sagrado, eu abro bem os olhos e contemplo a vida em cada pequenina obra de mãos humanas. Ali sim, no trabalho humano deixado na palha, na madeira, na pedra, em um sulco de terra escura, ali estarão os sinais do humano e a presença de Deus.

Da grande e milenar Abadia de Samos ficará pequena lembrança... tão grande era tudo. E melhor será guardar no olhar da memória as poucas águas límpidas das corredeiras alegres do rio Oríbio, que me acompanharam em coro entre Samos e Sárria. Em Samos eu não quis sequer visitar a grande igreja quadrada, orgulhosa do alto de suas torres no Monastério de Samos. De longe ela me pareceu um monumento grandioso e fútil. Não sei o que São Bento pensaria dela.

Viajo colhendo com o coração algumas memórias, algumas palavras boas que tenham sido ditas por alguém, ou lembradas por mim mesmo, e que mais adiante valha a pena escrever aqui. Mas como se escrevem os silêncios?

Estou sentado num prado justo no quilômetro número 100; medida de Galícia. Há uma coleção de estorninhos pousados em um fio de luz. Uma alberca cantava atrás de mim. Agora cantam outros pássaros.

A chuva de até chegar em Sárria parou, e a tarde troca o sol com a sombra a cada dois minutos. Mas agora venta e faz frio. No entanto não é nada. Depois do imenso frio de neve de janeiro que eu vivi na subida do Monte Subásio, nos altos de Assisi, na Úmbria-Itália, não me recordo de outro frio de montanhas – a não ser nos Alpes, seco e gelado – como ontem de manhã ao descer montanha abaixo desde o Poio.

Agora de longe vejo dois outros peregrinos passarem pelo Caminho. Eles caminham pela estrada além e não me veem. O Caminho ao mesmo tempo nos irmana e nos estranha. Saberei jogar aos céus uma prece por eles?

***Em Portomarin, miercoles, 7 de outubro - 17 horas.***

Deixei escrito no “Livro do Peregrino”, na Abadia de Samos

*O que buscas tu?*

*O que buscamos todos nós?*

*Não há um corpo do Apóstolo Santiago em Santiago.*

*Há a memória e o sentido do ser apóstolo.*

*Não há sequer uma Catedral.*

*Há o trabalho de quem edificou a Catedral e o sentido que lhe dão os que chegam a ela.*

*Não há nem mesmo um Caminho.*

*Há os caminhos que tu fazes ao caminhar.*

*Eis o que há. Eis para onde vais!*

Escrevi no “Livro do Peregrino” em Portomarin

*A Santiago se chega todos os dias. A todo o momento: quando no voo de um pássaro; quando na água clara de um rio que passa, peregrino como nós; ou com o vento ainda, quando depois da chuva vem o sol.*

Mas inesquecível será para sempre o trajeto de Sárria a Portomarin. Não haverá outros assim, e desde já o lamento. De Samos a Sárria tudo eram estradas de “carreteira” e pouca coisa há a ver a não ser o cristalino rio Oríbio, quase todo o tempo viajando ao lado dos peregrinos.

Mas de Sárria até aqui o Caminho é quase todos pelas trilhas entre matas e recantos escondidos e sagrados da Galícia. Eu jamais veria isto se não fosse aqui, no Caminho. Pequenos *pueblos* de aldeias. *Corredoiras* mais singulares do que as de Ons. Algumas, antigas, tomadas de lama, e outras vertendo água como se sonhassem ser regatos.

Estou agora no abrigo de Portomarin.

Depois das noites escuras e nebulosas de Vilafranca e, mais ainda, do O Poio, depois da noite ainda grisalha e triste de Samos, esta é uma primeira noite de fato luminosa.

Saio para andar sob ela – ou dentro dela – apesar de haver caminhado o dia todo. A Lua a caminho de ser Cheia clareia Portomarin com a sua prata. E andar sob a luz dela é bom. Não fossem as últimas jornadas em meio a estradas de carros e caminhões, e eu gostaria de trocar o dia pela noite. E caminhar uma noite toda. Inteira noite sob a prata da luz da lua. Bem poderia fazer isto nas noites de sexta ou de sábado, calculando o nascer da Lua para quando chegar no Monte do Gozo, beiras de Santiago de Compostela.

Não sei o que busco na noite, enquanto outras e outros peregrinos comeram, conversaram entre vinhos ou foram dormir. Busco talvez nada mais do que isto mesmo: a claridade mágica da noite. Dela e de sua rotineira magia eu me alimento. E se um ser misterioso – fada, duende ou o que seja – me aparecesse eu

diria: “grato, mas agora me bastam a Lua e a sua luz”. Estou vivo e tudo vive à minha volta. Uma pedra tem alma, e a luz é uma mulher etérea e sábia. Por isso vive em silêncio.

Estou feliz e é só. Basta-me isso e nesta noite de Lua Clara isto é tudo. Toda teologia cabe na poesia de um clarão da Lua. E, de repente, revejo aqui – mas apenas para recriar uma vez e muitas a mesma qualidade de sentimento das minhas primeiras sete semanas em Brion e entre as aldeias de Santa Maria de Ons. Fora uma tênue memória de antes, nada mais é preciso, nada mais é necessário. Basta esta hora suave entre objetos simples e acontecimentos que não valem um conto.

O desejo do despojamento, o desarraigo do que é importante; eu que vivo a vida entre livros e títulos. A vontade de conviver com o que é tão pouco que caberia no bolso menor de minha mochila. Esta é a passagem do que é ilusoriamente grande para o que é essencialmente grandioso. E é assim porque não nos pertence. Porque não pode ir comigo, a menos que vá também com qualquer outro alguém que passe por aqui. “O que não tenho e não quero/é o que melhor me enriquece”, escreveu Manoel Bandeira. Saber que basta uma resolução minha, e eu poderia viver toda a minha vida assim. Sem ser mais que simples, ela seria, por isso mesmo, plena.

Desde o começo desta pequena jornada de sete dias eu quis abdicar de qualquer pretensão a numinosas experiências místicas. Se elas existem, não podem ser programadas e sequer esperadas. E o desejo ardente do místico não raro mistifica a mística verdadeira, e a torna um espalhafato para livros de Paulo Coelho.

Tampouco programei experiências de encontro do meu “eu-interior”. Se ele existe caminhará comigo e conversaremos coisas singelas caminho afora. Que eu não me surpreenda comigo mesmo, mas que saiba percorrer o Caminho como quem a cada passo aprende um pouco de si-mesmo no seu próprio caminhar. “Estou só, logo somos quatro”, escreveu o iluminado Gaston Bachelard, para quem a suprema aventura do espírito é o devaneio que poetiza a vida, e não o milagre que faz tudo o que não é ele parecer banal. Que eu não busque “me iluminar” em momento algum. Mas que como na noite de ontem eu me deixe banhar com silenciosa humildade pela Lua de Prata da noite da Galícia.

De resto, entre “Rato” e outros místicos, míticos e mistificadores, creio muito pouco em todas as pessoas que quanto mais acreditam estar vivendo o inacreditável ou a “minha iluminação”, mais se julgam – mesmo que jamais confessem – superiores ao outros.

Todas as pessoas com quem aprendi lições de vida, de beleza e de superação, foram aquelas que sentadas ao redor de um círculo ou à volta de uma mesa em nada pareciam diferentes ou melhores do que as outras. Pedro Casaldáliga, poeta e profeta, ao redor de uma mesa parecia um espanhol magro e banal. Ele não impunha imagem de si alguma, e por isso vinha dele uma serena

luz que nem todos viam. Marcos Arruda caminhando por aqui não chamaria sobre si a atenção de ninguém. No entanto, ele caminha irradiando uma luz que entrevejo em poucas pessoas.

Toda a minha vida tem sido a vida de muitas e múltiplas longas e pequenas caminhadas. Cada dia imagino que estou sempre viajando, e mesmo a casa onde moro me parece um outro abrigo. E parece que me acostumei a falar com deus como falo com uma flor ou um passarinho. Assim, sendo esta uma semana reservada e especial, ela é a seu modo como todas as outras. E eu não quis sequer trazer comigo algo de surpreendente para ler pelo Caminho. Não quis tornar irreais esta semana. Mas quero viver a realidade viva de cada momento dela.

Sinto falta da “trinca espanhola” que me deixou no Poio, pois tomei sozinho o caminho de Samos. Espero reencontrá-los adiante. Convivi aqui com uma peregrina francesa a pé e um jovem francês de bicicleta. Conversamos sobre o Caminho. Como há comida disponível neste albergue, comprei uma sopa de pacote, ovos e uma lata de legumes. Consegui fazer com os três uma sopa razoável. Ele e ela se aproximaram, e repartiu entre franceses a comida que fiz.

Amanhã quero caminhar de Portomarin a Palas de Reis.

### ***8 de outubro - de Portomarin a Pallas de Reis***

Hoje é dia de lembranças e de festas. Estou a dois meses exatos de partir da Galícia. E como tenho um Encontro de Antropólogos em Trujillo, na Estremadura, estou a setenta dias de ir embora de Espanha. Tenho todo o tempo que tive em Cambridge, mas ele é tudo o que me resta de Galícia. Contador dos tempos, eu me reconto neles. Agora são três horas da tarde e eu estou sentado numa “finca” com a casa abandonada, na saída de Pallas de Reis para Santiago de Compostela. Um pouco adiante a estrada me espera retomar o Caminho. Passei por Pallas de Reis e nem me lembrei de colocar ali o carimbo que atestasse a passagem. E cedo ainda e quero dormir em Leboreiro.

Completo depressa o meu caminho. Carmela falava que à medida que se vai chegando ao final uma grande alegria se mistura com a tristeza do Caminho acabado. Eu diria a ela; “que eu o tenha acabado é bom; que ele tenha se acabado para mim é triste”.

De 4 de dezembro do ano passado até hoje houve uma Europa de dezembro/janeiro/e meio fevereiro na Itália. E houve a presença na Espanha e na Galícia de meio fevereiro até agora, aqui no Caminho. E entre Espanha e tudo o mais, houve a ida com a família a Marrocos, a viagem a Valência/Cuenca e a Portugal. E tudo o mais foram tempos da pesquisa nas aldeias. Vivo aqui entre estar em lugares, como Santiago e Ons, e peregrinar entre lugares. Este Caminho é apenas mais uma viagem. Mais uma peregrinação?



### *Depois do Caminho – Santiago de Compostela – Rua do Home Santo*

Não estivemos indo para Roma e nem para uma Jerusalém do passado. Não estivemos indo de trem para Lourdes ou Fátima do presente. Ninguém aqui viaja deitado em um “trem da esperança” em busca de uma cura para os males do corpo. Repito o que escrevi antes: se algo é sagrado no Caminho de Santiago, ele se parece mais com uma “maratona do sagrado” do que com uma “peregrinação sacralizante”.

Sim. Tudo pode ser grandioso e até mesmo sagrado aqui. E justamente porque nada acontece. Será mesmo que existem pessoas que esperam que algo “incrível” (essa palavra amada pelos mais jovens) aconteça em algum momento do Caminho?

Se algo incrível acontecesse para uma pessoa, o seu acontecer isolado poderia desmerecer o nada-acontecer para todas as outras. A não ser que a “experiência incrível” seja o simples caminha o trecho de cada dia. Não seria este o milagre mais desejável, justamente por ser o mais compartilhado por todas as pessoas-peregrinas?

Sempre desconfiei dos velhos santos que disseram que Deus, Cristo ou Maria lhes apareceu. E desconfio hoje de pessoas ao meu redor que, aqui e ali, juram ter visões, levitar, viver viagens cósmicas, reconhecer suas vidas passadas e assim por diante. Chegaremos a isto algum dia, creio. Mas, por agora, creio mais nas crianças e nos poetas do que nos místicos. Ainda mais quando na fronteira com os mistificadores.

Humanos e simples, nós, seres humanos somos já grandiosos e sagrados demais para precisarmos de mistificações que alguns querem que seja um privilégio exclusivo conquistado por eles ou dado a eles. E sempre reconheci poucas virtudes nos seres orientais que algumas alunas me apresentam como “iluminados”. De alguns deles, com os seus nomes sonoros, o que eu li do que escreveram é de uma banalidade lastimável. Como os espíritos que nos chegam de outras esferas cósmicas para repetirem palavras de amor e paz que podem ser encontradas em qualquer revista de banca de jornais. Mais espiritualidade verdadeira eu encontro no poemas de Adélia Prado ou de Manuel de Barros.

Mas, aqui na Espanha é preciso lembrar as duras pedras de João Cabral de Melo Neto. O poeta brasileiro que redescobriu a Espanha.

E já que trouxe até aqui pessoas escritoras, lembro aqui, tão distante de casa, de João Guimarães Rosa. Um mineiro sertanejo que foi um precário médico, um precário diplomata e, no entanto, um criador de imagens e um escritor de ideias absolutamente genial. Uma vez em Brasília uma de suas secretárias no Itamarati nos segredou, em uma roda de conversa, que um dia ele teria dito: “Eu daria tudo o que escrevi em troca de um minuto de certeza da imortalidade da alma”. Terá ele morrido sem desvelar este segredo? Ele, que pouco antes de ir-se embora, disse: “as pessoas não morrem, ficam encantadas”.

Assim no Caminho de Santiago. Ele não é uma viagem alucinada, alucinante, alucinatória... a menos que se caminhe com LSD. É uma viagem que se vive pelo vagar e compartilhar. E relembro agora uma beira de estrada, um vento suave que passava e carregava um pássaro. Um deus existe? Talvez tenha passado em silêncio no vento e na ave que se foram.

O que logrei escrever ao longo daqueles breves dias de “fazer o Caminho” foi apenas uma fração, uma pequenina miragem fugidia de tudo o que eu silêncio. E o que eu escrevo agora também é assim. E não que eu silencie porque não quero escrever. Mas silêncio o que eu não sei escrever. O que nem sequer aflora à minha memória ou à minha consciência para que eu lembre, saiba... e escreva.

Fora o que não sei por que “estava aí”... e eu não presenciei. Como o sol que existe mas não está “aqui” às três horas da madrugada. Ou o sol que “nasceu” mais tarde, e eu dormia e não o vi chegando para clarear o caminho por onde passei. Ou o sol que vi quando caminhava “então”. E que neste outro “então” apenas em fragmentos recordo como era; como clareava a terra na manhã de outubro; como era depois que as nuvens o esconderam por um longo tempo.

Escrevo sobre o que rememoro, penso, vejo, partilho.

Mas bem sei que tudo são fragmentos. Como ouvir as duas primeiras notas de uma música de gaita galega e não saber, ou apenas imaginar como seriam todas as outras. Como ver por um instante um pássaro alçar voo, e depois dele desaparecido nada mais saber dele, de seu voo e de seu destino. Assim tudo. Assim escrevo sobre o que lembro, e lembro tão pouco. Assim vivo apenas os fragmentos de mim mesmo e de tudo ao meu redor, mesmo quando imagino que “estou inteiro aí”.

Terão razão os budistas zen quando lembram que é no esquecer que talvez tudo se revele. Roland Barthes escreveu sobre isso também. Esquecer quase tudo. Como algo que se decanta, e de um copo inteiro deixa no fundo apenas a pequena parcela do que é denso. E por ser a densidade, foi ao fundo.

O que há de mais sábio em mim eu silêncio. E se não sei dizer a outros, não devo saber dizer também a mim.

## *No Leboreiro*

Aqui no Leboreiro o sol se pôs com o grande disco de cobre dos dias de festa. Agora há ainda um resto de um vermelho escuro entremeado com um azul também escuro, quase negro, e sem passar pelo roxo. Tudo entre cores muito ao estilo da Espanha e dos espanhóis. Do outro lado do céu, quando era claro ainda a “Lua quase cheia” já estava lá nos altos do céu na direção de Portomarin. A Lua veio de onde eu vim, sem quase passar em Pallas de Reis. E sobre o lugar do pôr-do-sol apareceu agora um estrela que é a maior, a mais clara, a mais bela e a mais próxima a um milagre entre todas as que vi na Europa. Saudade, no entanto, de minha pequenina estrela do primeiro dia.

Haviam dito em Portomarin que até aqui o “Camiño es todo carreiteira”. O próprio hospedeiro do “Refugio do Concello” assim garantiu. Não era. Não é. Saí de lá muito cedo e por que será que vim cantando durante os primeiros passos: “A Virxe de Guadalupe cando vai pola ribeira/toda vestida de branco ata se parece uña riancheira?” Escrevo de memória e com um galego aos pedaços.

Creio que frente a outros sou um peregrino madrugador. Era o escuro ainda quando saí e no meio da bruma, e buscava sinais do Caminho para não me perder. Abençoadas setas amarelas. Atravessei uma ponte alta e ela me levou até campos de cultura e altos montes de onde se podia avistar uma suave noiva-Galícia vestida de bruma branca.

Adiante o Caminho de terras devolveu-me à estrada e andei vários quilômetros por ela. Voltei a trilhas do Caminho passando entre aldeias entremeadas de trechos de bosques de uma beleza já costumeira... e à qual nunca me acostumo. Há suaves cenas daqui que revejo como se em uma primeira deslumbrada vez.

Estivesse eu “no ofício de antropólogo”, como em Brion, e teria outros assuntos a escrever. Mas não é isto a minha viagem, e nem é sobre isso que vim escrever e peregrinar.

Ao chegar ao Leboreiro, depois de me convencer em pouco tempo de que não valia a pena ficar em Pallas de Reis, encontrei um ritual de passamento. Um velório, um funeral, como se costuma dizer por aqui. Uma velha igreja românica do século XIII, como todas as outras, reformada, peregrina e muito simples. Uma quase capela de contos de fadas em uma aldeia de contos de “meigas”. Mas ali se velava um morto. Por quais caminhos anda agora o que se espera entre preces que seja a sua alma?

Aos poucos o Caminho vai-se gravando como uma experiência que não precisa ser extraordinária para ser fecunda. Em primeiro lugar, entre passos e pousos ele nos obriga a relativizar tudo, ou quase tudo. E este é o seu melhor efeito. Nada é urgente e nada é tão importante que não possa ser feito depois. Em seguida ele me devolve um sentido de legenda. Algo de uma pequena façanha,

uma epopeia em nada heroica, e vivida ao mesmo tempo por vários outros heróis de seus passos e destinos. Somente neste ano cerca de nove mil pessoas já terão passado por este lugar.

Mas em que medida o Caminho de Santiago me é uma descoberta de mim mesmo? Acaso preciso abandonar os pequeninos caminhos da vida para vir estar aqui e... me transformar? Certamente não. Pois o Caminho apenas serve para completar o que em outros caminhos foi começado.

Sei que caminho é o que nega a casa. Se Roberto da Matta opõe a casa à rua, eu ousarei opor a casa e a rua ao caminho. Caminho é o que nega a casa, ainda que haja tantas casas pelo caminho. E no caminho a casa vira o pouso. Ali é onde o peregrino abandona por um momento o voo do caminhar... e pouso. E é acolhido em uma pousada, que, parada na beira do caminho, o acolhe até quando na manhã seguinte ele atravessa a porta, retoma o seu caminho e anda. E voa.

Desde menino pequeno em Copacabana e em Itatiaia, caminhar sempre foi para mim o encontro errante com os meus melhores símbolos; com as minhas mandalas mais amadas; com o meu lado aventureiro, sonhado desde quando eu sequer sabia ainda ler as palavras de um livrinho de contos infantis. O menino andador; o trilheiro de perto e, depois, de longe; o excursionista; o guia; o escalador de montanhas e o guia de escaladas. Até hoje na parede das casas onde vivo são apenas esses os diplomas que dependuro. De que valem os outros? “Pergunta aos doutores, se não te basta o vento”: Pablo Neruda.

Em algum momento, aqui mesmo irei querer falar sobre este fundo sentido de caminho e do caminhar em mim. Mas agora quero trabalhar algo sobre o Caminho de Santiago como uma peregrinação. E qual peregrinação?

Lembrei uma vez mais o que me contaram em Madrid. De uma das estações de trem de lá sai todas as noites (ou será “em certas noites?”) um trem chamado “trem da esperança”. É um trem triste, com camarotes e camas adaptadas aos que sofrem as dores ou os limites do corpo. Corpo... este companheiro que mais “somos” do que apenas “temos”, e que somente nos faz sofrer quando chegam as bolhas nos pés, a fadiga de um dia de caminhar ou a fome de antes da ceia da noite.

E no trem viajam os que não podem mais caminhar. E chegam a Lourdes, na França, em busca de um milagre, que quando acontece em um corpo deixa quantos outros tal como vieram. Serão assim também as peregrinações a Fátima, em Portugal.

E ao longo de meu Caminho eu imagino a dor vivida por uma velha sofredora e inválida, que ao longo do fio dos anos não perde a fé em uma cura. E uma vez mais volta no mesmo trem, desesperançada mais de novo, porque o milagre não veio e a dor voltou ainda mais cedo.

Não sei como lidar desde a infância com um “Deus de Amor” que entre tantos que sofrem, podendo salvar todas e todos, escolhe uma única pessoa e atesta nela o poder de seus milagres. Sempre me horrorizou aquela piscina da

Bíblia, em que uma vez a cada ano curava-se apenas o inválido que nela entrasse antes de todos os outros.

Mas o que eu sabia de longe redescubro agora de perto. Este feliz Caminho de Santiago é uma estrada de atletas. E a sua peregrinação é uma feliz viagem dos são. Por isso “se vai a Lourdes”, enquanto “se faz o Caminho de Santiago”. Por isso conto quilômetros, passos, pousos, carimbos, feitos.

Ao longo dos séculos primeiro trafegaram por aqui reis, imperadores, condes e papas. Vieram alguns como pagadores de promessas, como piedosos pecadores confessos. Mas sem abrir mão de seus nomes, cavalos e glórias. Logo a seguir eles foram deixando o Caminho aos peregrinos penitentes e anônimos, pecadores e pedintes. E é quando começou-se a escrever toda uma prodigiosa saga de sofrimentos e milagres ao longo do Caminho e na Catedral de Santiago.

Como este singular Don Gaiferos de Mormaltán. Ele caminha aos pedaços e cada passo ao longo do Caminho é um sofrimento sem tamanho. E um outro peregrino o acolhe, e entre fomes e sofrimentos chegam enfim a Santiago e à Catedral. Então Gaiferos, ao invés de pedir saúde, perdão e felicidade, diz a Santiago que se for de sua escolha mate-o ali mesmo, frene à sua tumba. E como eu trouxe comigo em uma folha a versão galega do belo romance que conta a sua aventura piedosa, eis aqui como ele termina. Já transcrevi este “romance” completo em algum lugar. Escrevo de novo apenas o seu final. Amâncio Prada o canta de uma maneira inesquecível.

*Chegaron a Compostela  
e foron a Catedral  
desta maneira falou  
Gaiferos de Mormaltan.*

*Gracias meu Señor Santiago  
ós vosos pés me tes xá,  
se queres tirarme a vida  
podesma señor tirar  
que eu morrerei contento  
nesta santa Catedral.*

*E o vello das barbas brancas  
caiu tendiedo no chan  
pechos os seus ollos verdes,  
verdes como auga do mar.*

...  
*Este é um dos moitos milagres  
que Santiago Apostolo fáí.*

Não ouço mais falar de milagres. A menos que o voo de um bando de pássaros no meio da manhã possa ser contado como um deles. E a meu ver pode. Poucos são os peregrinos sofredores, se retirarmos da categoria “sofrimento” algumas bolhas nos pés e um eventual resfriado depois de frio e chuva.

Encontro pessoas a pé e de bicicleta (ninguém mais vem a cavalo) e gritos de “Ultréia!” E mais amplos sorrisos de quem vai feliz pelo seu caminho é quase tudo o que vejo. E, mais do que tudo, a sempre saudável alegria dos albergues, a menos quando há pequenos conflitos por disputas de lugares para dormir.

O que de modo algum desqualifica o Caminho de Santiago. Até pelo contrário. Imagino que por todo o mundo estão surgindo e estarão surgindo ainda mais adiante, caminhos sagrados, caminhos profanos, patrióticos, temáticos, aventureiros, turísticos ou o que seja, como um desafio a alguma sempre presente “virtude” que entre as suas diferenças povoa a espécie humana.

Não sei quem terá escrito sobre isto, mas me parece muito importante um estudo sobre a “reinvenção do Caminho de Santiago”. Tempos entre o passado recente e os dias de hoje, quando o “Camiño” foi de novo descoberto e começou a ser uma trilha múltipla aberta não só aos quatro pontos cardeais e a todos os rumos da Terra, mas também a todas as vocações, tradições e religiões.

Não apenas são diversas as línguas faladas em um só dia do Caminho. São também várias, ou mesmo múltiplas, as “vocações do Caminho”. E penso que considerar profanas ou ilegítimas todas as que não sejam originalmente religiões cristãs e, enfim, católicas, seria um fundamentalismo muito estreito. O fato de que cristã-católica seja toda a ancestral simbologia do Caminho de Santiago, em nada impede que em nome dos mais diversos sistemas de sentido e de desejos do espírito as mais diversas pessoas se ponham um dia a sair de um lugar qualquer do mundo em direção a Santiago.

Pois foi de um só provável caminho original, o “Caminho Francês”, que cedo desdobraram-se outros; e de ontem a agora seguem surgindo outros ainda, novos caminhos do Caminho de Santiago. Assim também de uma mesma origem confessional, cristã, católica, metaforicamente o Caminho se abre e acolhe tanto diferentes peregrinos que chegam por diversos caminhos do Caminho, e também os mais diversos caminantes que peregrinam por um mesmo Caminho desde os mais diversos apelos, desejo e vocações.

Agora faço uma pausa.



### ***Depois do Caminho – anotações do domingo, já em casa***

Haverá entre todas as pessoas, ainda algum peregrino-penitente pelo Caminho de Santiago. Talvez a moça espanhola que vi chegar no limite das forças, apoiada nos braços do companheiro, em nosso último abrigo do Caminho, seja uma das raras pessoas-penitentes. Não sei se uma penitente assumida. Alguém que sabia que entre sofrimentos “faria o Caminho”, e o fez sofrendo. Ou, no limite mais exterior, alguém que começou “peregrina” e descobriu de algum trecho em diante que prosseguia como “penitente”. Ou seja, como alguém para quem caminhar e peregrinar acrescentam o sofrimento, o sacrifício.

Mas nem aquela moça espanhola parecia ser uma sofredora do Caminho. Logo depois de restabelecida, alimentada e aquecida, ei-la que entre risos festejava o estar ali. E estar “casi llegando a Santiago”.

Convivi em Santiago de Compostela com “caminheiros da alegria”. Mesmo os que guardavam no Caminho e nos abrigos algum silêncio indicativo de uma interioridade protegida, em nada pareciam estar peregrinando por dever ou sofrendo.

Terei escrito antes que o Caminho de Santiago tem muito a ver com um desejo de aventura. E não raras pessoas dizem isto sem pudor algum. Uma espécie de maratona sem competidores declarados. Ainda que eu tenha ouvido falar de maratonistas que fazem o Caminho correndo. Imagino que estarão estabelecendo competições e recordes. E mais o orgulho nada devoto ou santificador, mas bem humano, de quem, chegando a Santiago, ao contrário dos supostos peregrinos do passado, parece dizer a si-mesmo e aos outros: “esta aventura em venci. Qual será a próxima?”

### ***Em dezembro de 1992 – em Trujillo – na Estremadura***

Nunca soube parar diante de uma montanha e permanecer imóvel. E, como um velho monge zen, cerrar os olhos, aquietar a mente, calmar a alma e buscar no vazio o que há. Ou o que não há, não ser o próprio vazio.

Diante de cada montanha eu abro bem os meus olhos. Com os olhos abertos eu contemplo a montanha como quem, vendo uma pedra, vê um deus.

E assim faço para colocar em mim uma imagem viva da montanha. Tudo existe! Ela existe! Eu não havia e ela estava ali! Estou aqui e ela está ali! Morro, e ela continua ali! E isto é zen! E busco colocar dentro de mim, para que não apague nunca, a imagem viva – mais do que eu - da montanha que vejo e contemplo.

Mas logo o menino que carrego dentro de mim salta de mim para fora e olha a montanha com olhos de um travesso escalador. E decifra no seu paredão de pedra não a beleza do corpo inteiro da montanha. O que ele pesquisa com o

olhar é cada porção ascendente da pedra nua. Cada “via” de escalada montanha acima. E ele ousa chamar de “sujo” o lugar onde há vegetação e não a pedra pura, em sua virtual nudez. E ele contempla, desenha na mente e imagina a dificuldade de cada “lance”. E se abisma não dela, a montanha, mas do imaginar-se subindo; escalando paredão acima até o topo. Até o cume. E de lá bradar alto o seu “grito de montanha”. Memórias do Brasil de entre os últimos anos “cinquenta” e os primeiros “sessenta”.

### ***Em Arca de Pino – 9 de outubro***

Há agora uma Lua enorme nos céus. Ela clareia de bênçãos peregrinos, passarinhos, passageiros, ovelhas e hospedeiros.

Caminhei desde o Leboreiro até Arzúa (onde não comi queijo algum), passando por Mélide. E de Arzúa até aqui, em Arca de Pino foram 37 quilômetros andados passo a passo. Para a minha alegria todos eles cumpridos entre trilhas, e não por estradas de carros e caminhões.

Hoje em Mélide encontrei no Caminho uma pequena igreja do “Spiritu Sanctu”. Entrei e me comovi. Não quero descrevê-la aqui. Ela é dramática como tudo na Espanha. Mas havia uma pequena pomba branca do Espírito Santo.

E caminhei ora só, ora com as pessoas que aqui e ali fui encontrando pelo Caminho. E mais Bárbara, a jovem alemã que fala um excelente espanhol. Ela caminhou todo um ano pela Índia, e agora vem da França até Santiago. Conversamos muito, mas em nada filosofamos.

O tempo todo do Caminho de Santiago foi apenas um teste a mais meu para comigo mesmo. Até quando? Eu na verdade temia fazê-lo. Temia que depois de sonhá-lo, breve que fosse, eu já não fosse mais capaz de viver sete dias de caminhada com uma mochila nas costas o tempo todo. Seria eu capaz de cumprir não apenas 30 quilômetros, mas 200? Pois agora estou a dezessete quilômetros de Santiago de Compostela. Soube chegar até aqui. Saberei chegar até lá.

### ***Anotação a esmo – de que dia? Onde?***

Por um momento desapareceram os sinais do Caminho<sup>9</sup>. E entre todos, os mais desejados, os mais buscados pelos olhos de peregrinos perdidos como eu. As pequeninas setas amarelas pintadas em uma árvore, em um muro. E elas parecem falar para dizerem: “é por aqui!” E sempre é.

E eu te pergunto, vento do Norte, pelo rumo do caminho. E dás uma volta sobre o teu corpo e o meu e me apontas o meu coração. E outra vez eu te pergunto: “qual é, vento do Norte, o rumo do Caminho?”. E então como que saís de meu coração e volteias no ar o teu rosto sem imagem e apontas todos os rumos. E eu me lembro então de algo que li em algum livro, faz tempo. E dizia: “assim sendo, escolheu um caminho qualquer e começou a caminhar”. Quem

teria escrito isto. E depois recorde aqui, no meio de “meu Caminho de Santiago”, palavras atribuídas ao sábio Don Juan a Carlos Castañeda: “dado que todos os caminhos conduzem ao mesmo lugar, porque não escolher o caminho do amor?”.

Será que eu te decifro, vento do Norte? O caminho do Caminho pode ser ilusório se apenas te levar até Santiago, se não te levar a Santiago.



### ***10 de outubro***

#### ***Em Arca de Pino, caminho a Santiago***

A minha última noite de peregrino foi vivida em Arca do Pino. Um abrigo quase sem recursos, com as paredes pintadas de não sei quantas mensagens. Em uma delas, uma precária bandeira do Brasil tinha no lugar dos “símbolos da nação”, a “concha do peregrino”.

Esse foi o primeiro abrigo onde literalmente dormi no chão. Reuni alguns pedaços de papelão espalhados por ali e coloquei o meu isolante e o saco de dormir por cima. E mesmo no chão duro aquele foi um sono como os dos outros refúgios, calmo, profundo e sereno.

A fadiga do caminhar tem os seus pequenos prêmios. Havia um chuveiro igualmente precário nos fundos, em um banheiro escondido de vergonha. Apenas uma água gelada saída dele. Mas deliberei que chegaria a Santiago limpo e não me lavaria em Lavacolla. E assim tomei no meio da noite o que terá sido um dos banhos mais gelados de minha vida. E até aqui eles foram vários.

Chegamos ao abrigo, Monika, a caminheira alemã, e eu. Cheguei a pensar que seríamos as únicas pessoas naquela noite ali. Mas pouco depois chegou um casal espanhol. Jovens, ele e ela. Mas poucas vezes vi chegar a um abrigo uma pessoa tão “aos pedaços” como aquela peregrina espanhola. Mais cem metros adiante e ela chegaria nos braços do companheiro.

Manhã de meu último dia de caminhada. Saio um pouco mais tarde do que nos outros dias, E caminho “de uma vez só” os último dezessete quilômetros para chegar em Santiago. Havia combinado com peregrinos/as com quem caminhei alguns “tramos”, que iríamos juntos á Missa do Peregrino. Se nem sempre fui

muito pontual em minhas caminhadas – por que haveria de ser agora, se havia um Caminho a caminhar? Mas fui bastante pontual, e cheguei à Catedral no exato momento em que a “missa do meio dia” ia começar.

Num mesmo banco sentamos para estarmos juntos: Carmela, de Madrid; Ione, de Logroño; Javier, de Bilbao; Monika, de Bohn, e eu... de onde? Na hora do “abraço da paz” nós nos abraçamos com força e carinho. Na hora da comunhão as duas espanholas e eu comungamos.

A etapa final foi uma surpresa feliz. Haviam dito que “o tramo de Arzua a Santiago es todo por carretera”. Não era. E havia muito mais “camiño” do que “carretera”. E algumas partes da quase chegada a Santiago eram paisagens comoventes. No alto do Monte do Gozo algumas pessoas se tocam profundamente. Mas o que dizer de mim mesmo, morador de Santiago há meses, e que já havia caminhado de minha casa ao “alto do monte” tantas vezes? No entanto, quis dar àquele momento solene e pleno de símbolos, um verdadeiro “sentido de chegada”.

Conforme o rumo que se tome quando já no quase intramuros da cidade, pode-se chegar à Catedral passando pela Rua do Home Santo, onde moro, e pela frente da pequenina e comovente Igreja de Nosa Señora de la Quinta Angústia. Por ali passamos, chegando juntos nós cinco, “Companheiros de Camiño”. Ao chegar ao prédio onde moramos, Maria Alice, André, Luciana e eu, avisei por interfone que havia chegado, “vivo e bem”, e que por volta das 13.30 iria almoçar levando mais quatro pessoas. Assim se fez.

Consegui chegar.

*(escrevo isto agora, não sei quantos dias ou meses mais tarde, e ouvindo em uma “fita cassette” algumas músicas queridas da Galícia, inclusive o Jacobus Magnus, com o Milladouro).*

Feitas as contas caminhei de uma tarde de domingo, 4 de outubro, ao meio dia de um sábado, 10 de outubro. Saí a pé de Ponferrada e cheguei a Santiago, havendo caminhado ao redor de 200 quilômetros.

Mais do que isto terei caminhado e caminharei ainda em minhas muitas e tão queridas jornadas em Santiago, em seus arredores e nas estradas e trilhas até aldeias de Brión e entre elas. Caminhei sozinho quase todo o percurso. E percorri alguns trechos com peregrinos cujos nomes rostos não quero esquecer. Dormi em seis abrigos, e dormi noites sonos profundos como não me acontece faz tempo.

Recordo os nomes: *Ponferrada, Villafranca del Bierzo, O Poio. Abadia de Samos, Portomarin, Leboreiro, e Arca de Pino.*

Caminhei estradas, rodovias, beiras de estradas, trilhas perdidas e trilhas reencontradas - benditas setas amarelas! Andei entre planuras, planícies; e subi e descii montes, morros e montanhas. Como havia sonhado antes de me por a caminho, entrei na Galícia caminhando e, melhor do que havia sonhado, fiz isto atravessando uma serra alta e fria do outono, cujo simbolismo no coração de um amoroso das montanhas eu quero somar a outros momentos e viagens

semelhantes. Caminhos do Brasil, da América Latina e mesmo daqui da Europa. Mas nunca caminhos como o Camiño.

Houve de tudo, e foi especialmente bom que assim houvesse. O sol forte de algumas manhãs e tardes. O clima tão galego de alternâncias brevíssimas entre o sol, o céu azul, o manto das nuvens, e a chuva, fina e mansa. Houve nevoeiro denso, e em alguns momentos quase sólido que não me deixavam ver o Cebreiro e O Poio, dois “puertos de montaña” cujas imagens guardadas na memória uma vez e outra me recordavam cenários do Planalto de Itatiaia. E em outras vezes me lembravam cenas do sul de Minas.

Consegui caminhar.

Temia no início da viagem que por alguma razão de dor ou de esgotamento do corpo eu não conseguisse chegar. Havia sempre o fantasma de chegar ao ponto em que eu precisaria tomar um ônibus para voltar a Santiago, espiando pela janela de vidro os outros peregrinos com suas botas, mochilas e vieiras, chegando a pé. Cheguei com eles.

E na quase chegada vivi um momento de uma quase cena de “fim de filme”. Aquele francês peregrino de bicicleta que em Portomarin acabou aceitando tomar comigo um tanto da sopa que fiz, e que me deu em troca um pedaço do seu pão, já vinha na direção oposta, voltando de Santiago a Paris. Cruzamos os dois na grande descida da estrada que um pouco adiante chega a Lavacolla. Ele, no esforço de subir ladeira acima, de longe me reconheceu. E com a mão esquerda acenou e gritou de longe: “Je retour!” E lá se foi. E eu pensei que possivelmente jamais o verei. Mas se o recorde e a esta cena, onde no mundo estará ele, senão também aqui comigo, agora?

O Caminho de Santiago me reacendeu três certezas que nele eu fui buscar, e nele penso que, aos fragmentos, eu encontrei.

A primeira eu já havia testado em outros caminhos da Espanha. Ela é a certeza de que eu ainda posso caminhar. Apesar de minha idade, da perna quebrada e da coluna fraturada, eu posso andar dias inteiros e posso perambular dias seguidos. Sinto que de nada me custaria caminhar não por seis dias, mas por sessenta.

Reaprendi aqui a lição do Sul de Minas, quase esquecida. Posso caminhar não apenas por algumas horas de uma manhã em Brión. Posso andar a esmo dias inteiros, e dias seguidos. Posso levar o corpo, a alma e a mochila por muitos e muitos quilômetros. Posso ser, como qualquer outro com quem cruzei por algum “tramo”, um caminheiro, um jornadeiro, um viajante.

Mas nunca seria como os “peões do trecho” que vi e vejo até hoje caminhando com ou sem rumos pelas estradas do Brasil adentro. Trilhando beiras de rodovias não por alguns dias ou dois meses, mas por toda uma vida. Somos efêmeros peregrinos, mas esses deserdados da sorte e da fortuna são peregrinos “de por vida”.

A Travessia da Mantiqueira com alunas e alunos, entre o Planalto do Itatiaia de um lado, e Visconde de Mauá, do outro; as pequenas “peregrinações” no Brasil junto a “companheiros de caminhada”, entre rotas e momentos de “clamor dos oprimidos”, estão, como estavam antes, abertos a mim. Se eu pude fazer, eu poderei fazer!

A segunda “velha” descoberta é que “caminhar e meditar” entre momentos solenes e sérios e, outros, profanos e vagabundos, e conviver ao longo de dias de trilhas com os seres naturais do mundo – pequeninos e “comuns” que pareçam ser - como parte de meus dias e de meus passos, sempre foi, e segue sendo uma querida e persistente vocação minha.

Caminhei sem esperar nada de especial a não ser as vivências simples e afetuosas do próprio caminhar. Não busquei nada de especial e não desejei visões e revelações. Não mistifiquei nada, e se não me apareceram seres de um imaginário que se divulga como “vivências de almanaque”, pude sentir a presença da divindade em cada fonte de água, em cada folha seca no caminho, em cada voo de ave. De onde fui pude vir. De onde venho, poderei voltar.

A terceira é que os votos do viver uma vida dedicada à partilha com outros, à experiência do bem e do amor, à beleza da própria vida e a um sentimento de perene gratidão à vida, aos outros, a um deus, por tudo o que vivi e sigo vivendo, não deve ser aceita e vivida como o “saldo do Caminho” e também desta abençoada vinda à Europa e à Galícia. Este Caminho foi e será um entre os muitos já percorrido. E os tantos que sonho ainda percorrer.

Foi isto o que eu disse e pedi às estrelas e a Deus, quando me resolvi a comungar na Missa do Peregrino, em 10 de outubro, um sábado, em 1992, na Catedral de Santiago de Compostela.

Um caminho foi “feito”, foi peregrinado, foi completado. Agora faltam todos os outros.



*Depois do Caminho - casinha do Promeiral - Fonteparedes – Santa Maria de Ons – algum dia de outono de 1992*

Devo agradecer ou não ao fato de que não consegui deixar em algum canto da Rua do Home Santo em Santiago o “antropólogo” que eu sou, esquecido e livre dele por sete dias, esperando o retorno do peregrino?

Durante todo o tempo eu quis esquecer o observador atento que a si mesmo e aos outros busca as razões simbólicas e sociais de cada gesto meu ou das pessoas com quem em encontro.

Elas foram as pessoas que estavam “no Camiño” como eu. São moças e rapazes, adultos homens e mulheres que, acredito, tal como eu resolveram por alguns ou muitos dias deixar “para trás” tudo o mais, entre deveres, prazeres, posições e vocações, para virem até aqui... caminhar.

E quase nos igualamos, quem quer que sejamos, por nossos calçados, roupas e gestos. Não caminhamos mais trajados de fé e com roupas toscas tal como os primitivos peregrinos (menos reis, condes e bispos). Parecemos quase iguais em nossas botas e meias. E também nas doloridas “bolhas” que brotam nos pés. E nas calças jeans em maioria, nas blusas com bolsos que carreguem pequenos objetos. E na variedade não muito grande dos chapéus e bonés que nos salvam do sol e das chuvas.

Assim também eu. E se viajei ora só, ora buscando entre outros, ser tão anônimo quanto possível há de ser para buscar esquecer “tudo o mais” e me igualar a tantos em ser apenas um “peregrino”. Um ser entre tantos, para quem o apenas dizer que sou “brasileiro” já é desfiar um extenso curriculum vitae.

Mas para além de tudo o que me acompanhou ao longo dos abrigos, eu gostaria de ter carregado a fé de quem viajava crendo em algo. Crendo – como poucos, imagino – que adiante em uma Catedral existe de fato o corpo em cinzas de um homem singular, cuja pequena história inigualável bem merece cada passo no caminho.

Crer – como muitos, imagino – que havendo ou não em Santiago os restos do homem que deu à cidade o seu nome, existe um Deus que embora não precise de caminhos e templos na Terra, dá a certos lugares especiais dela um sentido de presença em nome do que vale a pena não apenas caminhar por “ali”, mas peregrinar de corpo e alma todos os dias de uma vida.

Entre o antropólogo de profissão e vocação, o professor, o poeta e o homem que por anos e anos foi um cristão católico, primeiro praticante, depois participante e, mais adiante, militante quem caminha em mim e comigo ao longo deste caminho e a soma de todos eles. Lembro que sou dos tempos da Ação Católica, da Igreja da Caminhada, das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação. E entre os seus criadores, convivo os meus amigos de agora, no Brasil com os daqui mesmo na Galícia: os Crentes de Irímia.

Se este é um caminho de fatos, de mitos e de lendas, de histórias e de estórias, de verdades documentadas e de fantasias inventadas – mas não menos verdadeiras, se um dia foram acreditadas por alguém – acaso não seremos nós, peregrinos de todo o mundo, seres também criados, crescidos, pensados e vividos entre nossos fatos e feitos e nossos mitos e lendas?

Acaso cada um de nós, cada uma, pode desfiar uma biografia tão verídica que nada nela seja sequer um momento de uma preciosa fantasia? Não é preciso ler Paulo Coelho para saber que em esferas muito mais profundas do que ele imaginou e escreveu cada um de nós é não somente a lenda, mas o nunca acabado inventário de lendas que cada dia escrevemos sobre nós-mesmos e para nós-mesmos. Em cada passo de cada dia, aqui neste Caminho, ou depois dele.

### ***Fonteparedes – Santa Maria de Ons – quase no dia de ir embora de Galícia***

Há questões e coisas que não se perguntam, e isso poderia ser uma mera pesquisa. Mas não é e as minhas pergunta estão além de todas elas. Afinal, são coisas, são imagens, sentimentos vários e alguns sem nome, desafios, fantasias, imaginários, vocações que ao longo de uma vida de repente querem existir todas nos poucos dias de “fazer o Caminho”.

Mas elas todas não estarão nele, se antes não estiverem no coração. E depois, se não desse ao coração os mesmos e outros rumos. Que parte não revelada a mim de meus pensamentos, de meus afetos, de minhas luzes e minhas sombras me fez sair de casa e me “por a caminho?” O que, em termos de que valores “oficialmente” eu ganho em haver estar “aqui?” Pois eu vim à Europa, à Itália e à Galícia em um programa de Pós-doutorado. E em meu projeto original nada escrevi sobre esses dias. E, depois, em meu relatório à FAPESP e à UNICAMP nada escreverei sobre o que vivi entre 4 e 11 de outubro de 1992?

O que te trouxe “aqui?” Eis uma pergunta que nos fazemos caminhado ou repousando em um albergue, quando alguma inesperada intimidade permite fazer a uma outra pessoa a pergunta que cada um faz e refaz a si-mesmo. E pouco do que se responde escapa de ir até mais a fundo da superfície eventual das palavras. E algumas palavras são evidentes demais para caberem em um diário mais confidente.

Talvez a resposta sábia pudesse ser: “Caminho para buscar no Caminho a resposta sobre porque afinal estou aqui no Caminho”.

Pois, afinal... cheguei. A que cheguei? A um lar? A uma estação? A um ponto num mapa?

Existem aqueles para quem chegar é como o voltar ao lar de onde se é. E de onde então se sonha não sair mais.

Há aqueles para quem cada casa de chegada é como um outro porto de partida. Chegam para partir e, no caminho, descobrem que a casa é a estradas e cada ponto é apenas um outro lugar de passagem.

Há quem viva em e viaje *entre*. E há quem viva entre e viaje *em*.

“Cheguei!” Eles podem dizer. E não quando acabam uma jornada. Mas quando começam uma outra. Serei eu assim?

### ***Ons de Abaixo – Santa Maria de Ons, Casa de Luciano e Rosa***

“Viagem” é a palavra e é a marca de minha vida. Caminhar sempre foi a minha mais livre vocação. E eu caminhava horas e dias quando no Rio de Janeiro ninguém ainda falava palavras como: “caminhada”, “trilha”, “cooper”, ou o que seja.

Em 1958, recém saído do acidente em Itatiaia que quase me matou ou me jogou em uma cadeira de rodas, fui me associar ao *Centro dos Excursionistas*. E logo no ano seguinte fiz durante um ano o “curso de guia excursionista”. E já antes caminhar era para mim algo muito além de um mero esporte ou um cuidado de saúde.

Do Rio de Janeiro e das imediações de minha infância e juventude, sempre o “sair-e-caminhar” foi a sina e o símbolo de minha vida. E até hoje coleciono mochilas. E aqui mesmo, antes e depois de sair para andar por dias no Caminho de Santiago, quantos outros caminhos eu terei trilhado em todos estes dias? E antes, ainda na Itália, na região de Assisi, terá Francisco de Assis em tão poucos dias caminhado tanto quanto eu?



### ***Santiago de Compostela – Rua do Home Santo – voltando da Catedral***

Fora para algumas poucas pessoas, o mito vale por uma verdade. E uma verdade não seria sempre a verdade de um mito?. E vale para aqueles para quem a lenda pode muito bem fundar uma história. Pois quase não se acredita mais por aqui que um apóstolo decapitado por volta do ano 40DC esteja enterrado em uma tumba sob a Catedral de Santiago.

Duas invenções dos séculos entre o Vº e o Xº colocaram Santiago vivo pregando o cristianismo na Espanha. E o colocaram sepultado em Compostela.

Uma terceira lenda monta Tiago em um cavalo alado, coloca uma espada em sua mão direita e lhe outorga o trabalho infame de “matar mouros” em nome de Espanha.

Santiago apóstolo. Santiago enterrado. Santiago peregrino. Santiago “matamoros”.

Mas a quem caminha pelo que vi e ouvi ao longo do Caminho de Santiago, o que menos importa são as lendas do Apóstolo. E sinto que cada peregrino caminha a Santiago carregando em sua língua os seus próprios mitos. E é em nome do que, pessoal ou coletivamente se crê, que se sai a caminhar para testar pelo Caminho e em Santiago não a verdade, mas a densidade do que se imagina acreditar.

Não caminho em nome do que acredito. Caminho em busca do que quero encontrar para acreditar.



*Tu és nó de relações e nada mais. E existes por teus laços. Teus laços existem por ti. O templo existe em função de cada uma das pedras. Retira esta: e ele desmorona. És um templo de um domínio de um império. E eles existem por ti.*

**Antoine de Saint-Exupéry**  
**Cidadela**

## *Galícia - outros caminhos*

A maior parte de tudo o que vivi entre Europas ao longo desses anos todos, foram caminhos e viagens. Antes e depois do meu breve e inapagável Caminho de Santiago, andei em e entre muitos outros. Na Galícia mesmo, em outubro de 1992 entrei nela a pé vindo do Bierso e cheguei a Santiago. Antes e depois fui algumas vezes a pé de minha casa, em Compostela, até Negreira e até as aldeias da parte alta da Amahia, em Brión onde durante meses realizei pesquisas de campo como antropólogo. Acho eu poucos viajantes de agora conhecem tanto a “Galícia a pé” como eu.

Perdi a conta das muitas vezes em que, entre pequenas vindas de alguns dias e as duas vezes em que vivi na Galícia alguns meses (1992 e 1996), eu me fiz de caminhante entre outras pequenas peregrinações em Santiago, nos lugares ao redor da cidade e em caminhos entre Santiago e outras cidades e aldeias.

Em 1992, após haver feito o Caminho de Santiago, convenci algumas pessoas amigas das aldeias de Ons a fazermos a pé a travessia entre Santa Maria de Ons e o Cabo Fisterra. Foram três dias de caminhada, e pela primeira vez vivi e ventura de partir e chegar com um grupo de amigos queridos.

Assim foi. E como um hábito antigo e sempre presente, em várias dessas ocasiões e mesmo quando em alguma casa ou abrigo eu me acostumei a escrever o que via, vivia, sentia e pensava caminhando, ou depois de caminhar.

O que transcrevo aqui são relatos de momentos de outras viagens e caminhadas pela Espanha e, mais ainda, pela Galícia. Alguns momentos foram vividos anos ou meses antes do Caminho de Santiago. Outros foram escritos logo após ou tempos depois.

Outros caminhos, outros modos de ser peregrino. Pois faz tempo descobri que sempre que se viaja ou caminha pode-se estar também peregrinando. E toda a viagem pode ser mais do que um deslocamento entre um local e outro. Pode ser bem mais do que uma aventura ou uma obrigação. Pode ser uma jornada do espírito, quando se faz dela não um apressado sair-e-chegar, mas um “estar a caminho”. Estar em viagem mesmo antes de partir. Mesmo depois de chegar.

### *Santa Maria de Ons – novembro de 1992 – nos frios do outono*

Durante todo o dia caminhamos na luz. Mas, e á noite? E quando é noite e estamos em algum albergue e estamos cansados e buscamos cedo um canto para dormir? E mesmo aqui em Ons, quando sei que sou o único caminhante da noite? Pois mesmo no frio eu me agasalho, tomo a minha boina e o meu cajado e saio a caminhar. Luciano mesmo disse que alguns *vecinos* se espantam de um caminhante solitário nomeio da noite fria.

Noite. Então é quando, livres da vigília, quem nos vista são os seres do imaginário e do devaneio. Seres dos sonhos e mais as sombras que caminham conosco quando andamos e quando por um momento paramos de caminhar. As sombras que são “nós” e são “em nós”, e que convidamos a nos visitar. Ou sombras que delas nos escondemos como quem se esconde do sol no meio do deserto ao meio dia.

“De dia eu conto; mas de noite eu sonho”, teria escrito um dia Jean Cocteau. Sim. Mas entre o cansaço e o sono que não chegava ainda, em algumas noites do Caminho eu me perguntava: “que sonhos?” Se posso escolher entre os mais desejados, eles são os sonhos-de-acordado; os “devaneios” de Gaston Bachelard.

E para que eles venham, andando de dia ou esperando o sono à noite, basta rememorar cenas entre os cenários guardados ao longo de um dia ou da vida. Então é quando misturo – eu amante das montanhas – os altos de Teresópolis ou de Itatiaia com os dos Ancares e do Cebreiro. E recordava, como quem sem aparelhos desfia de novo paisagens queridas, momentos e cenários dos Alpes na Itália e na Áustria. E com mais detalhes repasso agora em câmara-lenta imagens da subida de Villa Franca ao Cebreiro e, depois, as da descida do Poio a Triacastella.

E uma outra parcela hão de ser os sonhos-sombra de outros tempos e de outros caminhos. Não tão felizes e não tão desejados. Mas partes de mim como todos os bons devaneios.

Que eles não me tomem enquanto durmo. Que não caminhem dentro de mim os seus terrores e sustos. Mas se vier a mim – tão avesso a ter pesadelos – algum sonho mau, povoado de pessoas e seres do reino do terror, que eu saiba dizer a eles, mesmo quando dormindo: “o medo é para quem fica; quem caminha não teme!”.

Ah! Seres da sombra e do espanto! Seres que viestes aqui sem eu chamar. De onde sois vindos que eu desconheço? Quem sois e porque estais aqui? Ah! Não é necessário que desveleis o vosso rosto. E quero que saibais que luz alguma eu acenderei aqui para iluminar a vossa presença, e talvez mesmo desvanecer vossas figuras.

E nem preciso na verdade que desveleis o vosso nome, seres do segredo e do silêncio! E como vos pedir que me deixeis e que tomeis os vossos cajados e partis embora? Como? Se eu sei mais do que vós, seres da sombra, que o vosso corpo é o meu, e é meu o vosso rosto. Se eu sei antes de vós que vós, seres da sombra, sou eu?

### ***Santa Maria de Ons – dia claro de outono – começo do tempo de ir embora***

Não foi por certo para mim que se armou nos céus da Galícia esta manhã de sete sois. Nem foi para mim o clarão desta noite já entregue ao dia, armada com todas as estrelas do Caminho de Santiago, e mais todas as outras que vieram de

longe faiscar as suas diferentes luzes. Mas mereci a claridade da noite e o clarão do dia. Pois enquanto se escondiam atrás das janelas fechadas da casa, ou foram dormir os outros, eu saí por momentos na noite fria para vir dizer não sei se a um deus, ou se à própria harmonia do cosmos a quem oro como a um deus de infinitos rostos, apenas o afeto silencioso de minha pequenina gratidão.

Meu dizer: “grato!”, por tudo isso que, afinal tão simples, vale por um inesperado e verdadeiro milagre.



***No trem Talgo (o mais querido dos trens da Europa) – indo para Madrid e Trujillo – dezembro 1992***

Mas ele não estava só.

Mesmo quando caminhando sozinho, tendo como companhia os pássaros e o vento, ele não estava só. Um homem velho com quem ele cruzou por um breve instante numa curva do caminho, e se murmuram monossílabos de reconhecimento; e ele, tímido, esboça um meio gesto com a mão direita. Um inesperado grito de socorro, e ele correria em sua direção a socorrer quem não sabe quem. E se fosse dele o grito os outros acorreriam assustados, prestimosos.

Uma porta de abrigo que se abre e alguém diz: “entra”. A mais bendita das palavras! Um peregrino de língua estranha que entre silêncios e gestos de uma gramática universal percorreu com ele doze quilômetros.

Nunca ele esteve só, mesmo quando saboreava estar sozinho. Longe a esposa espera. O mundo se povoa de sentidos. Como a estrela do Pequeno Príncipe... se uma é amada, todas podem ser ela e brilham na noite.

A Terra é plural, e em toda ela as cercas não deveriam existir nunca. A humanidade a povoa inteira, e até a vastidão dos desertos vale pelos rumos e caminhos que mesmo quando invisíveis aos olhos, estão ali.

E os caminhos são elos. E por isso caminhamos e somos o caminho que percorremos. E mesmo quando imaginamos que vamos a um lugar, a uma paisagem, vamos a alguém. E somos originalmente tão plurais que a primeira pessoa do singular de todos os verbos deveria ser um “nós”.

E ali, caminhando, ele lembraria os antigos e felizardos tempos das escaladas de montanhas. Iam, do “guia” ao “cerra fila” uns aos outros todos atados por uma mesma corda. Em seus metros, de tanto em tanto um nó estabelecia na corda o laço fixo onde o corpo de alguém era atado. E na “cordada” cada um era todos. E cada quem era os outros. Pois na vida de outros a vida de cada um estava.

E montanha acima, nas passagens mais difíceis quando um alguém ia fazer o seu “lance”, o outro, o da frente dele ou o detrás, atento segurava a corda da “segurança” – era então o nome dado a ela – para que se acaso houvesse uma queda ela fosse apenas de alguns metros e, não, o abismo.

E o verbo de tempo incorreto: “eu fomos” queria traduzir que ali, entre todos e montanha acima, mesmo quando cada alguém era o senhor do seu gesto, chegavam todos na pessoa de cada um. E mesmo quando era a conquista de uma montanha ou uma “via” virgem, pouco importava quem chegaria em primeiro lugar, porque cada quem estava no chegar de cada outro.

Havia alguns praticantes da “escaladas solo”. E eles eram ao mesmo tempo respeitados pela inusitada coragem, e mal vistos pelo individualismo do solitário egoísta.

Ao longo dos dias do Caminho era preciso querer isolar-se dos outros para estar só. A sós. E vive-la, solidão amada, por momentos ou longo tempo seria também o seu desejo, como o de tantos outros peregrinos. Pois muitas vezes a solidão é a melhor companhia de quem peregrina.

No entanto – e ele repetiria isso muitas vezes – o que de verdade “faz o Caminho” não são os seus rumos, os quilômetros percorridos e o número dos passos. O caminho do Caminho, tão invisível quanto real, é o *elo* que mesmo entre desconhecidos a todos e a todas une.

Ele bem sabia que todos os que “faziam o Caminho”, qualquer que fosse o tempo e o lugar em que ou por onde peregrinavam, eram elas e eles o Caminho. Eles, suas pessoas, e os elos que entre elas entreteciam ao caminhar. Quem caminhava em 1992, carregava consigo a presença de quem caminhou mil anos antes, em 992. E quem se vai agora antecipa os passos de quem haverá de vir caminhando em 2992.

Infelizes os que caminham centrando em si-mesmos e somente em um “si” de “mim” colocam a esperança de alguma revelação. De uma real ou inventada “iluminação”. A luz que vem não vem de um Deus. Vem de algum outro, um desconhecido alguém em nome de quem Deus me ama.



*Lugo – na viagem de 1992 – antes do Caminho*

A ação. Qualquer ação, um ato qualquer saído de ti. Ele vale o que? Justifica o que? Aqui estamos, nesta cidade de altas muralhas – ou parecemos estar – na direção oposta à do monge meditante. Ele fixa um lugar. Senta diante de uma parede. Cria todo o nada possível ao seu redor, e vive ali, sem sair, sem se mover, por uma eternidade de minutos, horas ou dias, de olhos fechados, o encontro com a absoluta plenitude do Vazio. Nem visões beatíficas e nem o rosto ou a fala de Deus.

Estamos a meio caminho entre ele e o pastor de ovelhas. E trago até aqui a imagem deste homem porque ele, e não o monge, é a pessoa que a séculos habita paragens próximas ao Caminho de Santiago. O pastor vai ao campo com o seu rebanho. E o tempo todo ele precisa estar atento ao que vê e ouve ao seu redor. É a sua atenta presença atenta – e a de seu cão ovelheiro - o que o livra dos lobos.

Diferente do montanhista. E por que eu o trago aqui? Ele vem de longe e a sua atenção é outra. A montanha que de nada serve ao pastor e que o monge ignora, é todo o motivo pelo qual o alpinista veio de longe e arrisca a sua vida. E para o quê? Para subir lance a lance a pedra acima, e chegar ao topo. E ver do alto a vista. E dizer aos amigos: “Chegamos! Conseguimos!” E depois descer depressa por onde subiu devagar.

E nós caminhamos, como espero caminhar pela Galícia. E caminhando por essas estradinhas de terra e pedra – e elas são o melhor de qualquer Caminho – eu quero pensar que sou um pouco cada um dos três: o meditante, o pastor, o montanhista. Ou, quem sabe? Apenas o pequeno poeta de botas, mochila e esta caderneta de diário de viagem. O poeta errante que escrevendo a mão a trilha e a montanha em seu poema, é ao mesmo tempo o pastor que medita, o alpinista que pastoreia e o monge que escala. Pastor de estrelas, irmão do vento, peregrino do sempre.

Nada mais prosaico e rotineiro do que “chegar a”. Penso na pequena moça professora de crianças na escola de uma aldeia perto do Caminho de Santiago. Quero chamá-la de Xoana. Todas as manhãs, menos nas de sábado e de domingo, ela sai de sua casa, caminha alguns passos evitando poças de água da chuva da noite, e “chega” à escola. Será este ato rotineiro menos digno, menos humano e menos sagrado do que o do peregrino que trinta e dois dias depois de partir de algum lugar longe chega afinal no Pórtico da Glória da Catedral de Santiago?

Se fosse desafiada por um deles poderia responder com ousadia: “eu ensino todos os dias algo às minhas crianças quando chego na escola. E vocês, vaidosos e vagabundos caminhantes?”

E de mais longe e pastor galego chega à sua casa perto das montanhas dos Ancares, depois de guardar em lugar seguro as suas ovelhas. E sem esperar recompensa celeste alguma desta rotina quase evangélica, com água fria ele se lava, e sonha com o caldo quente e um copo de vinho barato.

“Chegar”. Chegar é a alegria da caminhada feita. Da etapa vencida. Para alguns pode ser mesmo o momento-chave de uma “grande aventura”. E o peregrino de longe escreverá isto como eu em um diário que um dia poderá ser mais um livro sobre “o que eu fiz e vocês não”, para se ler e esquecer.

Mas “chegar” é também um pesar. Uma decepção mesmo. Pois para quem vive – ou pensa que vive – a “magia do Caminho” sempre fica na boca o gosto de que se algo realmente “mágico” houve, a magia de tudo esteve o tempo todo bem mais no “caminhar para” do que no “chegar em”.

Pois quando se chega de algum modo se interrompe o que se buscou viver durante o caminhar. Pois a “mística” do Caminho além de ser o próprio Caminho está na própria errância. Está em ser o Caminho a metáfora do... “estamos sempre de passagem”.

### ***Lugo – na tarde do mesmo dia em 1992***

E, de repente, eu lembrei, aqui neste pedaço de uma Galícia tão católica, de uma pequena estória de judeus. Xoana, minha imaginada professorinha, se a soubesse talvez gostasse de narrá-la aos seus alunos.

Dois primos e amigos nasceram em Jerusalém. Quando jovens um deles emigrou para os Estados Unidos com a família. Cresceu, estudou, tornou-se empresário e enriqueceu. O outro ficou por lá. Estudou para ser rabino. Foi rabino a vida toda. Tornou-se um piedoso erudito. Ficou conhecido, mas nunca quis enriquecer por isso. Uma vida simples e dedicada ao amor de Deus e aos outros bastava.

Passaram os anos e um dia nasceu no primo empresário o desejo de visitar Jerusalém e o primo religioso. Escreveu a ele e recebeu de volta uma carta com o endereço e palavras de alegria pelo reencontro. O primo rico viajou para Jerusalém. No aeroporto deu ao motorista do taxi um papel com o endereço. Estranhou que viajassem do aeroporto para uma periferia pobre da cidade. Estranhou mais ainda, quando o motorista diante de uma casa tão pobre quanto as outras disse: “é aqui”. “Não poder ser!” disse o judeu rico. Mas era. Bateu na porta. O primo rabino abriu e se abraçaram. E cada um a seu modo estavam felizes com o reencontro e quase emocionados. Entraram.

E um ofereceu ao outro uma cadeira diante da mesa que com um pequeno armário e uma poltrona velha era tudo o que havia ali. E conversaram. E o primo vindo de longe olhava ao redor e se espantava da simplicidade quase pobre de tudo. E era a casa de um estudioso erudito dos livros sagrados. Um homem lido, estudado e respeitado em Israel e em outros cantos do mundo.

E no segundo dia ele não se conteve e disse ao primo: “Não compreendo como sendo você um homem tão ilustre e reconhecido vive aqui, em um bairro de pobres, e em uma casa tosca, cercado de tão poucos bens”. E o outro disse: “o que eu tenho me basta e às vezes eu acho que sobra”.

“Sim!” Mas você é um estudioso renomado. Poderia viver em um lugar melhor, em uma casa mais confortável, com mais utensílios úteis e cômodos. Poderia ter um carro. Poderia...

“Meu caro primo”, o rabino atalhou, “veja, você mesmo é tão rico e onde vive você possui tantas coisas para o seu conforto e a sua segurança. E, no entanto, para vir me visitar você só precisou trazer na viagem o que coube em uma mala”.

E o outro retrucou: “Sim. Mas aqui eu estou só de passagem!”.

Ao que o outro completou: “E eu também...”



### ***Foz – beira do Oceano – frios intensos em fins de dezembro de 1996***

Pelo Caminho que eu fiz em 1992, e que quis retomar e não retomei nessa segunda viagem à Galícia para viver alguns meses. No Caminho desde onde eu vim, lembro que vi sonoros nomes nas placas, que lembram rostos e não somente lugares: Roncesvales, Puente la Reina, Astorga, Burgos, Ponferrada, Villa Franca, O Poio, Triacastela, Samos, Arca de Pino, Arzua, Leboreiro. E todos os livros que li antes da jornada que vivi e li e lerei depois dela reconstroem uma saga de peregrinos nobres e de peregrinações de velhos tempos.

E é estranho que quem inaugura o imaginário de tudo é um homem em seu tempo pobre e desconhecido. Um homem anônimo então, e decapitado em Jerusalém. E mais dois outros homens sem sequer um nome lembrado que o embarcam em uma barca mítica e chegam a Iria Flávia.

E quem primeiro os recebe é uma rainha. E uma rainha má e traiçoeira que a seguir irá se converter ao cristianismo, depois do pequeno milagre que ela presencia. E depois somem os pastores e outras pessoas simples. E sobem ao palco bispos, prelados ilustres, papas, reis, imperadores, princesas arrependidas e nobres penitentes. Até mesmo Carlos Magno precisa torna-se ator de um mito de uma história não havida.

Mas de nenhum deles, entre tantas crônicas cerimoniais, nenhum deles mereceu um romance tão belo e tocante com o de Don Gaiferos de Mormaltán. Narram as crônicas – sem nunca lhes citar os nomes – que abundavam no passado também pobres andarilhos e famintos penitentes. Creio que haverá poucos deles hoje em dia.

E bem sabemos – os que trilhamos o Caminho e os que escrevem ou leem sobre ele, entre jornais e livros – que em todo este “renascimento do Caminho de Santiago”, somem dele os nobres e os atores de grandes nomes. E quem hoje trilha o Caminho, e de quem se fala são as anônimas pessoas peregrinas como eu.

E em muito dias de minha estada na Galícia lembro que lia sempre notícias de peregrinos anônimos, lembrados por algo inusitado ou mesmo sofrido, e noticiados quase sempre sem os seus nomes. Uma “pareja belga” que vive pelo Caminho a sua Lua de Mel. Uma peregrina holandesa que sofreu pelo Caminho. Alguns jovens da Bélgica que peregrinam cumprindo pena jurídica. Alguns homens que peregrinam trechos em cadeiras de roda. Um alegre e saudável grupo de peregrinos “de las Canárias”.

Hoje – mesmo neste solene 1992 – o Camiño de Santiago esquece celebridades e se celebra através de uma multidão crescente e muito grande de pessoas simples de todos os dias. Duvido que Paulo Coelho tenha mesmo “feito o Caminho” como um peregrino. Melhor assim. Melhor que ao longo dos séculos tenhamos nós, as “gentes comuns” tomado o Caminho de Santiago como nossa trilha peregrina, mas não mais ostensivamente “penitente”.

De fato pecaram e tinham culpas a saldar os “grandes” de todos os tempos. Cabe a eles – e não apenas ontem – desvestirem-se de suas roupas de veludos e arminhos. E se armar de bastões, sandálias baratas e roupas de camponês. E virem pedir não a um papa ou a um santo qualquer perdão. Mas às pessoas que de noite se reúnem na porta do convento de São Francisco em Santiago de Compostela, porque são pobres demais para terem sequer um teto sob o qual passar a noite. Mas não foi a eles que um certo Jesus prometeu nada menos do que o seu Reino?



***Foz, dezembro de 1996 – na quase e hoje solitária “virada do ano”. 1996***

Não é apenas uma florida polissemia de crenças e de credos o que viaja pelo Caminho de Santiago. E nem estará inteiramente certa a pequena pesquisa que li em 1992 nos jornais, antes de me por “a caminho”. Nela os motivos dos peregrinos estão divididos quase ao meio: de um lado os que caminham por

“motivos religiosos” (mas não necessariamente cristãos e católicos); de outro lado os que viajam movidos por “motivos culturais-religiosos”. Menos de 6% declararam motivos apenas “culturais”. Mas um visível motivo de sadia e inocente “aventura do corpo” não apareceu entre os números da pesquisa. E eu penso que este é um motivo forte, sobretudo entre os mais jovens. Ele não é claramente declarado, mas quando misturado a reais ou ilusórios desejos de “aventuras do espírito” deve ser uma razão forte para tantos dias por um longo caminho.

Uma diferença mais a fundo é a que eu percebi entre as pessoas com quem convivi então ao longo do Caminho ou em abrigos. Entre elas e aquelas cujos rostos e mochilas apareciam de vez em quando nos jornais de Compostela os mesmos e outros motivos estão mesclados. Eles estão todos centrados em uma religião, ou ao redor dela. Mas não somente ali.

Bem vejo que quase não havia mais peregrinos penitentes e, menos ainda, aqueles que caminhavam para saldar “pecados cometidos”. E o fato de que em alguns países pequenas penas jurídicas possam ser “pagas” no se “fazer o Caminho” bem mostra como ele se abre ao profano.

Acho que já escrevi aqui mais de uma vez que homens e mulheres que andam pelo Caminho de Santiago são em imensa maioria são e sadios caminhantes. Quase todos vivem no Caminho um “tempo de férias” e peregrinam não para reparar algum “a menos”, mas para consagrar ali um “a mais”.

Chegam a Roncesvales – ou onde definem o seu “começo” – em busca não se sarar, sanar-se, curar-se, purgar-se, penitenciar-se, etc. mas a procura de realizar-se, superar-se, encontrar-se, descobrir-se, espiritualizar-se, cumprir, aventurar-se, ou simplesmente... curtir.

Alguns confessam que o Caminho foi escolhido “neste ano como um bom programa de férias”. Uma pausa, se possível inesquecível e talvez irrepetível, na vida cotidiana. São os que caminham em maioria pessoas simples São aquelas que convivem nos outros dias com cozinhas, linhas de montagem, salas de aula de escolas, corredores de hospitais, escritórios burocráticos e balcões de lojas.

E não são poucos os jovens que declaram que não apenas naqueles dias, mas ao longo da vida – pelo menos por agora – vivem como seres artistas, místicos, errantes. Para eles “fazer o Caminho” é uma “viagem” entre outras, e é também um atestado de uma vida solta, livre e feliz.

Chegam a Santiago para viver “aqui” o que para algumas pessoas é “uma experiência única” e, para outras... “mais uma”. E estão em maioria mais para a meditação zen, a psicologia transpessoal, o salto cósmico, a aventura de alma, a yoga ou a “busca da criança interior” do que para penitências que moviam peregrinos de outros tempos.

Um plural desejo, uma diferenciada curiosidade, uma aventura povoada de bolhas nos pés, encontros com outros, experiências inesperadas, descobertas “incríveis” e fatos e feitos a serem escritos num diário ou enviado a parentes e

amigos que “ficaram lá”, enfim, algo pensado e vivido como mais sério, único e “cheio de sentido” do que passar o verão nas Ilhas Baleares.

Não sei se escrevi antes que em 1992 caminhei longos trechos entre albergues junto com Monika, uma jovem alemã. Ela falava um espanhol perfeito e conversamos entre silêncios. Estava fazendo o Caminho desde Paris. E enquanto eu cheguei a Santiago com sete carimbos de atestado de passagem, ela tinha mais de sessenta. Era jovem e não me lembro se estudante. Contou que um ano antes havia passado quase o “ano inteiro caminhando pela Índia”. Caminhava por caminhar. Bohn, a sua cidade, era aborrecida e a Alemanha uma pausada rotina. Me disse que simplesmente queria conhecer “terras e gentes”. Não a vi fotografando nada e nos albergues não parecia escrever diário algum.

Ela seria, como tantas e tantos aqui na Europa, o que de vez em quando se chama de “trotamundos”. E em Santiago conheci mais de um desses “guias do trotamundos. Guias sobre como se pode viajar com a mochila nas costas e pouco dinheiro nos bolsos. Seria ela mais uma dessas jovens “buscadoras” que se lançam por estradas e mundos “caminhando para fora” à procura de “viagens por dentro”?



### ***Trujillo, Estremadura, dezembro de 1992***

Venho daquele lugar entre pedras e parreiras nas aforas de Trujillo. Todos os outros participantes deste solene e seletivo “Encuentro” ficaram no Parador, um antigo convento confortável e solene o bastante para não se desejar sair dele. Se com uma “copa de buen vino” nas mãos, melhor ainda. Caminhei estradas e trilhas para chegar lá. Saltei como um menino sobre algumas pedras. Sei eu esta pequena aventura ficará gravada para sempre. Mas não caminho a esmo.

Caminho em busca do eterno. E porque nada sei sobre ele, pois nunca estive “lá”... eu caminho. E busco o eterno desde que ele não esteja num “lá”, ou em algum “depois de tudo”. Depois de tudo há e permanece apenas tudo o que houve e passou. Caminho em busca de algo que não esteja na chegada, mas que exista em sua plenitude no exato instante de cada passo.

Esta seria a grande viagem, se fosse possível nela, e não “depois dela” alcançar a serena perenidade justamente no passar de tudo.

Por isto caminho pelo Caminho em busca de e a espera do próprio Caminho e, não, de ponto (ou porto) de chegada.

***Trujillo – no mesmo dezembro 1992***

Quem és, camponês lavrador do trigo e da alfafa? Que nome tens que cruzastes comigo em um quase susto na curva da estrada? Quem és, sem-nome e criador de três vacas que te são quase toda a riqueza? Que ares respiras, pastor de ovelhas entre pastos de serras por onde nunca andarei. Artesão do oitavo dia; continuador todas as manhãs da obra inacabada de Deus; sábio dos segredos com os quais fazer germinar sobre a terra a substância do pão que amanhã me será dado comer, quem és, que baixas a cabeça e apressado passas pela frente com quem pede licença para estar ali?

Quem és que mal me murmuras um “bos dias” e te vais? No entanto, que saibas mesmo que eu siga em meu caminho e nada te diga: em algo me meio-sorristes e quase com a mão me acenastes. E bastaram esses menos do que gestos para que eu queira me sentir irmanado a ti até o final dos tempos.

Não sei o teu nome, artista do lavar-e-semear, mas levo comigo o teu breve rosto e três gestos com que passastes por mim em seis segundos. Velho galego de boina preta na curva do Caminho. Que agora eu te leve comigo, eu que te faço sábio e peregrino. Sábio em silêncio como és; peregrino como imagino eu ser. E não seja apenas ao longo desta jornada que se acaba em mais três dias. Que por uma vida seja.

E se adiante eu topasse com um mago ou com Santiago, vivo e surpreendente, ao longo do Caminho, e se eles me perguntassem: “Queres um milagre?” eu saberia responder; “Não, acabo de viver um milagre, e ele me basta!”.

E se te recordo agora, longe, é porque te carrego em meu coração.



***Santiago de Compostela – Rua do Preguntório – 1996 - vindo de longa caminhada nos arredores***

Percorres com os teus passos a mesma lenda de milênios. Abandona o lugar onde estás. Cinze os rins, calça a sandália, toma o bastão e parte. Adiante as estrelas te indicarão para onde irás.

Deixa para trás o conforto e a segurança e parte. Que o desconhecido seja o teu rumo. Que o inesperado seja o porto que esperas alcançar.

Renuncia ao que te dá segurança e prazer. Troca a doce taça do vinho pela água quente do deserto colhida entre tuas duas mãos. Troca o prato dos ricos pelo pedaço de pão que repartes com um desconhecido. Dorme sobre o chão de terra e cobre-te com uma manta velha e puída.

Transpõe o desconhecido e enfrenta apenas com as duas mãos os fantasmas que te aparecem armados e vingativos. Teme apenas o que carregas dentro de ti mesmo.

Faze assim e tu te conduzirás ao desabrochar de ti-mesmo.

***Santa Maria de Ons/Fisterra – ao longo da peregrinação feita com as pessoa de Ons – novembro 1992***

O que esperar de uma jornada longa, mas afinal leve e aventureira? Que méritos esperar de um caminhar feliz e de pequenos sacrifícios que acabam sendo os “causos” e o “folclore” dos que se reúnem nos albergues? Poderei dizer sobre aqueles sete dias e mais estes três que eu fiz uma peregrinação?

Não, se foi um passeio longo do corpo. Sim, se tudo foi uma breve e fecunda viagem do espírito. Pois é do espírito que se trata e não do corpo. Fosse do corpo apenas, e mais frutuoso e fecundo seria o deixar-se ficar três dias por semana “malhando em uma academia”.

Não caminho quilômetros e de pouca coisa vale contar um a um a soma dos passos. O que importa é a qualidade da viagem interior que eu vim viver aqui. Mas... onde é mesmo... “aqui?”

***No Fisterra – um momento de solidão após a festiva chegada de Nos – 1992***

“Que alguma porta se abra! Que esta porta responda ao meu apelo. Que ela se abra eu veja diante de mim um rosto. Eu, um peregrino aqui parado diante dela”.

Eis o que no fundo mais espera aquele que saiu a caminhar. Ao término de mais um longo trecho da jornada, diante de qualquer porta, a de um albergue, de um abrigo, de um pouso, uma pousada, um mosteiro, um rancho de palhas, diante de uma porta fechada tudo o que ele espera é que alguém venha “lá de dentro” e a porta se abra.

Me ouviram. Escutaram o meu chegar. Uma luz se acende. Uma porta se abre. Uma vez mais eu fui salvo. E entre o olhar de um desconhecido que me acolhe e eu, é toda a humanidade que se abraça.



***Santiago de Compostela – 2000 – Durante um Encontro de memória dos 500 anos do “achamento do Brasil”***

Muitos anos atrás, quando era jovem e o mundo era as aventuras ousadas e vividas, andei por outras trilhas com acentos de desbravados e não de peregrino. Algumas vezes, nos escuros de uma floresta ou escalando uma montanha eu sonhava ser talvez o primeiro de todos no Mundo a estar “passando por aqui”. Houve poucas vezes em que este desejo tolo se realizou.

Uma vez descendo um paredão do morro “Irmão Menor do Leblon”, em minha cidade, o Rio de Janeiro, eu vivi “aquilo”. Éramos três amigos e me tocou ser o primeiro de uma “descalada” de um alto paredão de pedra a prumo. Prendemos em uma árvore a ponta de uma corda de sisal com os seus cem metros, e a fizemos despencar pela outra ponta, montanha abaixo. A corda foi passada ao redor de meu ombro direito, e com cada uma das mãos eu segurava um de seus lados, aquele o amarrado ao tronco da árvore. E com a outra eu fazia a corda e deslizar pelos meus ombros enquanto descia o paredão passo a passo.

E assim foi. Comecei a descer a passos lentos, metade com medo, metade com a ousadia de um improvisado “conquistador”. E sabia ao descer que desde a aurora da humanidade aquela velha montanha de granito estava “ali”. E entre todos os seres humanos de todas as eras eu era o primeiro a passar por cada trechos de por onde descia o paredão.

Outra feita vivi a mesma experiência. Agora como integrante de uma equipe maior, e que conquistava um difícil paredão de escalada no outro morro: o “Irmão Maior do Leblon”. Os “lances” que me tocou fazer na “conquista do Paredão Baden Powell” trouxeram de volta o mesmo sentimento de pequeno pioneiro. Eu subia por onde nunca ninguém havia passado.

Mas no Caminho de Santiago não. Nele eu vivi o exato oposto. Naquele caminho milenar e de todos, aprendi que todos os lugares por onde passei foram a passagem de milhares e milhares antes de mim. Alguns, mil anos antes; outros

ontem. Cada pedra pisada conheceu passos de sandálias do passado e de botas do presente. Cada árvore ou ave viu passarem outros peregrinos. Meus rumos foram os de todos, e nada eu vivi que não houvesse sido vivido antes. Ali, naqueles dias, eu vali não por ser único ou “o primeiro”, mas justo por haver sido apenas “um a mais”. “Um outro no Caminho” seria melhor dizer.

E assim valem por sermos uma coletividade entre tempos e lugares. Do mesmo lugar de onde vim vieram outros. E o vento, um cuco ou um deus terão escutado ou não outras preces antes das minhas. Se entre alguns quilômetros cantarolei algumas músicas fáceis, quantos outros terão cantado em suas línguas as suas canções, passando numa mesma tarde de pequena chuva, as suas canções?

Somos únicos, porque somos cada quem, uma mulher, um homem. Mas, se saímos de nossa pequenina intimidade não raro tão autocentrada em nossa “busca pessoal”, e nos imaginamos plurais, talvez aí estejamos aprendendo a essência do Caminho.

Lembrei agora uma notícia de jornal lida em 1992, em Santiago. Um jovem inglês estava enfermo. Ele sugeriu ao pai que os dois fizessem juntos o Caminho de Santiago, seja por fé, seja pelo gesto. E ele morreu meses antes. E o pai resolveu fazer então sozinho o Caminho que faria com o filho. Teria ele caminhado mesmo sozinho?



### ***Em Rao – nos Ancares - novembro de 1996***

Jamais qualquer um desses peregrinos como eu que passou por aqui e em casa escreveu histórias sobre “aqui”, soube o que de verdade “aqui” aconteceu. Nós apenas conhecemos visões efêmeras e fragmentos de relatos que ousamos transformar em escrituras. Falamos e escrevemos sobre o que pensamos que aconteceu. Mas basta nos reunirmos ao redor de uma lareira – como a dessa casa acolhedora de Xesus, o crego de Rao - para sabermos que cada um narrou uma estória do que pensa ser “a história”.

Que assim seja, porque somos humanos e isso é próprio dos humanos. Somente algumas máquinas são fiéis. E mesmo assim sempre é bom desconfiar delas.

Breves sopros do que no correr das eras é a lenta respiração da vida. Como o capturar no meio da noite o discreto brilho de uma estrela e imaginar que sempre foi assim. E que imóvel é aquela luz distante que te alcança. E esquecer que antes de haver a Terra e do Caminho de Santiago já aquela luz de uma estrela extinta viajava até te encontrar agora, em tua noite.

E que alguma iluminação me venha de aprender no Caminho que a “procura de mim-mesmo” talvez seja a busca do inalcançável. Pois, quando eu me desvelar para mim mesmo e me “descobrir”, afinal, o que será do ser que me habita justamente por ser em mim um mistério nunca inteiramente decifrável?

### ***Rao - Ancares***

Dos pássaros da Galícia é que levarei a maior saudade. E, tal como os ouvi pelos meus caminhos, eu guardo comigo os seus vários sons. Logo aprendi a amar o pequeno martelar do Cuco. Ele não canta, mas o seu pio dentro da floresta eu não quero esquecer nunca. Outros passarinhos cujos nomes preciso aprender cantam pelos caminhos e corredeiras, como aqui nestas montanhas no começo do inverno. Algumas são belas e tocantes músicas. Músicos excelentes em seus repertórios. E como serão os cantos das cegonhas, cujos ninhos que avistei em tantos lugares, sobre chaminés e no alto de raras torres.

Havia um ruído de águas? Onde? Quando? Quero levar comigo as suas toadas de outono. E mais as águas que caem de algumas lavadoiras.



### ***1996 – ainda em Rao – nos Ancares***

Agora, andando por aqui, quando em alguns lugares mais altos já há um tanto rasteiro de neve branca, me vem à memória algum escrito, creio que Serge Moscovici. Ele mesmo um rumeno fugido de seu país e migrado para a França nos escuros tempos da Segunda Guerra.

Creio que é sobre refugiados que ele escreve. E lembro isso porque em algum momento ele afirma que uma das palavras e um dos lugares humanos mais essenciais é “refúgio”. Seria quando a pessoa que “está no que é seu” é forçada a,

ou resolve por conta própria deixar sua casa, comunidade, cidade, e ir de uma vez para longe.

Entre tantos outros, por sete dias estive no Caminho de Santiago. Cheguei não apenas a Santiago de Compostela, mas à casa que por meses foi minha em longos tempos de 1992. Cheguei no “luns” no *Departamento de História Contemporânea da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago*, e lá reencontrei de volta a minha mesa e a minha porção na sala onde ela está. E quando aqui tudo aquilo se concluiu, voltei ao Brasil e lá eu tenho não apenas uma, mas duas ou mais casas para habitar.

E o que acontece com quem parte de uma vez por todas em uma viagem sem retorno? E quem peregrina sem volta? E quem viaja para um lugar onde não sabe se e como será acolhida. Então refugiar-se ganha um duplo sentido. Primeiro o de uma pessoa partir obrigada: ser uma refugiada. Segundo o sentido oposto, o de encontrar um refúgio. Uma porta que se abre e uma casa acolhe. Um alguém que diz a quem chega: “bem-vindo!” Haverá em toda a Terra palavra mais sagrada?

### ***Em Rao – Ancares***

Em Assisi duas vezes subi sozinho o Monte Subásio. Na segunda vez uma ponta de uma tempestade de neve me alcançou no topo e eu não sei em uma outra vez eu senti um frio como aquele. Algumas vezes fui ao *Éremo del Carceri*. Numa delas era o Natal e havia uma rala neve pelo chão. Alguém cantava “lá dentro”. Maria Alice se emocionou mais do que eu.

E quando reconto em meus pequenos cadernos de viagem as quantas aldeias que percorri na Úmbria, antes de vir para a Espanha, quase me toco de emoção. Foram muitas e foram longas as horas de não sei quantas caminhadas. Algumas pequenas, quando uma cidade ou uma pequenina aldeia era perto de Petrignano di Assisi, onde moramos. E não por acaso em uma pequenina rua sem saída com este nome: Via Incerta.

Quando me perguntarem de onde eu saí e quantos dias andei pelo Caminho de Santiago, eu direi” Vim só de Ponferrada a Santiago”. Mas em seguida poderei dizer: “se for somar tudo o que caminhei em meus dias e anos de Europa, devo ter feito todo um Caminho de Santiago saindo de Paris”. E por onde passei em todas essas quantas andanças entre Itália, Espanha e “outras Europas” encontrava pessoas a quem invariavelmente cumprimentava. E sorria. E tenho guardada na lembrança uma coleção grande e comovente dos sorrisos de desconhecidos com quem cruzei, e me devolveram o sorriso com um outro. E, assim, mais do que nos cumprimentamos, nós por um instante comungamos o afeto.

Sempre fui uma pessoa alegre, mesmo nos breves momentos em que acho que não fui feliz. A Ode à Alegria, da Nona Sinfonia de Beethoven poderia ter sido escrita por mim. Não poucas vezes fui ora reconhecido, ora criticado, por sorrir – mais do que rir – seja a um passarinho, seja a uma pessoa muito querida. Sou ainda.



### ***Em Rao, nos Ancares – frios de 1996***

Aqui nos Ancares amanheci pensando na diferença entre caminhar trilhas e escalar montanhas. Pratiquei uma coisa e outra e até hoje – e eu espero que para sempre – “trilhas” e “montanhas” são símbolos de mim mesmo.

Faz tempo que eu escalava montanhas no Rio de Janeiro e no Estado do Rio. E faz tempo que eu deixei de escalar. E faz mais tempo ainda que eu busco trilhas e caminhos e... caminho. E houve tempos em que as trilhas por onde eu andava com os meus companheiros eram apenas o percurso obrigatório para chegarmos à “base” de uma montanha.

Lembro as primeiras vezes, em 1958, no Planalto do Itatiaia, entre as Agulhas Negras e as Prateleiras. Escalei montanhas anos a fio. E escalei sempre entre a maravilha e o medo. Mas os caminhos entre trilhas eu os percorria sem medo algum dentro de mim. Caminhava entre a maravilha e a paz.

Escalar montanhas era dar-me ao outros. Era um testar-me a mim mesmo e aos meus limites... diante de outros. Ao escalar eu devia a outros e a mim a voluntária “obrigação de escalar”. Mas caminhar horas e dias entre trilhas era algo livremente meu. Por isso desde “menino do Rio” eu sempre amei caminhar sozinho. Amo até hoje. Escalar era o meu dever a mim-mesmo e para os outros. E o haver feito a “Escola de Guias” foi sempre a evidência disto. Andar por trilhas me era dado. Era um direito de meu puro prazer. De minha andarilha alegria.

Fui um guia de montanhas de pobres e pequenos recursos, quando me lembro de amigos que escalavam comigo. E mesmo na “conquista do Paredão Baden Powell” - uma iniciativa minha - eu “conquistei” apenas uns dois lances mais fáceis.

Agora me encontro aqui, na Itália, na Espanha, em Santa Maria de Ons, em Rao e em tantas outras trilhas e estradas de meus mundos, como apenas um entre outros infinitos caminhantes. Por isto estar aqui naquele “Caminho de 1992” eu

repetia o que cada peregrino apenas repete, ao repeti e compartilhar os passos dos outros.



### *Em Rao, nos Ancares*

Há um estado de espírito. Há um afeto do coração pelo qual eu anseio. Ele é humano. È bem terreno mesmo. É inteiramente humano e não aspira a nada das grandes realizações esotéricas da alma, destinadas a alguns poucos “iluminados”. Não sonha os abismos do zen e nem o seu irmão, o satori. Não considera uma ilusão este dadivoso mundo de sol e de chuva, onde voam gralhas e borboletas e onde nas mãos em concha uma criança bebe água.

Ao contrário. Este sólido e etéreo mundo e as vivências recordadas dele são a minha casa. São o mundo que eu habito e o mundo em que creio. Não quero recordar a estrada por onde caminho e nem quero fugir da casa de tijolos e telhas que em acolhe.

Bachelard seria o meu guia e não Buda. A menos que eu possa pensar e viver Buda através de Bachelard. Recordo alguns lugares. Relembro rostos. E revivo a minha vida através não de uma exclusiva “viagem interior”, mas de uma múltipla jornada que comparto com as pessoas simples e corriqueiras de minha vida.

Aqui, neste Caminho universal relembro as trilhas de subida ao Planalto do Itatiaia. E se recordo um homem iluminado, ele é Júlio Julião. Era um homem negro e muito pobre. Um tropeiro de tropa de burros que subia serras acima levando “mantimentos” ao Abrigo Macena, no Planalto. Nada tinha de especial e não disse nunca solenes palavras que eu recordasse. Mas esqueci “gurus” vestidos de branco – e que se repetem à exaustão, pensando que dizem algo iluminado – e não quero esquecer o sorriso bom de Júlio Julião enquanto entre as mãos ele picava fumo e preparava um cigarro de palha. E a rústica simplicidade com que ele vivia os seus dias, como uma pessoa para quem um gole de café quente já é uma benção. E mais a bondade de um homem cuja vida, sem alarde algum, era em silêncio e entre sorrisos, um aprendizado nunca acabado do mistério humano do servir aos outros.

São Tiago, Santiago... seria você capaz de vir aprender o amor com Júlio Julião?



*Em Foz, primeiro de janeiro de 1997 – tempestade boreal – voltando da primeira caminhada do ano*

Não são os teus braços como remos, e nem as pernas com que caminhas são como velas de um suave barco. Não é a Ítaca que de volta viajas. E, longe, em outra ilha, mulher alguma desfaz por ti a tecelagem que urdiu na noite.

Caminhas só e não tens um só companheiro de viagem que divida contigo a metade de um pão ou uma meia taça de vinho tinto.

Caminhas e é só. E vais em direção a um rumo que outros tantos conheceram e seguiram antes de ti. E então nada desbravas do desconhecido, porque por onde passas passaram mil e mais antes de ti. As aves que avistas no alto céu outros viram pousadas em galhos de carvalhos. E as preces que murmurastes chegaram ao vento ou a deus quando as de outros estavam já de volta.

Não levas sobre ninguém vantagem alguma e de ti, quando chegues, ninguém espera nada. Se guardas contigo algum segredo, saberás se o revelares que ele a palavra esquecida e depois lembrada de mil outros. Não te vistas de branco e nem pendures sobre o peito algum amuleto de uso de magos ou profetas. Ninguém espera ouvir de ti palavra alguma. E o que imaginas uma profecia única, saiu na terceira página dos jornais de ontem.

Escreves para deter o tempo e desafiar o esquecimento. Serás esquecido e as tuas palavras nem a ti te acompanharão. Escreves para deter o inesperado. Mas é ele quem te espera adiante.

Caminhas. Buscas o não-sabido. Mas caminhas e buscas. E o que fundas no que fazes é a substância daquilo em cuja direção te encaminhas, mesmo quando do que te espera nada saibas. Fundas, na irmandade das mulheres e dos homens, aquilo de que te ocupas e que preenche as horas em que, criando algo, pequenino que seja, és como um companheiro e um irmão, e não um filho pródigo ou um penitente de Deus.

Fundas entre os homens aquilo que te faz acordar a cada manhã. E, como quem a cada manhã dá de novo corda em seu relógio, no que fazes silenciosamente inauguras um universo.

Caminhas e vais só, peregrino. E saber que tudo o que fazes é caminhar. Não é o Caminho. Não fizestes o Caminho. Em nada és único e tudo o que deves esperar é que o Caminho de faça ser a comunidade plural dos que caminham.

Cada passo é todos os passos. E em cada um deles chegas ao lugar de onde partistes.

### *Foz, primeiro de janeiro de 1997*

Lembrando *Terra dos Homens* de Antoine de Saint-Exupéry. Não quero recordar nunca apenas os traços de teu rosto. Tu és o Homem dos homens todos, e se me apareces em um trecho do meu caminho trazes em ti o rosto de todos os homens. Nunca me vistes antes e nunca eu te vi, mas me reconheces sem me conhecer e eu te acolho em mim vida sem nada saber de ti. A não ser que és um homem e, portanto, abrigas em ti mesmo o coração do Homem em todos os homens. És, desconhecido, o bem-amado, e em ti saberei reconhecer todo o Humano de cada homem.

### *Em Foz, 2 de janeiro de 2017 – frio intenso*

Caminhas? Pois esquece então todas as linguagens! Quando a caminho a única palavra que não te engana é a da poesia. Todas as demais te iludem. E mais ainda as da ciência que em casa praticas. Se queres falar de ti mesmo, fala como poesia. Se queres que de fato os outros te compreendam, fala com a poesia. Se queres que mesmo um deus te decifre, esquece a palavra da prece conhecida e murmura uma poesia. Mesmo que ele não te atenda e silencie, terá ouvido o teu poema e saberá de teu amor.



***Foz, janeiro de 1997, voltando para Santiago***

Ao que chega à tua porta dá água e pão. Assim o deverás acolher. Mas dá a ele também o silêncio e a palavra de tua acolhida. Pois para além de pão e água, pedimos aos outros a palavra. Acende de noite em tua casa o fogo e coloca ao redor dele os que acolhes. De todos os seres somente os homens procuram o fogo, acendem o fogo e se reúnem ao redor dele. Este milagre não sabem fazer nem as feras e nem os anjos. E os anjos nos invejam porque ao redor do fogo aceso bebemos o vinho, partimos o pão e trocamos palavras. Eles podem ser celestiais. Mas nós somos humanos e, portanto, sagrados.

***Em Foz, 4 de janeiro de 1997, voltando a Santiago – grandes frios***

Penso nos que separam o sentimento, e separam o pensar e o pensamento da ação. Eles separam também a ação do sonho através do qual o que se faz ao agir ganha um sentido e pode ser um momento de comunhão.

Poderiam ser poetas e profetas, mas realizam apenas o trabalho do arquivista. Poderiam ser artesãos da madeira, mas usam a madeira para escorar a porta. Pensam que estão vivos, mas não conseguem caminhar com os passos com que a vida se move adiante.

Em tudo sou ainda, desde a juventude de estudante, um seguidor de Pierre Teilhard de Cardin. Deverei ler bem mais de sus ideias e aprofundar o que sei dele. Creio na vida, na matéria, na energia. Creio que tudo no Universo se transforma. Creio que tudo o que se transforma, espiritualiza-se. Creio que o que se espiritualiza ascende.

E creio que tudo o que ascende, converge. E assim que posso crer em um “final dos tempos”. Todo oposto do Apocalipse. Um tempo muito no futuro onde o primado do espírito, da harmonia, da convergência entre diferentes extremamente personalizados, pessoalizados – das pedras aos humanos – haverá de se encontrar em um “mundo iluminado”, que se não for para todos não será de nenhum.

***Santiago, na volta de Foz – dezembro de 1996***

Há uma qualidade do humano que não tem um nome fácil. Penso que “gravidade” poderia ser o nome. Talvez seja. Para além da sempre efêmera e discutível “felicidade” há algo além dela e além de nós que cabe nessa palavra: gravidade.

Assim, ao que caminha dizer que não busque o comum dos caminhantes. Que não se sinta a caminho entre um ponto de partida e um de chegada. Que busque o instante de cada passo. O denso existente em cada gesto. Aquilo que

alça o “prosaico” a alturas do “poético”. Aquilo que torna o “confortável” e “leve” em algo denso, grave. Ou, melhor ainda: “grávido”.

***1996, Santa Maria de Ons – dias de Ons de Abaixo – entre caminhos e despedindo de Galícia***

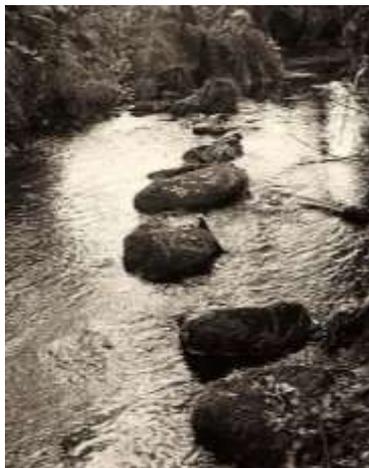
Escuta.

Anoitece agora sobre essas terras do Norte. E do que foi durante o dia a clara imagem de cada coisa e cada ser, e mais os seus fragmentos todos, tudo vai se tornando agora, lance a lance dos astros, como um mesmo rosto uniforme. O lugar onde estás se desveste de noiva e se reveste de roupas de viúva galega. Anoitece entre campos e montes e a noite torna igual o que duas horas antes foi o caleidoscópio e o arco-íris de sete ou setenta cores.

Assim sobre ti, peregrino de longe, a noite cai.

E, diferente do que imaginas, a noite desvela em cada coisa do mundo a sua verdadeira face. O escuro iguala e torna o que parece único descobrir-se parte de um mesmo todo de que cada ser sob a luz do dia finge ser “ele mesmo”, único.

Somos, quando cobertos pela luz-nenhuma da madrugada, essa igualada irmandade de seres que, absolvidos de se verem às claras, descobrem na escuridão das horas do sono o rosto coletivo de que na verdade são.



***1992 – outubro – Ons de Abaixo – vindo do Caminho de Santiago***

De andar fora do tempo agora, quando as cores do outono em outubro já me povoam a face e a alma, venho aqui para entre o vinho peregrino e o caldo verde com os grelos galegos, dizer-te o que acontece quando nada parece acontecer.

Pois – vê – cai na floresta no meio da noite uma árvore com um grande estrondo. Cai a árvore depois de anos e anos de pequenina começar a crescer de uma semente enterrada na terra por uma ave migrante.

Depois de haver crescido para abrir em março as suas flores e em maio os frutos. E para abrigar entre os galhos os esquilos e os ninhos das aves. E para dar a sombra do descanso ao caminhante a quem sequer o nome ela pergunta. E cai

para cantar com o vento entre um inverno e outros as mesmas questões que ele ensinou a ela. O mesmo vento que agora a derruba ao chão.

E cai durante a noite a árvore com um grande estrondo. Mas, dentro da mata, quem é que escuta a floresta crescer?

Pois foi sobre isto que eu vim falar. Do que não se vê e nem se escuta. Mas acontece.

### ***No Talgo, saindo de Galícia, 1992***

De tanto correrem entre o melhor dos ares, as iguais águas claras do regato convidam à contemplação mais pura quem ainda como eu para no meio da travessia da pequena ponte de pedras e espreita ali, como em Heráclito um dia, o inesperado milagre. O milagre de que tanto quem passa pela ponte, quanto a ponte e o regato sejam a todo instante elas mesmas e já um outros, outras. E sejam não cada coisa a sua solidão, mas o enlace que a todas une e faz não propriamente a unidade sem rosto de tudo, mas uma irmanada diversidade de cada um em tudo e o “tudo” no todo.

Mas que isso seja poesia, antes de ser filosofia. Se alegra o regato de ter por sobre ele a ponte, para que quem venha passe de um lado seu ao outro. E as pedras que agora fazem a ponte, foram o que e onde estavam antes? E quem passa sobranceiro sobre a ponte por cima do riacho, acaso sabe que um dia terá partido não só daqui, mas da vida que o trouxe aqui, enquanto a ponte passará de um lado ao outro. A outros?

E saberá que o regato que viu passar aqui um primeiro peregrino, que algum dia haverá de ver passar o último?

### ***Santa Maria de Ons - 1996***

Chove uma vez mais. Um rebanho de nuvens entre o branco e o cinza, tocadas pelo pastor-vento desaguam ora lentas, ora mais apressadas, as chuvas que aqui e ali me obrigam a tirar da mochila companheira a capa de plástico que minutos depois eu tiro do corpo para guardar de volta.

E o vento, ele próprio um cantor incorrigível, pastor de flautas e gaitas galegas, ontem de noite entoou as suas músicas de outras eras. Agora cedo, escuto junto da janela do lugar onde me abrigo aqui em Ons, o ruído do vento.

Mas é outro o som da manhã. Pois o que ouço é o seu farfalhar entre as folhas do milho quase-seco. Uma imagem visual e sonora tão costumeira entre Minas Gerais e Goiás nos quentes verões de março.

Ou este bando de cinco corvos barulhentos que esvoaçam acima dos eucaliptos e passam grasnando suas feias vozes em busca de algum outro prado semeado de ervas macias e sementes.

Aprendo aqui os ruídos lentos, vaporosos e evocadores com que desde há meses eu me acostumei na Galícia e, especialmente, aqui em Santa Maria de Ons. E embora aqui os camponeses estejam já tão mais motorizados do que no

Brasil gosto de surpreender homens e mulheres desde bem cedo de manhã curvados sobre as suas armas de lavrar a terra ou colher para o gado o capim.



***Santa Maria de Ons – na volta da peregrinação ao Fisterra – 1992***

É muito cedo ainda e será preciso esperar longo tempo pela luz inteira do sol nascente. No entanto antes dele as galinhas de perto já acordaram e as ouço daqui ciscando pelo terreiro batido da chuva da noite.

Algumas árvores ao redor estão ainda com folhas verdes. Mas em muitas delas a cor verde de sempre vai se recolorindo em havana, vermelho e amarelo. Não são necessárias flores quando as próprias folhas secas ainda bailam de beleza antes de caírem com o inverno.

Imagino na porta de uma casa de pedras um velho homem da terra já de pé. Ele abrirá a porta da casa e saberá ler nos sinais da manhã o calendário do dia. Envelhecido, curvado e, no entanto, com a gadanha na mão direita, seria difícil imaginar quantas incontáveis vezes aquele homem terá repetido o mesmo gesto. Depois do trago do primeiro café terá aberto a porta da casa para começar mais um quase igual e infinito dia. Enquanto saímos a caminhar ao Fisterra, quantas vezes os mesmos gestos ele haverá de repetir, ora cortando para as vacas o capim; ora cuidando das plantas da lavoura, da horta e do pomar.

Teremos para oferta ao tempo, ao vento, a um deus ou a um homem chamado “apóstolo” os nossos corpos cansados de caminhar. E nem tanto. E o homem galego que imagino e que existe multiplicado por tantos, e que nunca fará o Caminho de Santiago, ou irá de Santiago ao Cabo Fisterra, poderá elevar aos céus e, se for ousado e descarado o bastante, poderá dizer em voz alta: “Veja, Deus, as minhas mãos cheias da colheita do que plantei. O que seria dos teus poderes sem as minhas mãos?”.

Pequena mulher de aldeia. Pequeno ser cuja sombra parece fugir do corpo. Sobre calçados gastos em pedras de ir-e-vir, quantas vezes terás ido daqui a Santiago somente em viajar ao redor da casa e no ir aos lugares de perto: a feira, a igreja, a casa de uma filha, o cemitério? A roupa preta ao longo de todo o corpo e suada no sovaco esconde de todos os teus seios. Quem és? Quem? Mulher sem nome que em dois minutos desapareces de minha vista e nunca mais te verei!



### **No Caminho entre Ons e Ceo, no Fisterra - 1992**

De repente olhei com outros olhos ao redor e vi diante de mim um pequeno monte sem nome. Qual monte seria aqui, em terra da Amahia? Entre os do lugar, que nome terá? Quem se atreveria a deixar as planuras por onde ando para subir até o seu topo?

Encontrado em folha do meu diário

*Quem sabe é isso o que se chama vida:*

*Ao meu redor, cantando ritmadas  
e oscilando as cabeças em cadência  
dançam crianças no pátio da igreja  
Salvatore Quasimodo*

### **Santiago de Compostela – intervalo entre as duas peregrinações - 1992**

E eu recordo agora aqui nesta “pausa entre Caminhos” uma passagem de um livro que lia aqui na Rua do Home Santo: *Carta sobre la Caridad*, de um pensador cristão de quem recordo um nome: Capovilla (ou Cabodevilla?). Na passagem que estou recordando agora ele escreve que Simone de Beauvoir lamenta em um momento de um de seus escritos, o haver-se durante quase toda a vida recusado a abrir-se a talvez “a única coisa que realmente importa”: a felicidade.

E eu me lembro que ele trouxe o testemunho dela por uma razão muito simples. Ao escrever sobre o amor, a caridade, ele lembra que somos, os humanos, seres destinados à felicidade. Em uma página mais atrás no meu diário

do Caminho eu recordava Antoine de Saint-Exupéry, quando ele não propriamente se voltava contra a felicidade, mas subordinava o ser feliz ao ser responsável.

Se somos “elos” para sermos pessoas, então está fora de questão eu ser feliz sozinho. A felicidade é também uma corrente. Não sendo uma posse de ninguém, ela é uma “energia do bem” que transita entre pessoas-elos. Por isso a minha “bronca” com alguns livros de autoajuda que centram a busca de tudo na individualidade de uma pessoa.

Estranho que gente com quem converso e que em sua “busca interior” se sinta aos poucos “centrada em mim-mesma e integrada no todo de tudo”. E assim o “buscador” se alça em imaginários voos cósmicos e se torna vegano, e protege aves e aranhas, mas não é capaz de se tocar diante do rosto negro e infeliz dessa crescente multidão de migrantes sem “lar nem lareira” que “invade” agora essa mesma Europa por onde eu caminho entre trilhas e maravilhas.

Quantos “Caminhos de Santiago” um desses refugiados-peregrinos percorrerão entre as ruas de uma cidade como Barcelona em busca de uma casa que lhe abra a porta e de uma mão que estreite a sua?

Mas da alegria não devemos fugir.

Henri Bérghson (cujos livros em francês comprei em uma livraria em Cambridge, em 1989), lembra que em todas as “boas filosofias” a respeito do homem e do destino da espécie humana, a natureza que nos fez seres vivos e primatas tratou de ir além de si-mesma. E ela deixou em nós a marca de um claro signo de que a nossa consciência reflexiva alça voo e supera a materialidade da própria natureza.

E este signo não é um pensamento apenas racional. Ele reside na alegria; na felicidade. Recordo mais ou menos: “ce signe est la joie”. Será a alegria. Mas a alegria como vocação à felicidade. E será a felicidade como dever de partilha.

Lembro que Bérghson evita aproximar a alegria e a felicidade do mero prazer. Pois o apenas-prazer é um mero artifício da vida para que cada “ser da vida” não queira deixar de viver. Enquanto a alegria de viver e partilhar dá ao próprio prazer um sentido. Uma humana vocação. E somos felizes não quando encontramos prazer no que vivemos, mas quando encontramos um sentido para o que vivemos com e como um prazer.

E qual é em Henri Bérghson o sinal da felicidade? Onde estaria a realização do Ser? Estaria nela mesma? Não. Ela está na criação! Está em quando uma pessoa se realiza por criar. E mais se realiza no criar-se. Quando mais genuína a criação, tanto mais felicidade. Quanto mais profunda a criação, tanto mais plena a felicidade.



*Foz - dezembro de 1996 – grande frios depois de caminhada solitária à praia de Laas*

Olhar ao redor “o dentro das coisas” e mergulhar no infinito a partir do pequenino, do visível á tua volta. Migrar do “de fora” para o apenas aparente infinito e invisível. E ele não está apenas dentro de ti, viajante em busca de si-mesmo!

Está em tudo o que te rodeia e comunga contigo o mais estranho de todos os mistérios: existir. Viajar como se sempre em um outro e inesperado caminho. E o mais difícil no ser peregrino está neste penetrar além do “de fora” em direção ao “de dentro”, ao “estofado das coisas”. Pierre Teilhard de Chardin , de novo.

Não fugir do que existe ao teu redor. Abre bem os olhos antes de os fechar para meditar. Não sejas como o meditante que se encerra em si e deseja esquecer a borboleta que voa à sua volta. Tudo existe e tudo “está aí”. E tudo se transforma, e és a cada instante de ti-mesmo apenas um elo, uma flecha, um fluxo em direção ao que te impele a fundir-se, a ser-com-todos-e-com-tudo.

O “estofado”, como em Pierre Teilhard de Chardin. A interioridade de uma pedra na estrada; o “dentro de” onde se realiza em silêncio e em segredo e se manifesta diante de ti enquanto caminhas o “lado de fora” de tudo.

Olhas a floresta por onde passas. E imaginas que ao descrevê-la ela começa no chão de onde sobem as plantas e crescem as árvores? E pensas que ela termina ali onde se finda a copa mais alta da árvore mais alta?

No entanto, não! Um peregrino menos apressado do que tu poderia caminhar pela mesma estrada e imaginar que ela começa ali onde a raiz mais profunda de uma árvore chega no interior da terra. Ali onde invisíveis águas subterrâneas fecundam a vida que vês ao teu Redor. Ali onde a alquimia da mãe natureza prepara desde milênios de milênios as energias e matérias de que tudo se alimenta e move.

E a floresta, ao seu ver estende-se da copa da árvore mais alta até onde alcança chegar a árvore da floresta que mais alto estende-se. Mas - pensa bem e vai a fundo - a floresta vai até muito além. Ela vai até onde sobem as águas de vapores que dela saem em direção às nuvens do céu que depois, como a chuva fecundante, retornam ao chão da floresta. E ela vai até onde voa a ave da floresta que mais alto voa.

Assim, podes colocar em teus olhos e em tua mente a floresta por onde passas entre as funduras e as alturas que ousares imaginar. E, se quiseres, poderás sentir-se caminhando por uma floresta que não termina “um pouco adiante”. Pois ela pode seguir contigo até Santiago, até o Fisterra. Até além do oceano. Até a casa onde moras no Brasil. Até muito além de onde andastes durante toda a vida.

O chão de pedras, algumas pedras, raízes brotadas da terra, caules, os galhos e ramos de uma árvore, folhas incontáveis. Algumas flores pequeninas e os seus frutos.

Comes uma castanha assada na brasa? Comes o Universo! E mais o balançar do vento quando o vento passa e, como tu mesmo, peregrina também. E a procissão das formigas que te veem caminhando a esmo enquanto elas trabalham. O milagre incomparável do primeiro voo de uma avezinha. Toda a floresta viva por onde passas com pressa de chegar. A vida está ali. E onde a buscas, peregrino? Tudo, como a grande célula de que tudo se faz, e entanto invisível aos olhos.

E nem paras para pensar, para sentir (melhor ainda) que sob os teus pés é debaixo de ti que a múltipla sinfonia da vida pulsa de energia e entoa a sinfonia que não ouves. Não ouves, peregrino apressado, e no entanto, aí está a música mais harmoniosa e essencial.

Pois nela, silenciosa e altissonante, entre os inumeráveis elementos químicos e a física das forças da matéria, e mais as variações das águas entre as tramas e tessituras de fios e forças de que tu também és uma ínfima parte, silenciosamente toda a floresta pulsa secretamente de vida para existir, e fazer com que tudo exista. E até mesmo, que passas por ela sem um momento de uma poesia ou uma prece de gratidão.

Vês uma flor que diante de ti se abre nesta manhã “do lado de fora da vida”, na floresta? Mas quando conseguirás imaginar todo o maravilhoso trabalho da vida para que por um pequenino instante, de passagem e com a pressa do caminhante, passas por ela e segues o teu caminho? Buscas Santiago de Compostela? Pois Santiago está aqui! Busca o “Cabo do fim do Mundo”? Olha bem. Ele está em cada pedra do teu caminho.

Abre os teus olhos que veem o que queres ver, e que te fazem perceber uma apenas pequena porção de tudo o que a cada momento alcanças enxergar. Este outro milagre da vida situado duas vezes em teu rosto, no “fora de teu corpo”. Sabes?

Vês com os olhos ou com a mente? Vês com a mente ou com o espírito? Vês com o espírito ou com o coração? Ou vês com o que de teu coração entrelaça o que sente ao ver com a mente, o espírito e os olhos?

Teus olhos são o pequeno insuperável milagre da vida. E o que tu mesmo olhas de ti quando te vês diante do espelho, é apenas o ‘lado de fora’ de tudo o que, “dentro de ti”, te faz ver o que vês e sentir o que olhas e pensar o que sentes.

Se por um momento vês a flor no caminho por onde passas, os teus olhos são apenas os teus “óculos naturais”. Pois vês com bem mais do que apenas um sentido e uma mente. Vês com o todo de energia e matéria, de corpo, alma e espírito, de que és não apenas “feito”, mas a cada momento “transformado”.

E não custa pensar, se buscas em que te integras quando vives, que não vês o que vês, mas todo o Universo se vê a si-mesmo através de ti. Em ti.

Quem escreveu um dia: “o olho que vê o mundo é o mundo que o olho vê”?



*Andar é encontrar-se a cada momento.*  
*Rabindranah Tagore*

## *A história de Xoana e Júlio* *um conto do Caminho de Santiago*

*Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos a nós mesmos uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção quanto a história verificável nos provém de uma identidade.*

*Paul Ricoeur*

Entre os séculos e de um milênio ao outro, as lendas e as estórias e histórias contadas sobre os milagres acontecidos no Caminho de Santiago costumam ser relatos terríveis; alguns até mesmo cruéis. E são assim, mesmo quando alguns terminam com um “final feliz”.

O que narro aqui nada tem de extraordinário e nem mereceria ser lembrado, se não fosse tão singelo. Conto o que nada tem de milagroso, a não ser que você que me lê acredite, como eu, que um puro amor entre uma mulher e um homem talvez seja dentre todos, senão o maior, com certeza o mais belo e tocante dos milagres.

Caminhemos juntos. Saiamos por um momento do Caminho de Santiago e cheguemos a uma pequenina aldeia.. Eis uma moça que nela vive. Vamos chamá-la: Xoana. Com a letra “J” começaria o seu nome, se não fosse escrito na língua do povo de Galícia. Mais adiante ele um homem vindo de longe dirá de si mesmo que se chama Júlio, tal como se escreve no português do Brasil. Guardemos os dois nomes: Xoana e Júlio. Esta é a história dela e dele.

Vamos acreditar que esta pequena história - que poderia ser muitas e é única - aconteceu entre o Caminho de Santiago e uma pequena aldeia de camponeses cujo nome não importa para o que iremos narrar.

Situemos Xoana, Júlio e a nossa história em tempos apenas alguns anos anteriores a agora. O mês será outubro, o começo do outono, quando por lá já faz frio e os pássaros que podem voam em bandos rumo ao Sul. Esta é, portanto, a estória da história de Júlio, Xoana e outras segundas e terceiras pessoas. Ela é assim.

Na quadra da Lua Cheia de outubro um moço vinha de longe pelo Caminho de Santiago. Ontem ele havia subido montanha acima até os altos do Cebreiro.

Dormira o albergue de O Poio e já cedo descera rumo a Triacastela. Até aí ele era um peregrino como tantos. Havia vindo de um país dos trópicos e falava uma língua que, dita devagar, as pessoas da Galícia compreendiam. Mas falava pouco e andava muito. Havia saído de algum lugar na França no dia em que os católicos de lá e do Mundo festejam Francisco de Assis.

Falava pouco e caminhava muito, ora depressa, ora devagar. Trazia uma bússola que não usava nunca e esquecera ou deixara em casa o seu relógio. Das outras máquinas que falam, mostram e fotografam, não trouxe nenhuma. “Quero ouvir pássaros e os regatos” ele disse ao irmão que lhe ofereceu um daqueles aparatos que falam e gravam. “E do que há para ver quero levar as imagens atrás dos olhos, e não em máquinas”. Disse ainda.

Era um moço estranho, mas não tanto, como adiante se verá. Trazia claros os cabelos louros, e os olhos de cor azul. Em uma terra de pessoas com quase sempre iguais cabelos negros ele sugeria alguém que, como outros iguais peregrinos, viria de bem mais do Norte. Mas não veio de lá.

E caminhava como quem ora tem, ora não tem pressa alguma, pois gostava de chegar cedo e parar em recantos por onde os outros passavam apressados. Era capaz de demorar meia manhã na beira de um regato. E não contava passos e nem media o tempo. Chegaria a Santiago um dia, quando fosse então a hora de bem chegar.

Era um rapaz belo e deixava entre as moças que encontrava ora um ar de espanto, ora um disfarçado segredo de desejos. Sorria como quem festeja a vida e quer o bem de todos. E bem queria. E de maneira igual saudava o sol, um cuco, uma árvore na beira da estrada... ou nada.

Não acreditava em um deus com um rosto, mas gostava de pensar que cada quem carrega um deus em seu rosto. Se acreditasse poderia ser um santo. Francisco de Assis gostaria de caminhar com ele. Francisco de Assis gostaria de caminhar com ele. Mas era apenas um belo moço a caminho de Santiago.

Foi quando depois de longo descer dos altos do Cebreiro, ao tomar o rumo de Triacastela e derivar em direção à Abadia de Samos, ele avistou de passagem uma placa com um raro nome de aldeia galega.

E sem parar para pensar e seguir adiante o seu caminho, desviou dele e tomou o rumo da aldeia. Há na vida desvio que são chamados. Aquele era pois um lugar que peregrino algum se animava a visitar. Iguais àquela a Galícia tem milhares, e para quem vai apressado todas elas parecem ser iguais. Mas ele não tinha pressa alguma, e pensou que uma aldeia com um nome daqueles deveria ser única. E era, pelo que verá adiante.

Era uma só aldeia entre tantas e era menorzinha do que muitas outras. Alguns bosques de árvores antigas, alguns prados de poucas vacas. Algumas terras de lavoura de trigo e milho. Algumas hortas e raros pomares. Casas de pedras cor de pedra, e uma pequenina e quase comovente igreja antiga. Uma

entre milhares de igrejas de aldeia, povoada de pássaros que ainda não voaram ao Sul, e cercada de um adro e um campo de mortos.

Havia paz e ele pensou haver ouvido o grasnar de corvos e o pio de um cuco. Resolveu num repente que aquela noite ele passaria ali. E aconteceu que havia festa naquele fim de semana. Havia agora o preparo de uma festa de santo padroeiro. E quando chegou perto ele viu que o que de longe parecia um lugar vazio de pessoas estava semeado delas. E ele logo viu que havia uma alegria ingênua e aldeã ali.

Mais do que ele espantaram-se os que viram chegando o moço pela estrada. Aquele era mesmo um sábado de festa e algumas pessoas de fora viriam à aldeia. Mas não um peregrino vestido de botas de couro, meias de lã, uma calça azul folgada o bastante para ser “jeans”, uma blusa de um vermelho exagerado para vestir um peregrino, um lenço também azul no pescoço, e sobre a cabeça clara um chapéu de palhas desconhecidas em terras de galegos. E, claro, uma mochila encimada por um saco de dormir.

Pois havia ali na pequenina aldeia uma festa. Deixemos esquecido o nome do santo festejado e também o da primeira mulher com quem o estranho e inesperado moço que chegava falou. Antes que um múltiplo olhar de justo espanto se apagasse do rosto das pessoas que no adro da igreja preparava a festa, ele se voltou a uma mulher vestida de um escuro pano negro, e pediu a ela um copo de água.

Falou em sua língua certo de ser entendido. E pediu a água a uma desconhecida como quem espera algo de uma velha tia. A mulher, espantada e feliz por sido a escolhida, encheu de uma moringa de barro um copo de água e o estendeu ao desconhecido, enquanto alguns buscavam retomar no ar parado o gesto que faziam antes de o inesperado haver acontecido ali.

“Quem seria aquele alguém?” Pensavam todos e todas, cada uma a seu modo? “Quem seria aquele estranho homem-peregrino, por certo perdido de seu rumo. Um raríssimo moço que ali chegou como há séculos não chega peregrino de Santiago algum?” Se for alguém perdido melhor que se ensine depressa o rumo certo, e que ele se vá.

Mas não, no olhar curioso e acolhedor das crianças e das moças se via bem que a chegada do estranho moço quase parecia a do santo que se festejava. Só que mais jovem, mais belo e (em segredo) mais silenciosamente desejável.

Algumas moças do lugar ajudavam no adorno do adro da igreja. E foram elas as que, entre o sério e o riso, mais espiavam com canto de olhos o inesperado peregrino. O moço chegou como que encontrou uma velha casa.

Entre todas uma delas, nem a mais bonita e nem a mais desejável, havia uma moça que quis fingir que não olhava quem chegou. E lutando por dentro para não ser curiosa – mas trêmula de surpresa e de espanto – ela queria desviar do moço o desejo do olhar. Seu nome era Xoana. Não esqueça dele.

E à mulher da moringa o moço devolveu com um sorriso franco o copo e disse: “Grato, Deus lhe pague”. E a mulher de negro criou coragem e disse: “Água e pão não se nega nunca a um peregrino”. “E nem a um qualquer”, ele disse. “Mais água?”, ela perguntou, e quase tomava a moringa para encher de novo o copo. “Sim”, ele disse. “Mas depois”. E sorriu apenas.

E sem mais nada dizer pousou a um canto da parede da igreja de pedras a sua mochila e começou em silêncio a ajudar aos homens da aldeia e da festa.

“Perdeu-se do caminho?” Um velho em nome de todos indagou. “Não”. Ele disse. E para espanto de todos: “E eu acho que aqui nessa aldeia eu acabo de encontrar meu caminho”. E ele disse isso olhando de frente a moça Xoana. E ela não queria crer que fosse assim. Mas era. E o inesperado de repente pareceu ser também um enigma. Xoana estava por perto e ouviu o que ele disse. E viu nela os olhos dele. E ela baixou ainda mais os olhos e fingiu que nada ouvira do que ele disse. As outras moças riram e se entreolharam, como se a festa já tivesse começado a acontecer.

E aquele haveria de ser um sábado de uma pequena festa diferente.

E foi quando o moço disse em voz alta, como se um padre fosse, ou um pregoeiro. “se aqui em festa aqui eu fico por uma noite!” E ele dizia tudo de um modo vagaroso e dono de si-mesmo. Um jeito de dizer depois do que e ninguém saberia como dizer um “não”. E ninguém disse. Ele ficaria num dia da festa e se iria caminho afora, amanhã, domingo.

Mas, então, onde dormiria o estranho moço? O que oferecer a quem vem de não se sabe onde, e se apresenta sem convites e conhecidos para uma festa tão “nossa”? E então foi quando, constrangido e amistoso, um dos homens, viúvo e sem filhos, veio de seu canto dizer ao moço que na sua casa havia um lugar. Um alpendre onde ele poderia pernoitar antes de se ir embora no domingo. Afinal, não se nega pouso a um peregrino. Ainda mais um que chega e ajuda. “Agradeço”. Ele disse com outro sorriso. “Mas sou um peregrino e qualquer lugar debaixo de uma árvore é a minha casa”. E o homem não insistiu. E todos acharam aquele moço um ser estranho o bastante para poder ser um homem ruim. E em silêncio e ente olhares de segredos as pessoas concordaram que seria bom ter aquele moço em uma noite de festa na aldeia.

E veio o fim da tarde e o começo de uma noite da festa. As pessoas deixaram vazio o adro e nele ficou apenas o moço vindo de longe. Em cada casa todos trocavam pelas de festa de aldeia as roupas do trabalho. E mais tempo do que sempre, algumas moças demoraram diante dos espelhos. E enquanto se trocavam todas pensavam todas, o estranho moço-peregrino chegado de longe. E umas com a curiosidade de quem ainda guarda a menina na mulher, e outras ousavam imaginar em segredo trocas de corpos com ele. Devaneios de afetos que nem mesmo no tempo das confissões na igreja a um padre elas diriam.

Xoana também. Mas logo ela viu no espelho o seu rosto quase bonito, mas nem tanto. E desistiu de transformar em um penteado mais provocador o “rabo-de-cavalo” com que ela dar na escolinha do lugar as suas aulas.

“Para que?” ela pensou, enquanto tirava também do colo e do pescoço o colar único que tinha, e que de repente pareceu um inútil exagero.

Quem o merecia naquela noite? Ele, um estranho alguém que teria na noite e na festa outros mais cobiçáveis rostos e corpos a espreitar? Ou ela, a mocinha que se acostumara a não aumentar com recurso algum um rosto que se não era belo como o de duas ou três amigas, era, quando deixado em paz, tão sereno e bom de se ver?

Ela quase pensou em ficar em casa e não ir ao adro da festa. Mas foi. Afinal...

E não foi menor o seu espanto – era de verdade um dia de estranhos espantos – quando da janela do quarto, no fim da tarde que ainda havia, ela viu ao longe o moço meio que estender um pano, ou o que seja, sob a copa de uma árvore quase junto do adro da igreja, e sobre ele deitar o corpo, como quem está sozinho no segredo de um quarto seu.

E veio a festa. Ela seria maior amanhã, no domingo. Mas era agora a noite e de novo o adro se cobriu de luzes e de gentes do lugar. De fora vieram poucos, vizinhos de outra aldeias, parentes, amigos de perto. E veio o padre e ali se rezou a novena, e se cantou e comungou. E os que olharam para a porta de entrada viram ali o jovem de longe encostado a um dos lados do portal, como quem veio sem crer, mas querendo estar presente ali.

E quando a moça Xoana olhou também a porta, ela corou de ver que os olhos do moço buscavam os dela. Ela, sem ninguém visse, corou mais forte e tremeu. Não foi a primeira vez naquela noite. Não seria a última.

E acabada a missa também o rapaz veio estar com os da festa, como se dali fosse desde muito antes. E se os rapazes do lugar tribalmente o evitavam, logo uma quadra de moças o cercou. E a todas ele sorria sem custo, e dizia em sua língua algumas palavras simples, como ele mesmo era. E pouco respondia às perguntas das moças ao redor. Quem ele era? Como era o nome? De onde vinha? Porque tinha vindo até ali? Era casado ou nada? O que ele fazia na vida? E ele a tudo respondia entre poucas palavras, sorrisos e silêncios. E dizia: “até chegar a Santiago eu sou só um peregrino”. Era um professor, mas naqueles dias era só um moço que caminha. Se pudesse falaria em parábolas.

Entre todas as moças uma havia que era única. Angélica, Anxélica - de dois modos ela gostava de anunciar o seu nome. E ela era diferente de todas. Os olhos verdes e os cabelos claros, quase como se fosse a irmã do moço de longe. Havia nascido na aldeia e era filha de pais que saíram um dia e enriqueceram. Estudava agora, longe, e seria uma médica. Voltava uma, duas vezes ao ano com os pais à aldeia. E logo depois um dia ou dois ela ia embora.

E ela, a moça Angélica entre todas foi a chegou mais perto do moço. Queria que vissem que entre todas ali somente ela era a figura dele. E falou por todas e fez a ele as perguntas que as outras silenciavam. E foi quando viu que o moço peregrino falava com ela, mas estendia longe os olhos e buscava com eles a pessoinha de Xoana. Seria assim? Era.

E aconteceu que em uma outra pequena roda de moças mais simples, ela, Xoana, uma e duas vezes esticou com temores e tremores os olhos até o moço. E na segunda ou na terceira vez assustou-se por ver que os olhares de Xoana e Júlio se cruzavam. E mais ousou, e de novo olhou de longe e outra vez os olhos dela e dele se acharam no caminho.

Fosse o que fosse que ali acontecia, não era o acaso, embora o mais inesperado fosse. O que haveria de querer o moço cercado de moças outras, tão mais belas? Moças que entre ainda castas e já atrevidas, ao moço se ofereciam. E mais Anxélica, que alardeava os seus dons, e que com mínimos gestos insinuava ao moço de longe os dotes que ela poderia oferecer, se ele quisesse. Ele não quis. E então a já quase ira de uma moça foi o inesperado espanto da outra.

Pois Júlio murmurou às moças à sua volta algumas palavras de breve despedida e saiu da roda de Angélica e delas. E então cruzou o adro da igreja até parar na frente de Xoana. E, senhor de si, sem falar nada cravou nela os olhos e assim ficou por um tempo que para Xoana depressa passou de espantoso e desejável a terrível, insuportável quase.

Pois assim continuava a ser. A moça prisioneira dos olhos de alguém de longe estava a ponto de desesperar por não saber o que fazer. E foi quando o moço Júlio sorriu e perguntou. “Moça, qual é o seu nome?” E ela disse num fio de voz: “Xoana”. E ele: “Eu me chamo Júlio”. E mal ele calou, disse de novo: “E eu deixei o Caminho de Santiago para vir aqui perguntar se posso estar ao seu lado nessa festa”. Disse isso e toda a gente ao redor ouviu. E quando um lenço eu ele tinha caiu nos chão, não se sabe em nome do que foi a moça Xoana quem o recolheu. E ao invés de devolver ao moço o seu lenço ela guardou ele entre as mãos que tremiam.

E ela quis ser feliz e estava apenas assustada. Entre tantas moças por que ela, a professorinha da escola? Ela, a moça Xoana, aquela que tempos de antes e de agora rapaz algum dali ou de perto disse uma sequer palavrinha de ternura ou de desejo. E metade dela pisava em nuvens. Mas a outra queria sumir num buraco no chão. Mas há momentos em que nunca se sabe de onde, alguém responde ao inesperado com um tamanho arrojo.

E foi então que a Xoana veio a coragem de olhar de frente o rapaz, metade com espanto (a do buraco no chão), metade senhora de uma amorosa ira ( a das altas nuvens). E se ouviu na roda ela dizer: “Pois se o moço veio de tão longe e é de seu gosto, então fique”.

E só ela viu ela esconder sob o casaco as duas mãos que tremiam. Mas não. O moço viu e disse: “As suas mãos tremem, Xoana, e as minhas mãos

também”. E estendeu diante dela as suas duas mãos. E elas tremiam. E ali ficaram metade em silêncio, metade se dizendo e às outras moças as palavras que a gente inventa para falar quando não consegue dizer o que é preciso.

E por dentro ela sorria de saber que se ela não sabia o que dizer, o moço diante dela também não sabia. E, se soubesse, por que não dizia? E se tudo aquilo fosse apenas uma bromagem? Uma brincadeira de quem amanhã vai embora e não deixa nem o sinal do rastro? E se ele estivesse lhe usando para desafiar através dela as pequenas ousadias da moça Angélica? Melhor calar os temores e apenas viver o que ela vivia. Mas o que a moça Xoana vivia ali enquanto a noite da festa de longe parecia existir de um outro inesperado modo. De longe todos viam o que havia ali.

Mas como ser feliz de repente, mesmo correndo o risco de o inesperado ser a seu favor, pelo menos uma vez na vida. Uma vez na vida inteira ser ela a moça escolhida? Ora, será que os olhos do moço de longe queriam dizer a ternura em que, por tudo o que ela conhecia da vida, ela própria não podia ainda acreditar? Príncipes encantados e cinderelas existem apenas em histórias de crianças. E ela, professora de escola, criança já não era.

E foram aqueles momentos de luz e de escuro. Ele ali, um moço de longe, invasor da aldeia, da festa e de um momentinho da vida dela toda. Silencioso ele ficou, e parecia que bastava estar ali, e pronto. Ao lado dela estava como disse. E aquilo, aquilo só, ele humilde pediu a ela. E ela, silenciosa, retorcendo entre as mãos o lenço que era dele e escolhendo para fugir de si e do moço olhar ora a festa no adro, ora o chão de pedras, Xoana vivia a fortuna e o desespero da mistura de haver sido entre todas a declarada escolhida e de não saber o que fazer depois de haver sido a escolhida.

E era uma quase tortura o ter ao seu lado, silencioso, o moço peregrino que todas as moças que podiam cobiçavam. E, assim sendo a moça professora das crianças da aldeia não saber o que fazer do lenço, das mãos, dos olhos e da vida. E ela silenciava as palavras, de espanto e de medo, por não saber dizer a ele uma frasezinha que fosse. Nada. E assim se passaram minutos que ele contou como segundos e ela, como horas.

Até quando ela sentiu que sofria de ser feliz, mais do que se alegrava de sofrer o não saber o que fazer diante dele e de todo o mundo. E então, sem esperar nada de ninguém ela disse: “É tarde, eu já vou!”. E ele quis como quem se despede, tomar nas suas as mãos dela. E no desacerto do encontro das mãos ela, esquiva e agoniada de sentir que amava e temia o que queria, escorregou das mãos dela o lenço azul de Júlio. E ele devolveu o lenço a ela e disse; “fique é seu”. Tudo o que Xoana devia de fazer era dizer que não, que o lenço era dele, e pronto. Mas nem isso ela disse. Tomou de volta o lenço dele com as pontas dos dedos. Olhou de uma vez o céu, a festa, as pessoas e menos ele. Não podia. E ela se foi como quem foge de ser feliz. E de tudo ela sabia e não sabia.

E se festou noite afora. E as outras moças todas ficaram na festa mais tempo. E, longe de Júlio, entre risos e palavras boas e más comentavam o que houve e o que não houve. E a festa acabou como todas, entre prece, vinho e dança. E na madrugada, do alto da igreja uma velha coruja gostou que de novo não houvesse mais ninguém no adro. Todos foram dormir. Mas houve quem a noite inteira não dormisse.

Xoana chegou na casinha onde sozinha vivia com a mãe, viúva. E ela chorava de não saber o que sentir. E aconteceu que antes de ir dormir ela chegou na janela do quarto. Fazia frio de outono, mas ela abriu os vidros. E num repente, antes de pensar no que fazer, ela juntou nas mãos o lenço dele, apontou pra uma estrela com os braços estirados e disse, não sabe se a deus, às estrelas, a algum mago do amor, ou a uma fada ou feiticeiras do bosque: “que o inesperado aconteça! Já que houve, que continue havendo. Que esse moço peregrino seja meu!”. E foi dormir. E não dormiu.

E mal ela não sabia que o moço Júlio, debaixo da copa da árvore velava de não dormir a noite inteira também. Soubesse ela, e seria feliz. Mas não sabia e então repartia a inesperada felicidade com uma angustia doída que nunca em sua vida de moça de aldeia e professora havia sentido. E nem vivido.

E veio o amanhã, e era o domingo da festa na aldeia. E os que acordaram mais cedo naquela manhã de meio sol, meia chuva, logo viram que sob a copa da árvore não havia nada. Nem o moço e nem as coisas de peregrino dele. Foi-se. Foi embora de repente, como veio. Teria partido naquela noite mesma, ou no comecinho da manhã. E ninguém disse nada a outro alguém, mas toda a gente sentia agora falta do moço de longe.

E foi quando logo cedo ela quando soube da partida do peregrino errante Xoana sofreu em silêncio. Mas também num cantinho dela ela também se alegrou. Nunca ninguém havia dito a ela uma palavra que fosse de ternura com que um homem roça as mãos de uma mulher e lhe diz: “sabe? Eu...”.

Nada. O moço peregrino veio, fez o que fez, disse o que disse, deixou dele um lenço azul nas mãos dela. E como veio ele se foi. E, frio, o vento da manhã ventava.

No domingo da festa de novo o adro da igreja foi arrumado. E com flores novas todo o dentro da igreja. Não tão cedo na manhã haveria a “missa do santo”. Depois as famílias e as pessoas se arranjariam pelo adro, entre de novo mesas e barracas. E com festa se comeria fartos pratos e se beberia o bom vinho. E velhos e moças dançariam como sempre. E do moço peregrino se haveria de falar como nunca.

E mais ainda haveria o que falar. Pois da boca de um dos homens da aldeia que cedinho fora lançar anzóis e pescar peixes se ouviu do moço inesperado a mais rara notícia. Que ele não havia ido embora da aldeia. Nada. Pois estava lá na beira do rio. As tralhas de peregrino espalhadas em uma pequenina praia de areias. E ele, nu em pelo – e o homem exagerava a palavra “nu” – mergulhava

nas águas, nadava e se banhava. Coisa não tão rara entre os rapazes da aldeia. Mas estranha, impensável mesmo, em um moço peregrino de quem mal se sabia o nome.

As moças riram muito sem alardes quando a notícia viajou a aldeia inteira. Xoana soube do havido e não disse nada a ninguém. Dizer o que? Mas quem viu de perto, viu que ela havia corado, como se a nudez fosse a dela. Haveria surpresas naqueles dias. Mas ela não queria – e queria – pensar em nada do que houve. Quis jurar a ela mesma que de tudo o que houve queria esquecer quase tudo. Lembrar seria a felicidade. E seria depois o sofrimento. E como apagar a lembrança daquele rosto que buscava o seu na igreja e na festa? E aquelas mãos que guardariam as suas entre elas, se ela deixasse. E porque, tola, ela não deixou?

Teria o moço peregrino ido embora sem passar pela aldeia? Teria retomado o seu caminho? Teria tudo aquilo sido um estranho engano? Seria uma coisa de comentar agora e esquecer depois? Uma passagem que depressa se lembra e depressa se esquece? Não se soube, mas entre missa e vinho a vinda do moço foi o de que mais se falou ali no adro da festa do santo padroeiro.

E foi-se o domingo e acabou festa inteira. Agora era uma segunda feira. Um “Luns” na fala da gente de lá. E logo cedo sem conseguir lembrar de esquecer o que houve no sábado, a moça professora Xoana vestiu suas roupas de ir pra escola e se foi. E o inesperado estava de novo ali. E esperava por ela.

Mal ela abriu a porta da casa e agora sim, o seu espanto foi de um sem tamanho. Pois na frente dela estava o moço Júlio. E ele tinha a mochila nas costas e o seu chapéu de palhas na mão direita. Ela disse baixinho um assustado “bom dia”, e não soube dizer mais nada. E baixou os olhos e quis fazer como quem começa a andar para ir à escola. Mas ficou ali parada. E gelava mais que o vento. E pensou que tremia e ia... ia fazer o quê? E foi ele quem disse: “Xoana”. E repetiu o nome dela mais duas vezes, sem conseguir dizer outra palavra.

E foi então que o inesperado tomou um tamanho maior ainda. Pois olhando de frente o seu rosto, e os seus olhos, o moço disse: “Xoana. Tudo são destinos. E quando o inesperado acontece, então é o melhor destino”. E ela só disse: “e...”, como quem não sabe se pergunta ou não.

E ele disse isso então: Sabe? Acho que deixei o meu caminho e vim aqui pra aprender a amar você, Xoana...” E ela quis dizer uma palavra que fosse. Tudo era tão estranho. Quis falar uma pergunta. Não disse nada. Mas sem pensar deixou que o moço Júlio tomasse nas mãos dele as suas. Que tremiam. E não reagiu. Ele queria.. que assim fosse. E a palavra que ele disse foi “amar”. E era a ela, Xoana. E ela ainda nada não sabia o que dizer.

E depois ele disse: “Você vai pra sua escola... eu vou junto”. E deixou livres as suas mãos e se pôs ao lado dela. E foram. Foram indo. E ninguém dos dois sabia agora dizer palavra alguma. Doía o silêncio. E era bom. Quando inesperado, o amor parece mais incrível ainda, e pesa um tanto mais. E ela era

feliz como nunca havia sido. E quase desesperava de não saber o que fazer do que sentia.

Chegaram na escola. E nos olhos negros dela ele pôs os seus, azuis. E o moço peregrino disse então: “Xoana, agora eu sei. Quando eu desviei de meu caminho e vim parar na sua aldeia eu de nada não sabia por que eu fiz aquilo. Devia naquela noite ir dormir na Abadia de Samos e acabei dormindo aqui, debaixo de uma árvore. E agora eu sei que saí do Caminho e vim aqui para encontrar uma pessoa, você, Xoana. Acho que eu vim de longe para saber amar você. Pronto, agora eu disse tudo.

E ela quis dizer algo. Queria saber e não saber. Perguntar. Quem? O que? Por quê? E tudo o que soube dizer foi: “Sim, eu... Mas... é tão estranho... tudo.” E calou de não saber mais o que dizer.

E o moço com ternura tocou no seu ombro e disse isso: “Xoana, é o que não é estranho quando é o amor?” E ela só disse : “É...” . E agora tinha, com um pouquinho mais de coragem, os seus olhos colados nos dele

E ele disse mais. Disse que era um viajante de muitas estradas. Um professor também como ela, longe, “lá nas Américas”. E que ele viera fazer o Caminho de Santiago como o homem livre que sempre amou ser. E depois de Triacastela e antes de Samos tomou o inesperado caminho daquela aldeia fora do Caminho. E veio para de repente e de longe, descobrir sem esperar, nela, Xoana o amor.

E disse ainda: “Sei que amar me faz prisioneiro do amor. Preso a você, Xoana. É isto o amor, não é mesmo? E agora eu amo e tremo de temor do amor. E vou seguir em frente e fazer o meu Caminho até Santiago. Até o Fisterra. E vou caminhar, juro, pedindo ao Destino, a Deus e a Santiago que me livrem do amor que me faz não ser mais livre. Se eles me atenderem eu juro que me ajoelho diante do altar da Catedral de Santiago e agradeço a eles a minha liberdade.

Mas, se não for assim, você me espere, Xoana. Naquele mesmo caminho você vai me ver voltando. E se eu tomar as suas mãos como agora, e beijar cada uma delas sem dizer nada, então vai saber que o amor me venceu e eu voltei aqui para colocar nas suas mãos a minha liberdade... peregrina”.

E ela mal arrulhou: “Mas...” E ele disse: “Você me deixa ir? Você me espera?”

E foi então quando a mocinha professora da escola compreendeu que era ela, a moça Xoana, quem tinha nas mãos e num par de palavras o destino dos dois. Não ele, o moço de longe. Mas ela. Ela, Xoana. Dissesse ela um “não”. Um “tudo isso é uma lenda”. Ou: “Vai e não volta mais”, e pronto. Como um fim de festa no adro da igreja tudo se acabava ali, agora. Ela, a mocinha Xoana. Inesperada senhora do destino.

E então ela olhou dentro dos olhos do moço agora com a força da mulher amada, da amante, da fada e da fera. E disse isto: “Vai. Volta. Eu espero...”

E separou das dele as suas mãos e sem olhar para trás entrou pelo portão da escola. E ele também não olhou pra trás. E tomou o rumo do Caminho. Um cuco na árvore piava as oito horas da manhã. E nem da janela da sala de aulas ela quis ver o moço de longe partir para longe. Melhor às vezes não espiar quem falou do amor e desapareceu na estrada.

Naquele dia Xoana não soube como deu as suas aulas. Pisava no chão como quem flutua. Temia ouvir do relógio o passar das horas. Fazia as mesmas coisas de sempre como se fosse a primeira vez. Olhava o seu rosto e se achava bela. Era bela, pois alguém disse “aquilo”, e ela era amada. Seria? Ou fora tudo um engano? Uma brincadeira que um peregrino quis viver para escrever o que houve em uma página e meia do seu diário?

Queria ser feliz e sofria. Desejava sofrer, já que havia vivido o inesperado e agora temia que melhor teria sido nada haver vivido do que houve. Uma noite tocou os dois seios de uma outra maneira. Estavam duros, armados como quem espera. E pela primeira vez ela deslizou com delícias as mãos pelo corpo e se achou desejável. Era desejável. E se permitiu ter desejos. De noite deitava na cama e sonhava maravilhas e pecados. Era a mais pura das moças e a mais pronta para o que viesse. Ele que ousasse voltar.

E ela quis fazer da professorinha quase feia e casta por dever, a moça ardente e a fêmea feroz. Trancada no quarto teatralizava o que não sabia. Nos seus pequenos jogos de cenas solitárias ela duetava com ela mesma o amor que sonhava uma dia viver a dois. E esperava.

E o tempo passou. Com um velho “Guia do Peregrino do Caminho de Santiago” nas mãos ela contava os dias. De Samos a Santiago não seriam mais do que três dias, ou quatro, ou mais um. Se o moço Júlio demorasse em Santiago três dias, como era costume, seriam seis ou sete. Se fosse ao Fisterra, mais três, digamos, quatro. Seriam dez ou doze. Que seja! E como ele voltaria? De trem? De ônibus? Caminhando de volta? Mas... ele voltaria?

E na conta de cada dia ela somou quatro com três e sete com quatro. E somou onze com mais sete... e os dias foram mais e se passaram. E ela, feliz do que viveu sofria agora o que vivia. Foram vinte e um dias desde então. E ela desistiu de contar e desesperou de esperar.

Se a um deus ou a uma santa fez promessas não contou nada a ninguém. Mas fez, e não só uma. Deus sabe o que faz, ela se repetia, como um consolo. Mas até de Deus ela quis ter um pouco de raiva. Fora feliz uns dias e não merecia sofrer a vida toda de agora pra frente. Sofria e sabia que sofria. Ah, o moço peregrino!

Deixou de tocar entre desejos o corpo. Desistiu de na cama e fora dela representar cenas de um teatro que conhecia tão pouco. Escondia de manhã os olhos vermelhos de chorar noite adentro. Havia merecido uma gotinha de ser feliz. Pagava agora a conta do que não devia.

Algumas amigas da escola quiseram consolar a moça, quando se via sem perguntar que ela era triste. Quis ter raiva delas. As moças amigas que quase junto dela se sentiam também amadas pelo moço de longe, e que com Xoana contavam a cada dia mais um dia. E elas com Xoana começaram a descrever do que se esperava e não acontecia.

E ela quis começar a aprender a esquecer. No entanto descobriu na dor da perda do que não esperava, a alegria de sofrer. Sofria agora os dias todos por causa do que viveu em menos tempo do que o de uma festa de santo padroeiro em uma aldeia da Galícia. Era triste a cada dia, mas senhora da alegria do que recordava. Do moço não quis ter raiva alguma. E nem despeito e nem nada. Menos um sentimento de amor sem esperança por um alguém que nem prometeu que voltaria. E não voltava. Quantos peregrinos naqueles dias haviam de ter passado pelo Caminho de Santiago perto da aldeia? Quantos, menos o moço chamado Júlio? E Xoana quis desaprender de esperar. Mas quanto mais queria, mais lembrava. E esperava sem mais fé o inesperado.

Até que foi uma manhã.

Chovia fino e havia a névoa que os da Galícia chamam de “brêtema” – nome tão belo de se dizer. Havia a bruma da manhã e o dia era triste. Mas não seria assim sempre. Pois caminhando devagar pelo caminho da escola ela lembrou de olhar a estrada de terra que do Caminho vinha à aldeia. Tinha aprendido a reconhecer cada pedacinho do que via, de tanto haver olhado como quem agora vivia de esperar.

E, de repente pareceu a Xoana que pela estradinha do Caminho à aldeia um alguém vinha vindo. De longe alguém na bruma vinha andando. “Um alguém do lugar”, ela quis pensar, para não se iludir uma vez mais. Mas não. Eram outros os passos. E eram soltos e largos como os de um peregrino de longe. E aqueles passos ela conhecia de tanto os haver guardado dentro dela..

E a moça Xoana parou no seu caminho e esperou de novo o que de tanto tardar era outra vez inesperado. Pois fazia dias havia tanto querido desistir de esperar. E quem vinha estava perto, e vinha a cada passo em direção a ela. Agora ela sabia: era o moço peregrino. E era. E ele veio e chegou.

E foi como ele disse antes de se ir embora. Não disse nada. Tomou da moça professora as duas mãos entre as dele. E ela deixou, como quem se entrega inteira. E ele beijou as suas duas mãos. E então olhou dentro dos seus olhos e disse: “Voltei, Xoana”. E ela disse: “Eu sei. Eu esperei”.

E depois ele disse: “Xoana, você seria capaz de me amar como eu agora sei que amo tanto você?” E ela queria dizer palavras como ele. Queria formar frases. Mas disse só isso, e repetia: “Sim! Sim! Sim! Sim!” E a moça meio que sorria e chorava. E ele quase chorava também. E ela queria ser feliz, e era.

E de longe as crianças da escola tudo viam e de tudo riam. E mais longe um Cuco piou sete vezes. E Cuco e as Crianças brincavam de ser felizes também.

O que houve de inesperado começou a ser então o esperado.

Sabe-se na aldeia que ela foi embora um dia com ele. E foi pra longe abençoada pela mãe; casada a poder de padre e padrinhos; festejada e brincada pelas crianças; invejada por metade das moças de uma aldeia eu de então em diante ficou sendo mais feliz. Foram para longe: ele de mochila, ela com duas malas.

Em alguns anos, em tempos de Natal ou na festa do padroeiro os dois, e depois os quatro voltavam juntos à aldeia. Pois com o tempo nasceram duas crianças. A menina se chamou Júlia, ou Xúlia, e o menino, João, ou Xoán.

*E sentados em coro, sonriendo  
o inesperado esperamos que se levante  
levante o soplo do tempo fresco.  
Amancio Prada canta isto. Onde?*



## *A carta do apóstolo Tiago*

Era o ano de 1992. Era no Mundo todo, e de maneira especial na Espanha um ano que queira ser único. Comemorava-se em todo o País “Los 500 Años de la Conquista de América”. A Espanha dividia-se então entre grandes e suntuosas comemorações oficiais; momentos de estudos e de reflexões críticas a respeito do que houve antes, e do que continua acontecendo agora; e ações de franco e coletivo repúdio à “Conquista”.

Em Santiago de Compostela mesmo, com menos pompa e circunstância do que em Madrid e na Estremadura (região de onde saíram os “conquistadores”), as três situações atravessaram boa parte do ano de 1992. Em Trujillo participei do segundo momento. Em Santiago de Compostela estive presente em cerimônias do segundo e, mais ainda, do terceiro. Uma das iniciativas coletivas de protesto crítico havia sido organizada por estudantes e alguns professores e professores da Universidade de Santiago.

Ganhei de um estudante um desses colantes que se pode pregar em vidros ou folhas de papel. No desenho há uma grande cruz que é o seu centro. Nela está pregado não Jesus Cristo, mas um indígena. Na placa acima de sua cabeça onde na cruz conhecida dos cristãos está escrito: INRI, na cruz da AGENG – a organização que fez e divulgou o colante – está escrito: “Cultura Europeia”. Abaixo os que crucificam o indígena aparentam ser clérigos, soldados e outros emissários “do outro lado do oceano”. Acima, em letras grandes e já fora do desenho, em franco e pouco acadêmico galego está escrito: “Me cago no Vº Centenário”.

De um lado e do outro do Atlântico muito se disse, celebrou, protestou e escreveu. Eu mesmo me dediquei durante meses de Europa a escrever depoimentos que utilizava nas pequenas palestras “anti-colombianas” que vivi, entre janeiro e outubro, em cidades da Espanha e, mais ainda, da Itália. Meus depoimentos de 1992 estão reunidos em um livro. Tomando como metáfora uma antiga crença asteca, o livro tem este nome: *o Sexto Sol*.

Ainda em 1992, ao folhear ao acaso uma edição da Bíblia de Jerusalém, encontrada no lugar onde descansei por meia tarde e uma noite na Abadia de Samos, dias antes de chegar a pé a Santiago, deparei com a “Epístola do Apóstolo Tiago”.

Claro, entre a infância e agora, passei os dedos e os olhos por essa carta algumas vezes. Não me lembro de haver lido toda a carta alguma vez. Afinal, quase sempre quem chega às últimas páginas do Novo Testamento, se não estiver com pressa de chegar logo ao Apocalipse – que nunca me atraiu e convenceu, a não ser como momentos de misteriosa poesia – prende a sua atenção nas “Epístolas de Paulo”. As candentes cartas de Paulo de Tarso.

No entanto naquela noite eu esqueci Paulo e me dediquei a ler Tiago.

E agora me pergunto em nome do que terminar este livro de imaginários, de depoimentos pessoais e de poemas ao longo e ao redor do Caminho de Santiago com uma “carta apostólica”? Eu tenho dois motivos. A carta do Novo Testamento foi escrita por um homem chamado: Tiago. Seja ele quem for (e até hoje não se sabe ao certo quem ele foi), o fato é que tem o nome que é também o do Caminho que percorri, e o da Cidade e da Catedral para onde me dirigi desde Ponferrada.

Mas considero mais relevante o meu segundo motivo. E alguns momentos Tiago apóstolo escreve o que as outras cartas do Novo Testamento quase por completo esqueceram. Inclusive as de Paulo de Tarso.

Assim, um apóstolo por nome Tiago escreveu uma epístola. Uma das chamadas “epístolas” ou “cartas católicas”, isso é, “universais”. Outras cartas escritas por apóstolos que não Paulo de Tarso tomaram este nome porque não se dirigiam a alguma comunidade neo-cristã em especial (Tessalônica, Roma, Corinto), ou a uma pessoa (Tito, Timóteo). Elas estariam dirigidas a toda a então nascente universalidade dos primeiros cristãos, em tempos em que sequer com este nome – cristãos – eles se reconheciam. Profeticamente costumavam denominar-se “os do Caminho”, ou “nazaremos”.

Duas perguntas devem ser feitas sobre a “Epístola do Apóstolo Tiago”.

A primeira: quem dentre os “Tiagos” mencionados nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos teria sido o verdadeiro autor da carta? A Segunda: por que, mesmo tendo ela sido possivelmente escrita por outro que não o Tiago lembrado por uns, venerado por outros em Santiago de Compostela e em toda a Espanha, tão raramente ela é lembrada, lida ou dialogada, inclusive por peregrinos, tanto ao longo do Caminho de Santiago quanto já na cidade e na catedral? E, menos ainda, no ano de 1992.

Quando se leia as passagens que abaixo transcrevi aqui, se haverá de ver que elas retomam os momentos mais agudos e críticos das supostas ou reais palavras de Jesus Nazareno, em pelo menos dois dos quatro evangelhos canônicos. E não é preciso um esforço de memória muito grande para se perceber que entre séculos elas antecipam palavras e mensagens de pastores e profetas cristãos, entre alguns primeiros “padres da igreja” e os professantes e militantes da Teologia da Libertação, entre o peruano Gustavo Gutierrez e o catalão Pedro Casaldàliga.

Ao longo dos séculos foi sempre polêmica esta pequena e profética epístola universal. Ela demorou muitos anos para ser canonicamente aceita pelo cristianismo nascente, e para ser incorporada ao cânon do Novo Testamento. Por outro lado, sabemos já que a sua autoria é uma pergunta até hoje. A primeira “epístola universal” atribuída a um Tiago começa com estas palavras: “*Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo às doze tribos da Dispersão, saudações*”. Apenas por essas palavras ela deveria ser uma carta dirigida a

peregrinos do passado e de hoje. Pois ela foi dirigida aos que migraram, partiram e viveram desterrados longe de suas terras de origem.

Tiago, “irmão do Senhor” foi um dos apóstolos, e sucedeu a Pedro na direção da igreja nascente. Teria sido morto em 62. No entanto ele poderia ser um Tiago, “irmão do Senhor” e “filho de Alfeu”, também um dos doze discípulos e apóstolos.

No entanto:

*Outra tradição, que chegou a Compostela, na Espanha, identifica Tiago, irmão do Senhor, com Tiago, filho de Zebedeo e irmão de João, que seria o autor da carta.*

*Transparece nessas tentativas, a tendência para reduzir à unidade várias pessoas do mesmo nome e absorver os menos conhecidos ou menos importantes na figura do mais célebre.*

Transcrevi aqui, anos mais tarde, o que encontrei nas páginas 290 e 291 do livro *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, de Maurice Carrez e outros autores franceses, em tradução editada pela Paulus, de São Paulo, em 1987.

No entanto há dúvidas sobre se ela teria sido mesmo escrita por algum apóstolo dos primeiros tempos. O fato é que a “Carta de Tiago” foi toda ela redigida em um grego bastante elaborado e erudito. Alguns estudiosos consideram esta carta como o documento mais elegante e poeticamente escrito de todo o Novo Testamento. Ora, como esperar que algum galileu semianalfabeto e falante do aramaico e, possivelmente, de um precário hebraico, pudesse haver logrado expressar-se por escrito com tamanha eloquência? E em grego. Como? Mesmo acreditando-se que ele teria sido iluminado pelo Espírito Santo no episódio do Pentecostes.

No comentário de introdução à Epístola de São Tiago” da Bíblia de Jerusalém que tive em minhas mãos na Abadia de Samos, aparece uma outra dificuldade em atribuir a carta a qualquer um dos “Tiagos”, apóstolos de Jesus Cristo. Ela está no fato de que esta carta, ao contrário das outras, está carregada de passagens que certamente são uma leitura direta dos três evangelhos sinóticos: os de Marcos, Mateus e Lucas. Ora, os evangelhos, escritos anos mais tarde, sequer foram utilizados por Paulo de Tarso, cujas cartas são anteriores à carta de Tiago. Assim sendo, pode acontecer de a carta ser bastante posterior aos primeiros tempos do cristianismo.

No entanto, o que impressiona enquanto lemos a carta e lemos a introdução que a comenta longamente na Bíblia de Jerusalém, é que em momento algum justamente o que me parece mais essencial e original nela, é lembrado. E mesmo no “Ano do Vº Centenário” e em tempos contestadores animados e embalados por uma Teologia da Libertação. Ora, bem mais do que as outras, a Epístola de Tiago contém passagens que nos remetem diretamente a momentos cruciais dos evangelhos. Momentos em que Jesus proclama uma preferência divina pelos

“pobres da Terra”. Momentos em que ele se volta com palavras fortes contra os “ricos do Mundo”.

No capítulo 2, versículos 5-6, a carta fala de “ricos e pobres”, e remete a Mateus, 5,3 e a Lucas 6,24. Em 4,9 ela relembra palavras condenatórias de Jesus Cristo: “infelizes os que riem, eles chorarão”, encontráveis em Lucas, 6,25. Mais adiante, e com mais força de juízo, em 5,1, temos “ai de vós, ricos”, que lembra Lucas 6,24.

Não conheço nem mesmo nas várias epístolas de Paulo depoimentos tão diretos em favor dos pobres e contra os ricos e os seus poderes e maldades. E eu lamento não haver lembrado de ler em público as passagens atribuídas a um Santiago que dá nome à cidade para onde eu caminhava. Não a recordei em momento algum, em meio aos depoimentos fortes e críticos que dei a respeito da atualidade das desigualdades, injustiças e opressões dos “ricos e poderosos” sobre os “pobres da Terra” nos dias de hoje. Não li as palavras serenas e inflamadas ao mesmo tempo, em Tiago. Não me lembrei de palavras de uma denúncia tão absolutamente atual nos dias de ontem e de hoje, aqui na Galícia e na Espanha, nos momentos em que na Universidade de Santiago e fora dela, fui chamado a dar o meu “testemunho de um latino-americano” no festejado e contestado “Ano dos 500 Anos da Conquista da América”.

Assim, ao quase finalizar este livro de memórias, imagens e depoimentos, que pelo menos agora eu transcreva aqui as passagens que foram esquecidas em minhas falas. Palavras que em momento algum ouvi sendo lembradas “no Caminho” e em Santiago. Como um testemunho de “peregrino latino-americano”, quero deixar aqui por escrito palavras que me parecem em alguns momentos valerem bem mais do que as inocentes imagens com que caminham tantas pessoas ao longo do Caminho.

E que esta última travessia do livro termine com palavras de um espanhol “do outro lado da Espanha” para quem está na Galícia. Pedro Casaldàliga, um padre, poeta, profeta que trocou a generosa Catalunha pelas terras tropicais e conflituadas (até hoje) do Mato Grosso. Um homem de quem desfruto a amizade, e cuja presença, palavra e testemunho de vida me alimentam sempre, tantos anos depois.

Antes de chegar à sequência da Carta de Tiago, trago aqui uma passagem da página 300 do livro lembrado acima.

*Além disso, Tiago não se contenta com acusar os ricos e condenar a riqueza, mas aproveita várias ocasiões para sublinhar a dignidade dos pobres e a vantagem que a pobreza pode representar, como se, para ele, existisse relação estreita entre ser pobre e ser cristão. Para qualquer condição humana, ser cristão já é uma espécie de exaltação, porque “Deus escolheu os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros de Deus”. Os verdadeiros ricos não são tidos como*

*tais. E o Senhor está do lado dos que são oprimidos e tratados injustamente.*

Sem mais comentários transcrevo aqui, em minha tradução, as passagens da Carta de Tiago em que as ideias acima foram diretamente escritas.

*2- 1 a 4 – Meus irmãos, a vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir a acepção de pessoas. Assim, pois, se entrarem em vossa reunião duas pessoas, uma trazendo anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com suas roupas sujas, e derdes atenção ao que se traja ricamente e lhe disseres: “Senta-te aqui neste lugar confortável”, enquanto dizes ao pobre: “Tu, fica em pé aí”, ou então, “senta-te aí abaixo do estrado dos meus pés”, não estais fazendo vós mesmos uma discriminação? Não vos tornais juízes com raciocínios criminosos?*

*2-5 a 7 – Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? E, no entanto, vós desprezais o pobre! Ora, não são os ricos que vos oprimem, os que vos arrastam aos tribunais? Não são eles os que blasfemam contra o nome sublime que foi invocado sobre vós?*

*4 – 13 a 17 – E agora, vós que dizeis: “hoje ou amanhã iremos a tal cidade, passaremos ali o ano, negociando e obtendo bons lucros. E, no entanto, não sabeis nem mesmo o que será da vossa vida amanhã! Com efeito, não passais de um vapor que se vê por alguns instantes e depois logo se desfaz. em vez e dizer: “Se o Senhor quiser, estaremos vivos e faremos isso e aquilo”. Vós vos jactais de vossas fanfarronadas! Ora, toda a jactância desse gênero é má. Assim, aquele que sabe fazer o bem e não o faz incorre em pecado.*

*5 – 1 a 6 – Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão por vos sobrevir. A vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças. o vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados e a sua ferrugem testemunhará contra vós e devorará as vossas carnes. Entesourastes como que um fogo nos tempos do fim. Lembrai-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. Vivestes faustosamente na terra e vos regalastes; vós vos saciastes no dia da matança. Condenastes o justo e os pusestes à morte: ele não vos resiste.*

Quase dois milênios mais tarde um outro apóstolo, talvez até mesmo um profeta, pelo que anunciava desde as areias das beiras do rio Araguaia, e pela coragem com que proferia o seu anúncio, Pedro Casaldáliga, disse e escreveu esta outra mensagem aos da diáspora.

*Porque seu braço intervém historicamente  
por intermédio de nossos braços,  
inseguros mas livres;  
porque um dia intervirá definitivamente, Ele.  
Porque é ele que estraçalha  
os projetos das multinacionais  
e sustenta a fé dos pequenos  
que se organizam para viver humanamente.  
Porque acaba com os lucros  
dos cofres dos capitalistas  
e abre espaços comunitários  
para o plantio, a educação, a festa  
em favor dos deserdados.  
Porque derruba dos tronos todos os ditadores  
e sustenta a marcha dos oprimidos  
que rompem as estruturas em busca de Libertação.*

***Com Deus no meio do Povo***

*Coleção espiritualidade no conflito – 2*

*Edições Paulinas – São Paulo – 1985 – pg. 55*



***Escritos da Sequência Galega***

***Aldeas – escritos e imaxes da Galícia Tradicional – Santa Maria de Ons – Brión***  
2003, Editorial Toxosolto, Noia

***O Caminho da Estrela***  
2009, Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia

***A Senda da Estrela***  
2009, Editorial Toxosolto, Noia

***Crônicas de Ons***  
1992/2016-17

***Com o Sol do Outono sobre os Ombros***  
1992/2016-17

***O Corpo Coberto de Cores - imagens, sons e memórias de festas de cidades e de aldeias da Galícia***  
1992/2017

***O Caminho do Fim do Mundo***  
1992/2017

***Uma Estrela, um Caminho, um Peregrino***  
1992/2017

***Vida Peregrina - trilhas derivas travessias***  
1992/2018

***Breviário do Norte***  
1996/2017

***Aldeias da Amahia – rostos gestos***  
1992/2017

***Festa Galega***  
1992/2017

***Diário de Galícia***  
1992/2017

***O Sexto Sol***  
1992

*A dupla data de quase todos os livros refere-se ao ano em que de algum modo começaram a ser redigidos a mão durante o primeiro ano em que vivi na Galícia, e os anos ou o ano da redação final.*



